Deus está presente na História 3

Pastora Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara Ágape
https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html

Deus está presente na História 3

(Imperadores Romanos de Constantino até a queda do Império Romano, Imperadores Bizantinos, Igreja Católica e Ortodoxa)

Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico

Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo - SP - Brasil - Abril 2016

Eu Te agradeço, Senhor, por me fazer ver que em Ti há justiça e que os Teus olhos estão sempre atentos aos Teus santos na terra.

Dedico este livro a todos os irmãos em Cristo que têm coração disposto a obedecer e uma boca ousada para proclamar a Sua verdade entre os homens.

“Então, olhando ele para os seus discípulos, disse-lhes: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus. Bem-aventurados vós, os que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, os que agora chorais, porque haveis de rir. Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu; pois dessa forma procederam seus pais com os profetas. Mas ai de vós, os ricos! Porque tendes a vossa consolação. Ai de vós, os que estais agora fartos! Porque vireis a ter fome. Ai de vós, os que agora rides! Porque haveis de lamentar e chorar. Ai de vós, quando todos vos louvarem! Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas” (Lc 6: 20-26).

Índice

Introdução 6
Imperadores Romanos 4 8
• Dinastia Constantiniana 8
• Concílios ecumênicos 16
• Bispos romanos e papado 20
Imperadores Romanos 5 24
• Dinastia Constantiniana 24
• Dinastia Valentiniana 30
• Dinastia Teodosiana 35
Imperadores Romanos 6 43
• Os últimos imperadores do Império Romano do Ocidente 43
• Dinastia Leonina 56
Imperadores Romanos 7 64
• Dinastia Justiniana 64
• Lista dos imperadores romanos do Ocidente 71
• Lista dos imperadores Bizantinos 74
• Igreja Católica Apostólica Romana e Igreja Ortodoxa 78
• **Conclusão** sobre Roma e Imperadores 80

Notas:
• As palavras ou frases colocadas entre colchetes *[ ]* ou parêntesis *( ),* em *itálico*, foram colocadas por mim, na maior parte das vezes, para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham [não estão em itálico].
• A versão evangélica aqui utilizada é a 'Revista e Atualizada' de João Ferreira de Almeida, 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil.
• NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).
• Fonte de pesquisa para textos e imagens: Wikipedia.org
• Fonte de pesquisa para imagens: crystalinks.com
• E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com

Introdução

Este livro é o terceiro livro da série "Deus está presente na História", continuando a falar sobre Roma e os imperadores romanos, agora a partir de Constantino e a dinastia Constantiniana.

No primeiro livro foi comentado sobre o Período Intertestamentário e, em seqüência, o período Helenístico, que teve início com Alexandre, o Grande, da Macedônia, e a divisão do império após sua morte, entre seus quatro generais. Depois, passamos a entender a profecia de Daniel 11: 1-45 sobre os Selêucidas e Ptolomeus e os tempos do fim, com o surgimento do Anticristo. Depois, estudamos sobre o período da Grande Tribulação e o arrebatamento da igreja, além do juízo de Deus sobre o mal.

No segundo livro começamos a falar sobre Roma e porque o Senhor a chama de meretriz no livro de Apocalipse e condena toda a idolatria que ela esparramou pelo mundo naquela época.

Neste terceiro volume vamos continuar a estudar sobre Roma e os imperadores romanos, agora a partir de Constantino, pois a História o coloca como o primeiro imperador romano a professar o Cristianismo.

Como eu disse na introdução do primeiro livro, ele é, por assim dizer, uma viagem através dos séculos, desde a época de Daniel na Babilônia e na Pérsia, já profetizando em relação aos dias de hoje, passando pelo Período Intertestamentário e atravessando o período do império Romano, onde a igreja que foi iniciada por Jesus quase foi à extinção, devido às heresias e à distorção da Sua palavra por homens que tinham o costume de misturá-la com a idolatria.

Com o início do Império Romano, sob o reinado de César Augusto, não somente Israel, mas todo o mundo daquela época sofreu uma grande transformação. Foi durante o reinado de César Augusto (29 AC-14 DC) que Jesus nasceu trazendo a luz que a humanidade necessitava para se libertar da escravidão espiritual à qual estava presa.

Quando a bíblia chama Roma de meretriz ('Babilônia, a grande, a mãe das meretrizes e das abominações da terra' – Ap 17: 5), nós não fazemos idéia do que isso significa até estudarmos sobre os seus imperadores e sobre a idolatria que havia ali, ainda sob influência grega e persa de séculos passados e de Principados das trevas que influenciaram o nascimento da Igreja Católica e, conseqüentemente, o mundo, pois foram os representantes dela que divulgaram o Cristianismo no final da Antiguidade e no período da Idade Média. Quando lemos sobre o Império Romano, entendemos melhor as profecias de Daniel, em especial sobre o quarto animal (Dn 7: 7; Dn 7: 19; Dn 7: 24)

Apesar de todas as coisas ruins que você leu no livro anterior e ainda vai ler em alguns capítulos deste volume, há algo bom a ser dito: a longanimidade de Deus existe. Quem mais esperaria tantos milênios para que uma humanidade se arrependesse e se voltasse para a verdadeira luz?

Espero que goste da leitura e que o Espírito Santo possa lhe revelar alguns segredos do mundo espiritual.

Que a luz do Senhor esteja sobre você.

Tânia Cristina

Volumes 1 e 2 deste livro:
https://www.searaagape.com.br/deusestapresentenahistoria1.pdf
https://www.searaagape.com.br/deusestapresentenahistoria2.pdf

Imperadores Romanos 4

Depois da tetrarquia instituída pelo imperador Diocleciano (284-305), começou a era de Constantino I ou Constantino, o Grande. A era de Constantino marcou uma época distinta na história do Império Romano. Ele construiu uma nova residência imperial em Bizâncio e rebatizou a cidade como Constantinopla, segundo o seu nome, o que significou a mudança do centro do poder imperial do Ocidente para o Oriente. Em particular, o reinado de Constantino foi importante pelo apoio que deu ao Cristianismo, que em poucas décadas se tornou a religião preferida do Estado. Entretanto, ele só foi oficialmente legalizado mais tarde, em 27 de fevereiro de 380 DC por Teodósio I, através do Édito de Tessalônica, quando se estabeleceu que a partir daquela data o Cristianismo Niceno se tornaria exclusivamente a religião de estado no Império Romano, abolindo todas as práticas politeístas e fechando templos. O Cristianismo Niceno (Concílio de Nicéia – 325 DC) confirmou que Cristo é 'Deus verdadeiro' e 'de uma essência com o Pai'. Como o tema sobre Constantino nos leva, infalivelmente a outros, eu colocarei aqui apenas os detalhes da vida deste imperador. Em outro capítulo nós prosseguiremos com os outros membros da Dinastia Constantiniana.

Assuntos deste capítulo: Papado, os Primeiros Concílios do Cristianismo, a Santíssima Trindade, o lábaro ou Cristograma de Constantino, o arco de Constatantino, Nestorianismo, Arianismo, Sabelianismo, Nestório (428–431, o patriarca de Constantinopla), Sabélio (início do século III, um teólogo cristão), Theotókos, anthropotokos, Christotokos, diofisismo, monofisismo, miafisismo, monotelismo, iconoclastia, flâmines, virgens vestais e o Altar da Vitória no Senado.

XI) A Dinastia Constantiniana (324-364 DC): Constantino, o Grande (r. 324-337), como único imperador / Constantino II (r. 337-340, como Augusto da Hispânia, Gália e Britânia) / Constante (ou Constante I) como Augusto da Itália, Ilírica, África (r. 337-350) / Constâncio II (como Augusto da Ásia e Egito – 337-350, e como único imperador – 350-361) / Juliano (360-363) / Joviano (363-364).

Constantino I

1) Constantino I, também conhecido como Constantino Magno ou Constantino, o Grande (Flávio Valério Aurélio Constantino) – r. 305-337. Reinou como único imperador (324-337). É conhecido como São Constantino (na Igreja Ortodoxa, 'Igual aos Apóstolos').

Nome de nascimento: Flávio Valério Aurélio Constantino (Flavius Valerius Aurelius Constantinus)

Nome como Imperador: César Flávio Valério Aurélio Constantino Augusto (306-312 como Augusto do Ocidente; 312-324 em disputa com Licínio, o Augusto do Oriente; 324-337 como imperador do império unificado)

Título: Imperatori Caesari Flavio Constantino Maximo Pio Felici Invicto Augusto Pontifici Maximo, Germanico Maximo III, Sarmatico Maximo, Britannico Maximo, Arabico Maximo, Medico Maximo, Armenico Maximo, Gothico Maximo, tribunicia potestate XIIII, imperatori XIII, consuli IIII, patri patriae, proconsuli, Flavius Terentianus vir perfectissimus praeses provinciae Mauretaniae Sitifensis numini maiestatique eius semper dicatissimus.

Tradução: Imperador César Flávio Constantino Máximo Piedoso Feliz Invencível Augusto, pontífice máximo, Germânico Máximo (Guerras Germânicas), Sarmático Máximo (se referindo aos Sármatas, povos de tribos iranianas localizadas na fronteira ocidental da Cítia além do rio Tánais ou Don), Britânico Máximo (se referindo aos bárbaros na Britânia), Arábico Máximo (se referindo aos Árabes; na verdade uma guerra que ele nunca empreendeu), Médico Máximo (se referindo aos Sassânidas, antiga região Medo-Persa; na verdade uma guerra que ele nunca empreendeu. Essa guerra ocorreu no reinado de seu filho Constâncio II e de Juliano – 337-363), Armênio Máximo (se referindo à Armênia, mas a História não faz referência a essa guerra em seu reinado), Gótico Máximo (por derrotar os Godos), Tribunicia Potestate XIIII, imperador XIII, cônsul IIII, Pai da Pátria, Procônsul, Flávio Terenciano um presidente perfeito da província da Mauritânia Sitifence divindade e sua majestade sempre dedicado.

• Flávio Terenciano era provavelmente um prefeito da região, nomeado por Roma. Seu nome é dificílimo de ser encontrado como um personagem da História na época.

• Tribuniciae Potestatis, em latim, é escrito em italiano como Tribunicia potestas ou tribunicia potestate, que significa o poder dado aos tribunos do povo na Roma antiga. Desde a época de Augusto César, o título também foi dado a todos os imperadores romanos, e isso se baseava nas sacrossantas implicações do cargo de tribuno. Este título garantia ao imperador a inviolabilidade de seu cargo, bem como lhe dava a oportunidade de legislar livremente.

• Mauritânia Sitifence era a terceira província da Mauritânia (Mauritânia Cesariense, Mauritânia Tingitana e Mauritânia Sitifence, ou Mauritânia Romana) criada no governo de Diocleciano, pela divisão da pequena região de Sitifense da Mauritânia Cesariense para formar a nova Mauritânia Sitifense, com a capital na cidade de Setifis ou Setif, uma pequena cidade da Argélia.

Região da Cítia, onde vivam os Sármatas

As três regiões da Mauritânia com suas capitais: Setifis ou Setif, Cesaréia e Tingis

Pai: Constâncio Cloro ou Caio Flávio Valério Constâncio (Gaius Flavius Valerius Constantius Herculius Augustus) ou Constâncio I

Mãe: Helena de Constantinopla. Ela era de origem grega, mas também cristã.

Esposas: Minervina e Flávia Máxima Fausta (filha de Maximiano), com quem ele se casou por um acordo político em 307 DC, quando ela tinha dezoito anos de idade, mas eles já estavam prometidos desde 293 DC. Constantino tinha 35 anos na época.

Filhos:

Com Minervina:

• Crispo: Flavius Julius Crispus (morreu 326, com 20 anos de idade), também conhecido como Flavius Claudius Crispus e Flavius Valerius Crispus. Ele foi proclamado César junto com seu meio-irmão mais novo Constantino II e seu primo de primeiro grau, Licínio Júnior. Como Constantino II tinha apenas um mês de idade no momento deste anúncio, apenas a Crispo assumiu as funções como comandante na Gália. Crispo casou com uma jovem chamada Helena e teve um filho, cujo nome é desconhecido, bem como o seu destino. Crispo era muito amado pelo exército e foi vitorioso sobre os francos. Ele ajudou Constantino na guerra contra Licínio e foi nomeado comandante da frota imperial. Entretanto, em 326, por ordem do seu próprio pai, Crispo foi julgado e condenado à morte, na comemoração do 20º ano do reinado de Constantino em Roma. Logo depois, Fausta também foi morta pelo imperador. Ela morreu com 37 anos de idade, sufocada em um banho superaquecido (326 DC). Alguns historiadores sugerem que isso ocorreu pelo ciúme de Fausta, que temia que Crispo pudesse se tornar herdeiro do trono e conspirou contra ele, mentindo para Constantino. Outras fontes dizem que ela e Crispo tiveram um caso amoroso; por isso, Constantino os assassinou. O banho quente era uma técnica da época para provocar o aborto, o que sugeriria um filho indesejado, provavelmente fruto do adultério. O imperador ordenou um 'damnatio memoriae' de sua esposa e do seu filho. Damnatio memoriae, em latim, significa: 'danação da memória', no sentido de remover da lembrança. Era uma forma de desonra que podia ser passada pelo senado aos traidores ou outros que trouxessem vergonha ao Estado romano.

Com Flávia Máxima Fausta:

• Constantina (também chamada de Constância e Constantiana) se casou com seu primo Hanibaliano, filho de Flávio Dalmácio, que era meio-irmão de Constantino. Recebeu do pai o título de Augusta e depois de morta, foi venerada como uma santa, Santa Constância (em italiano, Santa Constanza). Não se sabe se seu marido Hanibaliano morreu durante a eliminação em massa da família por Constâncio II em 337 DC, após a morte de Constantino. Então, ela foi dada em casamento a Flávio Cláudio Constâncio Galo (Flavius Claudius Constantius Gallus), primo de primeiro grau de Hanibaliano. Galo tinha 25-26 anos na época, bem mais novo que Constantina. Este casamento lhe deu uma filha chamada Anastácia, cujo nome completo e destino são desconhecidos.

• Constantino II (Flávio Cláudio Constantino): provavelmente não se casou, nem teve filhos. Morreu em disputa com os irmãos, após a morte de Constantino I.

• Constâncio II – sua primeira esposa era meia-irmã do imperador Juliano, o apóstata, e filha de Júlio Constâncio, filho de Constâncio Cloro e meio-irmão de Constantino. Constâncio II não teve filhos com esta primeira esposa (nome desconhecido). Casou-se com Flávia Aurélia Eusébia (nascida de uma família grega da Macedônia), e também não teve filhos com ela. De sua terceira esposa Faustina (que deu à luz depois da morte de Constâncio), ele teve uma filha chamada Flávia Máxima Faustina Constância, que mais tarde se casou com o imperador Graciano.

• Constante I, que se casou com Helena, sua irmã, filha de Constantino com Flávia Máxima Fausta

• Helena, que se casou com Constante I, seu irmão, e depois foi esposa do futuro imperador Juliano (seu primo, filho de Júlio Constâncio, meio-irmão de Constantino). Helena não teve filhos com Juliano. Ela morreu no massacre da família, decretado pelo irmão Constâncio II.

Meio-irmãos:

1) Flávio Dalmácio. Ele se casou com uma mulher de nome desconhecido e teve dois filhos:

• Flávio Hanibaliano, que se casou com Constantina

• Flávio Dalmácio (Dalmácio César), que morreu em 337, deixando os seus territórios para Constante e Constâncio

2) Júlio Constâncio, que se casou com Galla e teve três filhos:

• Flávio Cláudio Constâncio Galo (Flavius Claudius Constantius Gallus), que por sua vez, casou com a prima Constantina (filha de Constantino I), mas não teve filhos com ela

• Um filho desconhecido, que morreu durante o massacre da família em 337

• Uma filha, que se casou com seu primo Constâncio II (nome desconhecido)

Júlio Constâncio também se casou com Basilina e teve um filho, Juliano (Flavius Claudius Julianus), o futuro imperador, Juliano, conhecido como o apóstata.

Meia-irmãs:

• Anastácia, que se casaria com o senador Bassiano, mas o casamento nunca foi realizado porque Bassiano se envolveu numa trama para matar Constantino I e foi morto.

• Flávia Júlia Constância (esposa do imperador Licínio)

• Eutrópia (esposa de Vírio Nepociano e mãe de Nepociano, um usurpador romano por breve período, governando na cidade de Roma por apenas vinte e oito dias até que Marcelino, o general do também usurpador Magnêncio, acabou com a sua vida).

Morte de Constantino: 65 anos de idade (272-337). Constantino I morreu a 22 de maio de 337 DC, quando preparava uma campanha militar contra os sassânidas. O

Império Sassânida foi o último Império Persa pré-islâmico, governado pela Dinastia Sassânida (224-651 DC) e sucedeu o império parta, ao leste.

Constantino lutou com sucesso contra os francos e alamanos, os visigodos e os sármatas durante boa parte de seu reinado, mesmo depois do reassentamento de Dácia, que havia sido abandonada durante o século anterior.

Depois de uma série de disputas pelo poder entre os imperadores da tetraquia de Diocleciano, Constantino teve que enfrentar o sogro Maximiano (pai de Fausta). Ele subiu ao trono e foi reconhecido formalmente por Galério como Augusto em 310, mas se solidificou quando derrotou seu cunhado Magêncio, o usurpador, irmão de Fausta, na Batalha da Ponte Mílvia ou Ponte Mílvio, em 28 de outubro de 312, perto de Roma, uma vitória que ele mais tarde atribuiu ao Deus cristão por causa de um sonho que teve na noite anterior à batalha; entretanto, não abandonou sua adoração ao deus Sol Invictus, mantendo sua imagem como símbolo principal em suas moedas até 315. Assim, Constantino entrou para a História como primeiro imperador romano a professar o Cristianismo.

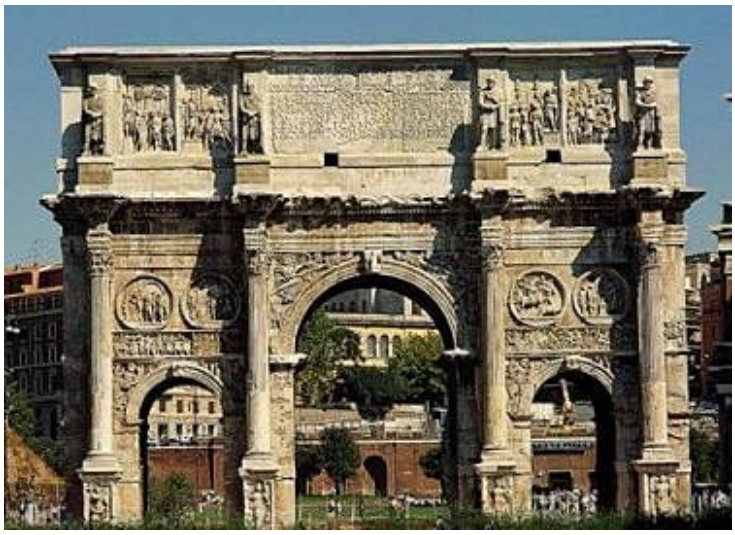
Esta é a Ponte Mílvia ou Mílvio (2005) sobre o Tibre, ao norte de Roma, onde Constantino lutou contra Magêncio.

O Arco de Constantino dedicado pelo Senado foi erigido para celebrar esta vitória. Ela lhe trouxe o título de Augusto Ocidental e ela foi reconhecida por Licínio, o único Augusto Oriental remanescente, após 313 DC. O arco foi cuidadosamente posicionado entre o monte Palatino e o monte Célio, de modo a alinhá-lo com a estátua colossal do Sol construída por Nero (r. 54–68) e situada no Coliseu. Nele ainda há uma inscrição, exposta nos lados norte e sul, na qual se associa a vitória com a intervenção divina:

A principal inscrição no topo teria sido originalmente de letras de bronze. Ela ainda pode ser lida facilmente; apenas os recessos em que as letras estavam assentadas e os seus orifícios de fixação permanecem. Lê-se, assim, de forma idêntica em ambos os lados, norte e sul (com as abreviaturas concluídas entre parêntesis):

IMP(eratori) · CAES(ari) · FL(avio) · CONSTANTINO · MAXIMO · P(io) · F(elici) · AVGUSTO · S(enatus) · P(opulus) · Q(ue) · R(omanus) · QVOD · INSTINCTV · DIVINITATIS · MENTIS · MAGNITVDINE · CVM · EXERCITV · SVO · TAM · DE · TYRANNO · QVAM · DE · OMNI · EIVS · FACTIONE · VNO · TEMPORE · IVSTIS · REMPVBLICAM · VLTVS · EST · ARMIS · ARCVM · TRIVMPHIS · INSIGNEM · DICAVIT

“Para o Imperador César Flávio Constantino, máximo, pio, feliz, augusto: porque, inspirado por [uma] divindade, e pela grandeza de sua mente, ele salvou o estado do tirano e todos os seus seguidores, ao mesmo tempo, com seu exército e apenas da força de armas, o Senado e povos de Roma dedicaram este arco, decorado com triunfos”.



Arco de Constantino com a inscrição no lado sul do Arco

A expressão ‘inspirado por [uma] divindade’ (‘instinctu divinitatis mentis’) diz respeito a um sonho que ele teve do Deus cristão, no dia anterior à batalha contra Magêncio, no qual ele foi aconselhado para marcar o sinal celestial de Deus nos escudos dos seus soldados. O sinal continha duas letras do nome Cristo em grego (Christòs, Χριστός). As duas primeiras letras deveriam ser escritas: Chi (χ) e Rho (ρ); assim, o símbolo ficaria como a imagem que você vê abaixo. De manhã, um pouco antes da batalha, mandou que pintassem o sinal nos escudos dos soldados e conseguiu uma vitória esmagadora sobre o inimigo. Outra versão histórica diz que no mesmo dia da batalha contra Magêncio, ao marchar ao meio-dia, Constantino viu com seus próprios olhos nos céus uma cruz decorrente da luz do sol, e nela estava escrito em latim: ‘In hoc signo vinces’ = ‘Sob este símbolo vencerás’. Uma terceira versão dos fatos diz que Constantino teve um sonho na noite seguinte à batalha, em que Cristo apareceu dizendo para colocar o sinal no estandarte (lábaro) da sua tropa (o ‘labarum de Constantino’). O

estandarte do exército romano consistia numa bandeira suspensa sobre uma barra transversal como a de uma cruz, simbolizando a crucificação de Cristo. As fontes antigas dizem que há uma distinção entre o lábaro (labarum) e o cristograma (Chi-Rho), entretanto, passaram a ser sinônimos. A origem etimológica da palavra latina 'labarum' é incerta e não explica o simbolismo do estandarte. Só após 317 é que ele passou a adotar claramente lemas e símbolos cristãos, como o 'labarum de Constantino'. Tudo isso faz parte do mito Constantino com sua iconografia imperial e propaganda de si mesmo.

Cristograma de Constantino

O sinal divino no estandarte e no escudo

No entanto, no momento da sua entrada triunfal em Roma em 312, Constantino recusou-se a subir ao Capitolino (uma das sete colinas de Roma dedicada ao deus Júpiter) para lhe oferecer culto, atitude que repetiria nas suas duas outras visitas solenes à antiga capital para a comemoração dos jubileus do seu reinado, em 315 e 326 DC. Talvez ele tenha adotado o Cristianismo por influência de sua mãe que, embora grega, era também cristã.

Mas apesar de seu batismo, logo antes do momento de sua morte, há dúvidas se Constantino realmente se converteu ao Cristianismo, pois continuou a zelar pela religião

pagã, protegendo seus direitos. Dizem algumas fontes históricas que no dia anterior ao da sua morte, Constantino fizera um sacrifício a Zeus, e que, sabendo do significado do batismo em relação à purificação dos pecados cometidos anteriormente, reconheceu que como imperador, suas chances de pecar eram grandes e resolveu não 'desperdiçar' esta prática antes de ter realmente chegado ao fim de sua vida. Em palavras bem claras, não entendeu nada do significado da morte de Jesus, nem do significado do batismo de arrependimento como uma graça oferecida gratuitamente por Deus. O orgulho da carne prevaleceu. Até o último dia de sua vida usou o título pagão de pontífice máximo (pontifex maximus). O pior de tudo é: Constantino foi batizado por um bispo ariano, Eusébio de Nicomédia. O **arianismo** é uma visão herética de Cristo criada por Ário (c. 250-336 DC), um presbítero cristão de Alexandria, nos primórdios da Igreja Primitiva e que negava a Trindade e a divindade de Jesus, ou seja, Ele era aceito como o Filho de Deus, mas não era igual a Deus Pai, portanto, não era Deus. Ele estaria subordinado a Deus, mas não era Deus. Assim, a tese ariana diz que o Filho de Deus, Jesus de Nazaré, e Deus Pai seriam de substâncias (em grego: ousia) diferentes.

Tanto **Constantino I** quanto seu filho e sucessor **Constâncio II** demonstraram sua inclinação pelo arianismo, uma vez que ambos tentaram apresentar **a figura do imperador como um ser semelhante ao Cristo ariano:** uma emanação divina, reflexo terreno do Verbo (Logos). Com isso, já podemos notar o conflito entre Constantino e a Igreja Ortodoxa, esta defendendo a doutrina original do Cristianismo (pelo menos era o que ela pretendia). Inclusive, antes de sua morte, o imperador mandou exilar o patriarca de Alexandria, o **Arcebispo Atanásio I,** defensor da ortodoxia, na capital Augusta dos Tréveros (Augusta Treverorum, também chamada Trier, em alemão; atual Tréveris, na fronteira do rio Reno) pelas suas atitudes antiarianas [Seu episcopado durou 45 anos (328-373), dos quais mais de 17 foram passados em cinco exílios ordenados por quatro diferentes imperadores romanos]. Porém, a atitude ortodoxa também não pode ser considerada como uma representação fiel do evangelho ensinado por Jesus e pregado por Seus apóstolos, uma vez que a própria igreja ortodoxa canonizou Constantino após sua morte ('São Constantino', ou 'Igual aos Apóstolos'), assim como vimos com sua filha Constantina (também chamada de Constância e Constantiana) que, depois de morta, foi venerada como uma santa, 'Santa Constância' (em italiano, Santa Constanza). 'Igual aos Apóstolos' é um título especial concedido a alguns santos no cristianismo oriental, utilizado pela Igreja Ortodoxa e pelas Igrejas Católicas Orientais. O título é um reconhecimento ao serviço excepcional prestado por estes santos na disseminação e consolidação do cristianismo, comparável ao dos doze apóstolos originais (fonte: wikipedia.org).

Em outras palavras, o Cristinismo criado por Roma continuou a fazer a mesma coisa que se repetiu por séculos no Império Romano: deificação do imperador, idolatria humana (canonizando 'santos'), continuando a erguer estátuas de 'santos' da mesma maneira que os deuses greco-romanos eram esculpidos e colocados em lugares estratégicos para serem adorados, e a vender indulgências (em palavras mais claras, conceder ao pecador os meios para se livrar das conseqüências dos seus pecados aqui na terra, antes que vá para o purgatório ou para o inferno); ministrar os sacramentos para se conseguir a salvação (era a mesma coisa que se fazia no culto politeísta romano), ao invés de se firmar na única e mais simples maneira de conseguir isso: aceitando Jesus através da fé, como o único Deus e Senhor (Rm 10: 9-10).

Na verdade, Constantino se converteu formalmente ao Cristianismo, não como um ato de fé religiosa, mas como um golpe de habilidade política, vendo no crescimento do Cristianismo um meio de facilitar a expansão do império romano. Mesmo porque apoiava uma teoria herética como o Arianismo, que negava a divindade de Jesus. Ele

legalizou o Cristianismo pelo Edito de Milão, em 313 DC e, mais tarde, em 325 DC, conclamou o Concílio de Nicéia, como uma tentativa de unificar o Cristianismo. O Concílio de Nicéia, na Ásia Menor, presidido por ele, era composto pelos bispos que eram nomeados pelo Imperador e por outros que eram nomeados por líderes religiosos das diversas comunidades. O que restou da Igreja Cristã Primitiva fundada por Jesus (praticamente nada), Constantino juntou aos seus seguidores e passou a chamá-la de Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR). Católica, do grego, significa: universal, porque a pretensão do Império Romano era dominar toda a Terra. Apostólica, porque foi organizada pelos apóstolos de Constantino, não pelos discípulos de Cristo. Romana, porque incorporou os costumes e ritos dos romanos pagãos e passou a servir aos interesses do Estado Romano. Assim, todos os cultos e dogmas da ICAR são uma adaptação das crenças, costumes e lendas dos rituais pagãos. A sua sede de conquista e sua voracidade mostravam que a profecia de Daniel sobre o quarto animal já estava se cumprindo, e uma pequena amostra do que o apóstolo João disse no livro de Apocalipse: 'Roma, a grande meretriz da terra'.

Uma das influências de Constantino sobre a Igreja Católica foi o **Édito de Constantino,** promulgado em 321 DC, que determinou oficialmente o domingo como dia de repouso (confirmado no Concílio de Nicéia em 325 DC), com exceção para os lavradores – utilizando-se da sua prerrogativa de Sumo Pontífice, que se achava no direito de fixar o calendário das festas religiosas (o trabalho sendo proibido durante estes dias; no caso dos lavradores era uma hipocrisia, pois ele não queria ver a lavoura sem o cuidado do trigo ou das vinhas, que davam lucro para o Estado). Na verdade, segundo este Édito, o domingo foi escolhido como dia de repouso, não apenas em função da tradição sabática judaico-cristã, como também por ser o 'dia do Sol' (em inglês, Sunday) – reminiscência do culto do deus Sol Invicto (o deus dos soldados), que ele nunca conseguiu abandonar. A guarda do sábado foi abolida no Concílio de Laodicéia (não se sabe em que data ele ocorreu).

CONCÍLIOS ECUMÊNICOS (exceto o de Laodicéia, sem data conhecida)

• 1º Concílio de Nicéia (325) – O estabelecimento do Credo Niceno: aceitava a divindade de Jesus Cristo e reconhecia a Sua unidade (essência) com o Pai. Também cria no Espírito Santo; portanto, reconhecia a Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Este Concílio rejeitava o Arianismo. No Concílio de Nicéia ficou estabelecido um bispo como líder da capital de cada província, reconhecendo-se a autoridade dos bispos de Roma, Alexandria e Antioquia (Entretanto, considerava-se que Roma possuía uma autoridade especial devido à sua ligação com São Pedro). O bispo de Jerusalém teria direito a honra especial, mas não a autoridade sobre outros bispos.

• 1º Concílio de Constantinopla em 381 (no reinado de Teodósio I, no Oriente – 379-392, e de Graciano, no Ocidente – 375-395) – foi uma afirmação do credo Niceno, remodelando ou expandindo algumas afirmações feitas no primeiro (usando versículos bíblicos para isso), e estabelecendo, assim, o credo Niceno, dando ênfase à Trindade, à eternidade de Jesus Cristo, por meio do qual todas as coisas foram feitas, e que, por meio do Espírito Santo encarnou no seio da Virgem Maria, padeceu e ressuscitou ao terceiro dia, e um dia virá em glória para julgar os vivos e os mortos, terminando o texto com a afirmação do dever de se crer numa igreja, una, santa, católica e apostólica. Foi o primeiro a reunir a Cristandade. Condenou o Arianismo como heresia e exilou Ário. Proclamou a igualdade de natureza entre o Pai e o Filho. O Arianismo é uma visão herética de Cristo criada por Ário (c. 250-336 DC), um presbítero cristão de Alexandria, nos primórdios da Igreja Primitiva e que negava a Trindade e a divindade de Jesus, ou seja, Ele era aceito como o Filho de Deus, mas não era igual a Deus Pai, portanto, não

era Deus. Ele estaria subordinado a Deus, mas não era Deus. Assim, a tese Ariana diz que o Filho de Deus, Jesus de Nazaré, e Deus Pai seriam de substâncias (em grego: ousia) diferentes. O Concílio de Nicéia (325) foi alterado pelo primeiro Concílio de Constantinopla (381), e a forma alterada é referido como o Credo Niceno-Constantinopolitano. Em outras palavras, este Concílio deu forma final ao Credo Niceno, com seus 12 artigos:

1. Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra;
2. E em Jesus Cristo, Seu único Filho, Nosso Senhor,
3. Que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu de Maria Virgem;
4. Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado;
5. Desceu ao reino dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia;
6. Subiu ao Céu, está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso,
7. De onde há de vir a julgar os vivos e os mortos.
8. Creio no Espírito Santo,
9. Na Santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos,
10. Na remissão dos pecados,
11. Na ressurreição da carne,
12. Na vida eterna. Amém.

• 1º Concílio de Éfeso (431) – Foi convocado pelo imperador Teodósio II (408–450) e debateu sobre os ensinamentos cristológicos e mariológicos (o estudo sobre a Virgem Maria) de Nestório, patriarca de Constantinopla. O 1º Concílio de Éfeso decretou que Jesus era uma única pessoa, Deus completo e homem completo, e declarou como dogma, que a Virgem Maria devia ser chamada de Theotokos, porque ela concebeu e deu à luz Deus como um homem. Em outras palavras: afirmou a unidade da pessoa de Cristo e a maternidade divina de Maria (ou seja, a virgem Maria é venerada como a mãe de Deus, e está em segundo lugar depois da Trindade). A profissão da fé proclamada no Concílio de Éfeso foi o Credo Niceno, adotada pelo Primeiro Concílio de Nicéia, em 325, não o Credo Niceno-Constantinopolitano atribuído ao Primeiro Concílio de Constantinopla de 381. O concílio condenou o Nestorianismo como heresia, assim como o Arianismo e o Sabelianismo.

Nestório (428–431), patriarca de Constantinopla, defendia que Cristo não seria uma pessoa única, mas que nEle haveria uma natureza humana e outra divina, distintas uma da outra e, por conseqüência, negava o ensinamento tradicional que a Virgem Maria pudesse ser a 'Mãe de Deus' (em grego, Theotókos), portanto ela seria somente a 'Mãe do homem' (em grego, 'anthropotokos') ou a 'Mãe de Cristo' (em grego, 'Christotokos'), para restringir o seu papel como mãe apenas da natureza humana de Cristo e não da Sua natureza divina. Teótoco (em grego: Θεοτόκος; transliteração: Theotókos; tradução literal em Português: 'portadora de Deus' ou 'doadora do nascimento de Deus') é o título grego de Maria, usado especialmente na Igreja Ortodoxa ou Igrejas patriarcais do Oriente (Alexandria, Jerusalém, Antioquia e Constantinopla) e Igrejas Orientais Católicas. Traduções menos literais incluem 'Mãe de Deus'. Católicos, Anglicanos, e algumas denominações protestantes usam com mais freqüência o título de 'Mãe de Deus' do que 'Teótoco'.

Sabélio (início do século III) foi um teólogo cristão, provavelmente nascido na Líbia ou Egito. Sua teoria (o Sabelianismo) diz que Deus teria uma substância indivisível, mas dividido em três atividades fundamentais, ou modos, manifestando-se sucessivamente como o Pai (criador e legislador), Filho (o redentor), e o Espírito Santo (o criador da vida, e a divina presença no homem). Para os Sabelianos, o Pai, o Filho e o Espírito Santo constituem uma mesma e única pessoa, ou seja, um indivíduo indistinto,

manifestando-se, porém, em formas ou figuras distintas, segundo as necessidades. Assim como **Nestório,** ele também foi considerado herege pela igreja Católica.

• O Concílio de Calcedônia (451) foi convocado pelo imperador do oriente Marciano (450–457), durante o reinado de Valentiniano III, o imperador do Oeste (425-455) – repúdio ao monofisismo, declarando o caráter divino e humano de Jesus, a segunda pessoa da Trindade. Em outras palavras: defendia o **Diofisismo,** a natureza divina e humana de Jesus de maneira distinta dentro dEle, numa completa e perfeita unidade – Jesus preservou em si as duas naturezas: Jo 1: 1; 14; Jo 2: 24-25; Jo 6: 33-35; Jo 6: 46-59; Jo 10: 30; Jo 14: 9-11; Rm 8: 3-4; 2 Co 5: 21; Hb 2: 17-18; Hb 4: 15; 1 Jo 4: 2 (minha anotação). O Concílio de Calcedônia foi rejeitado pelo **Monofisismo:** Jesus Cristo teria só a natureza, a divina, e não a divina e a humana coexistindo dentro dEle. Mais tarde, surgiu o termo, **Miafisismo**, isto é, a linha que aceita uma natureza encarnada de Cristo numa união sem divisões das naturezas humana e divina, sem separação, sem confusão e sem alteração. Já naquela época, algumas igrejas não aceitaram o quarto Concílio nem os que vieram depois, continuando a professar o Arianismo, o Monofisismo e o Miafisismo. Esta postura levou a constantes conflitos entre o Oriente e o Ocidente, assim como a tentativas de reconciliação, até que em 1054 DC, a grande divisão ocorreu. As igrejas do Oriente constituíram o que se chama Igreja Ortodoxa (Igrejas Ortodoxas Orientais, que aceitam o monofisismo); e no Ocidente, a ICAR. As Igrejas Ortodoxas Orientais são: Igreja Copta (Egito), Igreja Ortodoxa Etíope (Etiópia), Eritréia (a leste da África), Síria (Jacobita), Igreja Apostólica Armênia e Igreja Síria Malankara (Igreja Ortodoxa Indiana). As igrejas orientais que aceitaram o concílio de Calcedônia (o diofisismo) são chamadas de Igrejas Ortodoxas Bizantinas ou Calcedonianas.

• 2º Concílio de Constantinopla (553), no reinado de Justiniano I (527-565) – Condena os documentos Nestorianos e outros, como o de Orígenes de Alexandria ou Orígenes de Cesaréia ou ainda **Orígenes,** o Cristão (185-253), que misturava os ensinamentos bíblicos com os ensinamentos gregos de Platão.

• 3º Concílio de Constantinopla (680–681), no reinado do imperador bizantino Constantino IV (668-685 – Dinastia Heracliana). Este Concílio dogmatiza as duas naturezas de Cristo a divina e a humana, subsistindo na única pessoa divina do Verbo encarnado. Condena o **Monotelismo** (Jesus Cristo, embora tendo dentro de si as duas naturezas, a divina e a humana, só tinha uma vontade, pela identificação perfeita da vontade humana com a vontade divina, o que ficou conhecido na história das heresias por Monotelismo). A questão ficou esclarecida no Terceiro Concílio de Constantinopla, em 681: Jesus Cristo tinha as duas vontades, a humana e a divina: "... Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua" (Lc 22: 42; Mt 26: 39; Mc 14: 36 – minha anotação)... "Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo" (Jo 17: 24 – minha anotação)... "Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou" (Jo 6: 38 – minha anotação).

• 2º Concílio de Nicéia (787), no reinado do imperador bizantino Constantino VI (780-797 – Dinastia Isauriana). Este Concílio regulou a questão da veneração de imagens (ícones) e condenou os iconoclastas. A alegação para o que os religiosos católicos da época faziam é que eles não adoravam imagens, mas as veneravam. Veneração vem do latim: 'veneratio', ou do grego: 'douleuo' ou 'dulia', e significa honrar; assim, a veneração dos santos descreve a prática de devoção aos santos, que como modelos heróicos de virtude, intercedem no céu pela Igreja. Segundo essas confissões, a 'adoração' ('latria') é um culto distinto e reservado exclusivamente para

Deus, enquanto a 'veneração' ('dulia') é a honra e respeito prestado aos santos. Portanto, segundo essas confissões, veneração não deve ser confundida com idolatria. A veneração é demonstrada externamente pela reverência a imagens de santos (estátuas ou ícones) e relíquias (partes de seus corpos, ou que estiveram em contato com eles). Segundo essas denominações 'aquele que se prostra diante da imagem, prostra-se diante da pessoa (a hipóstase) daquele que é representado na imagem'. Eles fundamentam suas tradições em práticas e exemplos de confecção e veneração bíblicas, como em Êx. 25: 17-22 (quando Deus dá a Moisés a ordem de confeccionar a arca, colocando os dois querubins sobre ela), Nm 21: 8-9 (quando Deus fala a Moisés para fazer a serpente de bronze e colocá-la sobre a haste) e 1 Cr 28: 18-19 (quando, à vista de todos, Davi dá o modelo do templo a ser construído, em especial do ouro para o altar do incenso e para as mesas com os pães da Presença ou pães da Proposição). A veneração de imagens e ícones é praticada pela Igreja Católica, Ortodoxa Bizantina, Nestoriana (Nestório – ver acima: 1º Concílio de Éfeso), Ortodoxas Orientais e alguns grupos da Comunhão Anglicana e Luterana. O Concílio condenou os iconoclastas. **Iconoclastia** ou **Iconoclasmo** (do grego εικών, transliterado para 'eikon', 'ícone', 'imagem', e κλαστειν, transliteração: klastein, 'quebrar', portanto, 'quebrador de imagem') foi um movimento político-religioso contra a veneração de ícones e imagens religiosas no Império Bizantino que começou no início do século VIII e perdurou até ao século IX. Os iconoclastas acreditavam que as imagens sacras seriam ídolos, e a veneração e o culto de ícones, por conseqüência, seria idolatria.

Quando uma imagem de escultura ou uma figura humana passam a ser veneradas e reverenciadas como deus quem recebe a adoração é, na verdade, um representante das trevas; no caso de Maria, uma casta mais elevada de demônios: um principado (Cl 1: 16; Ef 1: 21). É o mesmo que foi adorado durante as várias eras da humanidade, com os nomes de: Rainha dos Céus – Jr 44: 18-19; 25; Aserá, Astarte ou Astarote (deusa da fertilidade, do amor e da guerra, dos cananeus e fenícios); Ísis ou Rainha dos Céus, (egípcios); Ishtar (babilônios); Diana (romanos); Artêmis (gregos) e Nina (Assírios, dando seu nome à cidade de Nínive e cujo nome era escrito com um sinal representando um peixe dentro de um ventre); Eostre, deusa germânica da Antiguidade, relacionada com a primavera; Ostera, nome mais antigo de Eostre. Da mesma forma que o principado recebeu todos esses nomes, dependendo da localidade onde ele atuava, Maria também recebeu vários nomes, ou seja, o mesmo Principado passou a ser adorado pelos cristãos nas eras posteriores, dependendo da localidade e dos feitos 'sobrenaturais' que ele realizava: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora da Penha, Nossa Senhora da Graça, Nossa Senhora do Bom Parto, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Boa Viagem etc. Portanto, a entidade que é adorada no catolicismo não é a doce e meiga jovem mãe de Jesus.

Quem pode ser nosso intercessor ou fazer milagres em nosso favor? A bíblia diz que Jesus e o Espírito Santo são os mediadores entre nós e Deus Pai. Assim, nem Maria nem ninguém pode ser nosso intercessor (Rm 8: 26-27; Rm 8: 33-34; 1 Tm 2: 5; Hb 4: 16; Hb 7: 25).

Quando lemos todas essas controvérsias e heresias religiosas, nós podemos perceber que quase nada sobrou da doutrina cristã pregada por Jesus e os doze apóstolos, e nada da Igreja Primitiva que havia sido avivada no momento do Pentecostes, principalmente após a morte do último apóstolo de Jesus: João, por volta de 98 ou 100 DC. Mais do que tudo, isso nos lembra o que o apóstolo Paulo disse profeticamente, chorando, aos presbíteros da igreja de Éfeso, quando ele estava em Mileto, quase antes de voltar a Jerusalém e ser preso. Estou falando de Atos 20: 17-38, em especial os versículos 28-

32: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue. Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles. Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um. Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados”.

BISPOS ROMANOS E PAPADO:

Bispo vem do grego antigo, επίσκοπος ou episcopos; e do latim ‘episcopus’: ‘inspetor’, ‘diretor’, ‘superintendente’ ou, literalmente, ‘supervisor’, de epi, ‘fim, extremidade’ + skopos, ‘vista’, ou seja, ‘aquele que vê por cima, pelo alto, que supervisiona’. Antes do Cristianismo, o termo era utilizado para designar todo tipo de administrador ou superintendente nos domínios civil, financeiro, militar e judiciário. Uma mulher é uma episcopisa (porém, no Brasil, é incorretamente chamada de ‘bispa’).

Os ‘presbíteros’ a que se faz referência em At 20: 17 são chamados, em At 20: 28, ‘bispos’ ou ‘superintendentes’ em razão do seu cargo. Em 1 Tm 3: 2-7, o apóstolo Paulo particulariza as qualidades que devem revestir os que têm de desempenhar essa missão na igreja. Os bispos também desempenhavam funções pastorais (At 20: 28; 1 Tm 5: 17). Quando a organização das igrejas cristãs entre os gentios solicitava a superintendência pastoral, o título de ‘episcopus ou episcopos’ foi prontamente adotado pelos gregos, como tinha sido o termo ‘ancião’ (ou presbítero) na igreja-mãe de Jerusalém. Por conseqüência, não há dúvida de que as palavras ‘ancião’ (Gr. presbuteroi, presbuteros), ‘presbítero’ (Strong Gr. 4245: presbuteroi) e ‘bispo’ (episcopos) eram primitivamente consideradas equivalentes [1 Tm 5: 17 – presbuteroi; 1 Tm 3: 1-2 – episcopado (episkopês), bispo (episkopon ou episcopos) – Strong Gr. #1984].

No século I os termos ‘presbíteros e bispos’ eram usados para os líderes da igreja local submetidos a um apóstolo (por exemplo, Tito e Timóteo, escolhidos por Paulo de Tarso), e no final do século I e até a metade do século II, a Igreja Romana não possuía um só Bispo como chefe da igreja local, mas uma liderança grupal, sendo que o monoepiscopado começou somente mais tarde, e assim, originalmente **o ministério papal não existia. Não é verdade** que Pedro foi o primeiro Papa de Roma; também não é verdade que ele escolheu seu sucessor Lino como o segundo Papa, muito menos que Clemente, um cristão de Roma, tenha se tornado o 4º Papa. Os bispos que Constantino escolheu para fundar a Igreja Católica Apostólica Romana eram, portanto, sumo sacerdotes idólatras dos deuses romanos ou pessoas públicas como senadores, que ansiavam por esse título, a fim de obter poder. **A liderança de Pedro** foi dada pelo próprio Jesus e seu reconhecimento foi pelos demais apóstolos (Mt 16: 18-19; Lc 22: 32; Jo 21: 15-23; At 1: 15-26; At 2: 14).

A supremacia do bispo romano (**o Papado**) foi criada com o apoio de imperadores romanos. Roma era o centro do governo para o Império Romano, portanto, Constantino e seus sucessores deram apoio ao bispo de Roma como governante supremo da Igreja. Centralizando o governo e estado religioso no mesmo lugar haveria unidade para o Império. Quando houve sua queda, os bispos tomaram para si o título que anteriormente pertencia aos imperadores romanos: o de Máximo Pontífice (Papa). Certas fontes atribuem ao Papa Leão I (440-461) a utilização do título pontífice máximo. Outras fontes, também sem prova documental afirmam que o título foi usado pela primeira vez pelo papa Gregório I (590-604), uma vez que o Império Romano do Ocidente havia

recentemente entrado em colapso. No entanto, foi somente muito tempo depois, no século XI, que o termo foi utilizado somente pelo Papa.

Como foi escrito no texto sobre a dinastia Gordiana, 'Pontífice máximo' (em latim: 'pontifex maximus') significa literalmente, 'construtor de ponte' (pons + facere); 'maximus' significa: maior, máximo, supremo. Na Roma Antiga, designava o sacerdote supremo do Colégio de Pontífices (em latim: Collegium Pontificum), a mais alta dignidade na religião romana. Inicialmente somente os patrícios (cidadãos da aristocracia romana, ou de linhagem hereditária nobre) podiam ocupá-lo. Talvez, o título tenha sido inicialmente usado no seu sentido literal, ou seja, a posição do construtor de pontes era realmente importante em Roma, onde as pontes ao longo do sagrado rio Tibre eram adornadas com as estátuas de divindades e só as autoridades que detinham as funções sacras podiam passar por elas. No sentido simbólico, sempre ficou subentendido que os pontífices seriam os construtores da ponte entre os deuses e os homens.

O Colégio dos sacerdotes ou Colégio de Pontífices (em latim: Collegium Pontificum) era composto pelos mais altos sacerdotes da religião romana. O colégio consistia do pontífice máximo e outros pontífices, o rei das coisas sagradas, quinze sacerdotes jovens (**os flâmines**) dedicados a servir deuses específicos (3 flâmines maiores – patrícios – para servir os três deuses do Capitólio primitivo: Júpiter, Marte e Quirino; e 12 jovens plebeus – flâmines menores – para servir os outros deuses) e as seis **vestais** (em latim, 'Virgo Vestalis', eram sacerdotisas que cultuavam a deusa romana Vesta, que corresponde à deusa grega Héstia, na mitologia grega, a deusa virgem grega do lar, lareira, arquitetura, vida doméstica, família e estado), e que eram virgens escolhidas entre de seis e dez anos de idade, que serviam durante trinta anos e preservavam sua castidade e virgindade. Qualquer atentado a esses símbolos de pureza significariam um sacrilégio aos deuses romanos e, portanto, também à sociedade romana. A punição por quebrar o voto de castidade de trinta anos era a morte por enterro vivo. Além do Colégio dos sacerdotes ou Colégio de Pontífices havia o Colégio dos áugures (que liam presságios), como se fosse uma escola de profetas hoje.

Flâmine e uma chefe-Vestal

Pontífice máximo foi um posto religioso da República Romana até 254 AC, quando um plebeu foi designado monarca de Roma. Assim, de um posto religioso durante a República, ele foi gradualmente sendo politizado até ser incorporado pelo imperador (já em 63 AC, no reinado de Júlio César – pontífice máximo), mais especificamente, a partir de César Augusto (29 AC). O principal dever do pontífice era manter pax deorum ou paz dos deuses. A partir de Augusto, era o imperador que elegia os pontífices; com isso, o imperador adquiriu uma dignidade religiosa e a responsabilidade de todo o culto romano do Estado, o título de pontífice máximo passou a ser um dos muitos títulos do imperador. Os primeiros imperadores romanos cristãos continuaram a utilizar o título. Os pontífices cuidavam do calendário romano e determinavam os dias necessários a serem adicionados para sincronizar o calendário com as estações do ano. Sob a sua autoridade como pontífice máximo, Júlio César introduziu a reforma no calendário que criou o calendário Juliano, com uma falha de um dia por século, corrigido pela introdução de um dia no ano bissexto de 366 dias. Além disso, o ano Juliano era de 12 meses (365 dias) a começar em 1º de janeiro. Os meses eram de 30 dias, intercalados com meses de 31 dias, sendo que em julho-agosto os 31 dias se repetiam em homenagem aos imperadores romanos (Júlio e Augusto). O calendário Juliano vigorou por mais ou menos 1.600 anos. Ele foi utilizado até a introdução do calendário gregoriano (pelo Papa Gregório XIII – 1582), no qual a cada quatro anos há um ano (solar) bissexto, com exceção dos anos seculares, em que o número formado pelos algarismos das centenas e dos milhares não é divisível por quatro. Omitiram-se 10 dias (5–14 de outubro de 1582), corrigiu-se a medição do ano solar estimando-se que este durava 365 dias solares, 5 horas, 14 minutos e 12 segundos. Acostumou-se a começar o ano em 1º janeiro, em homenagem a Jano. Jano (em latim: Janus) era o deus romano das mudanças e transições, o deus dos inícios, das decisões e escolhas. Jano é representado com uma face dupla, simbolizando 'entrada e saída', 'passado e futuro'. Uma face olha para frente e outra para trás. Muitas vezes, ele é representado como uma figura masculina com barbas; outras, sem ela.

Flávio Graciano Augusto (367-383 DC) favoreceu claramente a religião cristã contra o paganismo, recusando-se a repetir os rituais pagãos dos imperadores anteriores e tirando o Altar da Vitória do senado em 382 DC. O **Altar da Vitória** era uma estátua de ouro e havia sido colocada na sala do senado em homenagem à deusa Victória pelo imperador César Augusto em 29 AC para comemorar a derrota de Marco Antônio e Cleópatra na batalha de Actium (Grécia), pois se opuseram a ele. Os senadores romanos não gostaram da retirada da estátua, uma vez que, durante séculos, eles juravam solenemente diante dela, recitavam orações e faziam libações de vinho e queimavam incenso. Uma vez que o título de 'pontífice' era uma palavra latina equivalente a 'sumo sacerdote', como pode ser observado em sua tradução em outras línguas, como o grego, o termo equivalente grego foi usado no texto da Septuaginta.

Em particular, **o reinado de Constantino** foi importante por duas razões: a primeira foi a mudança do centro do poder imperial do Ocidente para o Oriente, em especial com a fundação da capital Constantinopla, que viria a ser a capital do Império Romano do Oriente por mais de mil anos; a segunda razão é o apoio que deu ao Cristianismo, que em poucas décadas se tornou a religião preferida do Estado. Entretanto, ele só foi oficialmente legalizado mais tarde, em 27 de fevereiro de 380 DC por Teodósio I através do **Édito de Tessalônica,** onde se estabeleceu que o Cristianismo Niceno se tornaria, exclusivamente, a religião de estado no Império Romano, abolindo todas as práticas politeístas dentro do império e fechando templos.

Embora o termo '**Império Bizantino**' só possa ser usado de fato para o Império Romano após 476 DC (a queda do império romano do ocidente), algumas classificações

já começam a usar o nome ‘império Bizantino’ já na época de Constantino, o Grande, quando ele mudou a capital do império para Constantinopla.

Constantino foi sucedido por seus três filhos com Flávia Máxima Fausta: Constantino II, Constante I e Constâncio II, os quais dividiram entre si a administração do império até que, depois de uma série de lutas confusas, Constâncio II emergiu como Augusto único. A divisão inicial foi: Constantino II (Hispânia e Gália) – 337-340 / Constante I com Itália, Ilíria ou Ilírico (Latim: Illyricum; ou seja, Dalmácia e Panônia) e África – 337-350 DC / Constâncio II (Constantinopla) – 337-361 DC.

O Império que tinha sido iniciado pela tetrarquia, revigorado e continuado por Constantino I seria concluído com o fim da dinastia Constantiniana em 364 DC.

Imperadores Romanos 5

Aqui, nós prosseguiremos com o estudo sobre os outros membros da dinastia Constantiniana, da dinastia Valentiniana e Teodosiana, já mostrando o enfraquecimento do Império Romano do Ocidente, ao lado de uma estabilização maior do Império Romano do Oriente. Entretanto, as lutas externas contra as invasões bárbaras e as lutas internas nas questões religiosas ainda eram um grande fator de desgaste para ambas as partes, propiciando também a intromissão por parte dos usurpadores de trono. A verdade é que o Império era governado por militares ávidos por poder e despreparados para as funções administrativas. Aqui, nós podemos ver uma participação mais ativa de certas imperatrizes, que ajudaram muitos imperadores a permanecer no poder, mas não evitaria a próxima derrocada do Império. A influência da igreja sobre o governo, e vice-versa, também foi um fator bastante danoso para Roma. A luta de Constantino para manter um império unido foi praticamente em vão, com as perdas dos territórios romanos após sua morte.

Neste capítulo, você vai estudar sobre as seguintes dinastias:

• Dinastia Constantiniana (continua com: Constantino II, Constante, Constâncio II, Juliano e Joviano).
• Dinastia Valentiniana (Valentiniano I, Valente, Graciano, Valentiano II).
• A Dinastia Teodosiana (Teodósio I, Arcádio, Honório, Teodósio II, Valentiniano III, Marciano com sua esposa Pulquéria).

XI) Dinastia Constantiniana (324-364 DC): Constantino, o Grande (r. 324-337), como único imperador / Constantino II (r. 337-340, como Augusto da Hispânia, Gália e Britânia) / Constante (ou Constante I) como Augusto da Itália, Ilíria ou Ilírico (Latim: Illyricum; ou seja, Dalmácia e Panônia) e África (r. 337-350) / Constâncio II (como Augusto da Ásia e Egito – 337-350, e como único imperador – 350-361) / Juliano (360-363) / Joviano (363-364).

Constantino II

Constâncio II

Constante

2) Flávio Cláudio Constantino Augusto (Flavius Claudius Constantinus Augustus) ou **Constantino II** – 337-340 (3 anos).

Como César no oeste sob Constantino I – r. 317-337 (foi feito César com a idade de 1 ano)

Ficou com Hispânia, Gália e Britânia na partilha do império

Nascimento: 316 DC

Morte: 24 anos, morto numa emboscada

A morte de Constantino, o Grande, realmente deu início a muitos conflitos entre seus filhos. Constantino II era o filho mais velho de Constantino e Fausta (Flavia Maxima Fausta) e foi educado como cristão. Com 7 anos de idade (em 323), foi junto com o pai para a campanha contra os sármatas. Com 10 anos de idade, depois da morte de Crispo, seu meio-irmão por parte de Constantino, ele se tornou o comandante da Gália. Pela vitória do seu exército contra os alamanos, ele recebeu o título de 'Alamânico' (em latim: 'Alamannicus'), quando tinha 14 anos de idade. Com 16 anos (332 DC) foi nomeado pelo pai o comandante da campanha contra os Godos. Em 337 DC, após a morte de Constantino, o Grande, Constantino II, com 21 anos de idade, tornou-se imperador juntamente com seus irmãos Constâncio II e Constante I, com o império dividido entre os três e seus primos, Dalmácio (Flavius Dalmatius) e Hanibaliano (Flavius Hannibalianus) como Césares. Os filhos de Constantino tramaram juntamente com o exército para assassinar toda a família; assim os dois Césares morreram no massacre. Em setembro de 337, os três irmãos se reuniram na Panônia a fim de dividir o Império entre si. Constantino II foi proclamado Augusto pelas tropas, e recebeu a Hispânia, a Britânia e a Gália.

Infelizmente, ele foi influenciado pela diferença de opinião dentro da Igreja Cristã. O oeste tendia à **ortodoxia**, devido à influência do Papa em Roma, enquanto o leste era a favor do **Arianismo** (uma linha de pensamento que, em suma, negava a divindade de Jesus Cristo). Por influência do Papa, ele libertou o Arcebispo de Alexandria, Atanásio I, que seu pai havia mandado para o exílio. Atanásio cria na Santíssima trindade e defendia esta tese, contrariando o Arianismo. Por causa da sua atitude e da sua escolha religiosa, Constantino II ficou numa situação delicada com seu irmão Constâncio II, que era líder em Constantinopla e adepto do Arianismo.

Constantino II era o guardião de seu irmão menor, Constante I, que tinha ficado com a Itália, a Ilíria e a África. Por isso, ele se achou no direito de reclamar pelo fato de que o seu irmão mais novo havia recebido a Trácia (Atualmente é dividida entre a Grécia, Turquia e a Bulgária) e a Macedônia (Uma região a Noroeste da Trácia) e que antes era domínio do primo Dalmácio. Constante I tentou fazer um acordo de paz dando-lhe as províncias africanas. Pouco tempo depois, eles discutiram por causa de Cartago, pois não havia ficado muito claro qual era a parte de cada um deles naquele território. Quando Constante atingiu a maioridade, Constantino II insistiu em continuar como guardião de seu irmão caçula. Assim, ele invadiu a Itália quando seu irmão estava na Dácia (uma parte grega da Trácia). Constante, então, contra-atacou. Constantino II foi pego de emboscada em Aquiléia (um distrito a nordeste da Itália), e morreu em 340, enquanto ele tentava derrubar Constante.

3) Flávio Júlio **Constante** (Flavius Julius Constans Augustus) ou Constante I – r. 337-340 [como Augusto da Itália, Ilíria ou Ilírico (Latim: Illyricum; ou seja, Dalmácia e Panônia) e África] e 340-350 (anexou a Hispânia, Gália e Britânia aos seus territórios) – total: 13 anos de reinado.

Como César no oeste sob Constantino I – r. 333-337 DC

Nascimento: 323 DC

Morte: 27, assassinado.

Constante era o terceiro filho de Constantino, o grande. Ele havia ficado com o governo da Itália, Ilíria e África. Com a morte de seu irmão mais velho, Constantino II, ele anexou a Hispânia, Gália e Britânia aos seus territórios. No final do ano de 337 ele teve que lidar com uma invasão dos sármatas e saiu vitorioso da batalha. Em 341-342,

Constante liderou uma campanha de sucesso contra os francos. Em 341, Constante promulgou um édito banindo os sacrifícios pagãos, pois decidiu ser tolerante com os judeus. A disputa entre ortodoxos e arianos continuava. Constante também apoiou os ortodoxos, enquanto Constâncio II apoiou os arianos. Então, em 343 Constante convocou o 1º Concílio de Sárdica, e depois o 2º em 347 para solucionar as diferenças entre o Arcebispo ortodoxo Atanásio de Alexandria e o ariano Paulo I de Constantinopla. O **Concílio de Sárdica** foi uma tentativa de ajustar a doutrina cristã; Constâncio II, seu irmão mais velho, também estava presente e havia apoiado a convocação do Concílio. Como o resultado foi o fracasso, eles decidiram deixar que cada imperador apoiasse o grupo religioso de sua preferência dentro dos seus territórios. Alguns historiadores fazem menção à tendência homossexual de Constante, que trazia vergonha ao Império. No final do seu reinado, ele adquiriu a reputação de crueldade e de um mau governo. Ele perdeu o apoio das legiões ao dar mais atenção aos seus preferidos e aos seus guarda-costas. Em 350, o general Magnêncio, o usurpador, declarou-se imperador com o apoio da tropa na fronteira do rio Reno, e a última na porção ocidental do Império Romano. Constante não teve apoio imediato e foi forçado a fugir para salvar sua vida. Acabou assassinado por um grupamento de cavalaria leve perto dos Pireneus, no sudoeste da Gália.

4) Flávio Júlio Constâncio (Flavius Julius Constantius) ou **Constâncio II** – r. 337-350 (como Augusto da Ásia e Egito) e 350-361 (como único imperador) – total: 24 anos de reinado.

Como César no oeste sob Constantino I – r. 324-337 DC

Nascimento: 317 DC

Esposas: 1) a filha de seu tio Júlio Constâncio (mulher de nome desconhecido), 2) Flávia Aurélia Eusébia (nascida de uma família grega da Macedônia) e 3) Faustina

Filhos: uma filha, Flávia Máxima Constância, que nasceu logo após a morte do pai, e se casou depois com Graciano

Morte: aos 44 anos de idade, de febre

Ele era o segundo filho de Constantino I, o Grande, e governou o Império Romano do Oriente. Após a divisão do Império Romano, Constâncio II voltou a Constantinopla, onde organizou e presenciou a cerimônia fúnebre do pai: com este gesto reforçou o seu direito como sucessor e obteve o apoio do exército, componente fundamental da política de Constantino. Houve uma tentativa de assassinato da família de Constantino após sua morte em 337 DC pelas mãos do exército (segundo alguns historiadores, isso aconteceu por ordem de Constâncio II) e apenas alguns parentes masculinos sobreviveram: os três filhos de Constantino e dois de seus netos ainda crianças (Galo e Juliano, filhos do seu meio-irmão Júlio Constâncio). Constantina, a filha de Constantino também sobreviveu. Depois do massacre, ele se encontrou com seus outros irmãos na Panônia. A divisão de poder entre os três irmãos não durou muito tempo: Constantino II morreu em 340, enquanto ele tentava derrubar Constante, e Constâncio II ganhava os Balcãs. Constante foi derrubado em 350 DC pelo usurpador Magnêncio. Assim, Constâncio II ficou como Augusto do oriente, governando a Ásia, com a capital em Constantinopla, e o Egito. Para não perder o governo do Império, ele atacou Magnêncio e o venceu em duas batalhas. Magnêncio se suicidou (353). Em 354 ele derrotou os alamanos, e em 357, os Quados (uma pequena tribo germânica) e os Sármatas. Contra os Sassânidas no Leste, as conquistas permaneciam equilibradas. Para poder governar melhor o Império, ele elevou seu primo Constâncio Galo ao posto de César. Entretanto, ele o executou três anos depois ao saber de sua conduta e sua natureza violenta e corrupta. Logo depois, em 355 ele promoveu seu único primo sobrevivente, Juliano, com o título de César. Ele,

porém, reclamou o título de Augusto em 360, levando-os à guerra. No final, não houve batalha porque Constâncio ficou doente e morreu em 361, nomeando Juliano como seu sucessor. Depois de sua morte, foi deificado pelo Senado Romano. Quanto à postura de Constâncio II em relação ao Cristianismo, ele parecia preferir um ponto intermediário entre o Cristianismo ortodoxo e o arianismo. Quanto aos judeus, sua política foi severa, inclusive proibindo o casamento de judeus com mulheres cristãs. E se alguém se convertesse ao Judaísmo, teria todas as suas propriedades confiscadas pelo Estado. Judeus também não poderiam comprar ou possuir escravos gentios.

Os usurpadores do trono, tentando interromper o reinado dos descendentes de Constantino foram: Magnêncio e Vetrânio.

• Flávio Magno **Magnêncio** (Flavius Magnus Magnentius) – r. 350-353 (3 anos)

Foi um usurpador romano contra os imperadores Constante I e Constâncio II. A insatisfação contra o imperador Constante I se tornou insuportável para o exército romano, por isso, em 350 na cidade de Autun, os soldados proclamaram Magnêncio como imperador. Constante I foi abandonado e acabou assassinado por um grupamento de cavalaria leve perto dos Pireneus. Magnêncio rapidamente conquistou a lealdade das províncias da Britânica, Gália e Hispânia, em parte por que ele se mostrou ser muito mais tolerante tanto com os cristãos quanto com os pagãos. Nepociano, filho de Eutrópia, meia-irmã de Constantino I, tentou usurpar o trono, governando na cidade de Roma por apenas vinte e oito dias, mas após essa curta revolta ele foi morto por Marcelino, o general do usurpador Magnêncio. Este percebeu que sua posição precisava ser consolidada frente aos membros da família real de Constantino, o Grande. Sabendo da morte de seu irmão Constante, o imperador Constâncio II interrompeu sua campanha contra os sassânidas na Síria e veio para o Ocidente. Magnêncio tentou atrair Vetrânio (comandante das legiões da Panônia) para sua causa, mas tudo acabou se virando contra ele, pois o velho general abdicou, após o encontro com Constâncio II. Magnêncio tentou

resistir na Batalha de Mursa Maior (351). Com seu exército derrotado, Magnêncio retrocedeu para a Gália. Em 353, na Batalha do Monte Selêuco, Magnêncio tentou uma nova resistência, mas foi derrotado e se suicidou (50 anos de idade), caindo sobre sua própria espada.

• **Vetrânio** – r. 350

Vetrânio, o comandante das legiões da Panônia, recebeu o pedido de Constantina, a irmã dos imperadores romanos, Constante e Constâncio II, para que se autoproclamasse César em março de 350, pois seu irmão, Constante I, havia sido morto por Magnêncio no início do ano e ela provavelmente acreditava que Vetrânio iria proteger a família e ela contra o usurpador. Vetrânio aceitou ser imperador e moedas foram cunhadas em seu nome trazendo o título de Augusto ('imperador sênior') ao invés de César ('imperador júnior'). Constâncio II aparentemente aceitou o novo imperador e Vetrânio, por sua vez, pediu-lhe dinheiro e ajuda militar para conseguir enfrentar Magnêncio, o usurpador. Entretanto, as negociações não tomaram o rumo desejado e Vetrânio se voltou para Magnêncio e ambos enviaram uma embaixada para Constâncio II. Magnêncio ofereceu sua filha em casamento para Constâncio II e pediu a mão de Constância (Flávia Júlia Constância), a irmã dele, o que asseguraria sua posição na dinastia Constantiniana. A condição era que ele renunciasse à sua posição de imperador principal. Então, Constâncio II rejeitou todas as propostas. Magnêncio tomou o trono na Itália, e Constâncio II, que estava de volta para casa após uma campanha contra o Império Sassânida no oriente, se encontrou com Vetrânio. Ambos seguiram juntos até Naísso. Ambos subiram num palanque frente às tropas e, depois de um poderoso discurso, Constâncio II foi aclamado imperador. Ele, então, arrancou o manto púrpura de Vetrânio mostrando dessa forma que o general não era o imperador. Vetrânio foi autorizado a viver longe da política recebendo uma pensão do estado romano na Bitínia (o nome da antiga Anatólia, na Ásia Menor, a moderna Turquia, na costa do Mar Negro). Ele viveu mais seis anos. Constâncio II permaneceu no poder até 361.

Juliano

Joviano

5) Flávio Cláudio Juliano (Flavius Claudius Iulianus), também conhecido como **Juliano, o Apóstata** – 361-363 DC (20 meses como único governante)

Nome de nascimento: Flávio Cláudio Juliano (Flavius Claudius Iulianus)

Nome como César (sob Constâncio II): Flávio Cláudio Juliano César – 355-360

Nome como Augusto (sob Constâncio II): Flávio Cláudio Juliano Augusto – 360-361

Único governante: 361-363

Pais: Júlio Constâncio (meio-irmão do imperador Constantino I) e Basilina, que eram cristãos

Esposa: Helena, filha de Constantino e Fausta

Filhos – não teve

Meio-Irmão: Galo

Morte: com 32 anos, devido a uma ferida mortal feita em batalha

Flávio Cláudio Juliano, ou simplesmente Juliano, foi o último imperador pagão do Império Romano. Sucedeu seu primo Constâncio II, e ficou conhecido como 'o Apóstata', por não seguir o Cristianismo numa época em que ele já era aceito e até incentivado por seus antecessores desde Constantino I. Pelo contrário, Juliano incentivou o retorno ao paganismo, da mesma forma que Septímio Severo havia fomentado o sincretismo religioso. Ele mesmo se colocou debaixo da proteção de Zeus e Hélio. Sua intenção de era restaurar os valores da antiga religião pagã de Roma. Embora sendo criado no Cristianismo, ele adquiriu o interesse pela cultura e crenças pagãs Greco-Romanas. Apesar disso, ele não perseguiu os cristãos no seu reinado; também não se tem relato de qualquer intolerância religiosa.

Em 354, Galo impôs um reinado de terror sobre os territórios sob o seu comando; por isso, foi executado aos 29 anos de idade por ordem de Constâncio II, que fez Juliano César no lugar do outro. Como César de Constâncio II, Juliano teve sucesso em suas campanhas contra os Francos e Alamanos. Em 357, na batalha de Argentorato contra os Alamanos em Estrasburgo, com um exército de apenas 13.000 soldados, ele venceu o inimigo, que contava com um exército três vezes mais numeroso. Em 360, em Lutetia (Paris), Juliano foi proclamado Augusto por seus soldados, o que provocou uma guerra civil contra Constâncio. Entretanto, não houve batalha, pois Constâncio II morreu antes por causa de uma doença. Antes de morrer, ele nomeou Juliano como seu herdeiro legítimo. Em 363, Juliano fez guerra contra os sassânidas, mas foi ferido mortalmente por uma lança não intencional que atingiu seu abdome. Joviano, um dos guarda-costas de Juliano que o acompanhou na expedição e estava presente na sua morte, foi eleito pelos soldados para ocupar o trono. Embora com um curto reinado, Joviano estabeleceu o Cristianismo numa posição privilegiada em todo o Império.

6) Flávio **Joviano** – 363-364 DC (8 meses)

Nome de nascimento: Flávio Joviano

Nome como imperador: Flávio Joviano Augusto

Morte: morte súbita com 32 anos de idade

Flávio Joviano (Flavius Iovianus) foi um soldado eleito imperador romano pelo exército em 363, após a morte de Juliano, o Apóstata. Estando o exército romano em território persa, Joviano viu-se forçado a fazer um tratado de paz em termos desfavoráveis, de maneira a poder conduzir suas tropas de volta ao território romano. Ele teve que ceder partes do Império Romano (Cinco províncias romanas a leste do Tigre conquistadas por Galério em 298, que Diocleciano tinha anexado, além de abrir mão do interesse romano na Armênia em favor dos Persas), uma desgraça que nunca havia ocorrido antes, desde a fundação de Roma. Ao chegar a Antioquia, ele revogou o decreto de Juliano contra os cristãos. O Lábaro de Constantino, o Grande, tornou-se novamente o estandarte do exército. Do reinado de Joviano até o século XV, o cristianismo foi a religião dominante tanto no Ocidente quanto no Oriente, até a queda de Constantinopla sob os turcos em 1453. Depois, Joviano marchou para Constantinopla para consolidar sua posição política lá. Marchando de volta, Joviano morreu de morte súbita, entre Ancara (antigamente conhecida como Ancyra ou Angora) e Nicéia, a noroeste da Turquia, ao fim de um reinado de 8 meses. Segundo fontes de pesquisa, foi

encontrado morto na cama dentro de sua tenda; alguns historiadores dizem que foi asfixiado. Joviano era cristão.

XII) Dinastia Valentiniana (364-392 DC no Império Romano do Ocidente e 364-378 no Império Romano do Oriente): Valentiniano I (364-375 DC – Imperador do Ocidente) / Valente (364-378 DC – Imperador no Oriente) / Graciano (375-383 DC – Imperador do Ocidente) / Valentiniano II (375-392 DC – Imperador do Ocidente).

Valentiniano I

Valente

Graciano

Valentiniano II

1) Flávio Valentiniano Augusto ou **Valentiniano I** ou Valentiniano, o Grande (Flavius Valentinianus Augustus) – 364 (como governante único do império (1 mês) / 364-375 DC no Império Romano do Ocidente (10 anos e oito meses) com o irmão Valente (364-378 DC – Imperador no Oriente)

Nome de nascimento: Flávio Valentiniano

Nome como imperador: Flávio Valentiniano Augusto

Pai: Graciano, o velho. Era oficial do exército, e muito bem sucedido em sua carreira militar.

Irmão: Flávio Júlio Valente

Esposas: Marina Severa (casou com Valentiniano antes de ele subir ao trono) e Justina (viúva do usurpador Magnêncio; Justina era muito jovem na época de seu primeiro casamento para ter filhos). Justina se tornou a madrasta de Graciano, filho de Valentiniano I com Marina Severa. Ela era uma Ariana. Morreu com 51 anos.

Filhos:

• Com Marina Severa: Graciano. Ele morreu em 383 em confronto com o usurpador Magno Máximo.

• Com Justina: um filho chamado Valentiniano II e três filhas: Flávia Gala, Grata e Justa. Grata e Justa não se casaram. Provavelmente, até 392 elas estavam vivas. Valentiniano II reinou de 375 a 392.

Morte: 54 anos (375), devido a um Acidente Vascular Cerebral

Valentiniano I foi proclamado imperador pelo exército romano em Nicéia (na Turquia). Instalou-se em Mediolanum (atual Milão) e associou-se ao seu irmão Valente. Com muita estratégia de guerra contra os alamanos, ele os expulsou da Gália. Também teve vitória contra os Quados (uma pequena tribo Germânica) e Sármatas (uma confederação de tribos iranianas). Estabeleceu a paz na Britânia (367-368, numa revolta conhecida como a Grande Conspiração, que foi resultante das perdas do usurpador Magnêncio, durante o reinado de Constâncio II, quando o Império Romano sofreu muito ataque por parte dos Pictos (ao norte da Escócia), Escotos (outro grupo celta originado da fusão entre os Pictos e Gaélicos) e Saxões (uma tribo Germânica que vivia perto do Mar do Norte, entre a Europa e a Inglaterra) e sufocou uma revolta na África,

por parte de uma seita herética dentro do Catolicismo. Para ele, os soldados eram mais valorizados do que os senadores, e para aumentar seu salário teve que aumentar os impostos dos proprietários de terras. 'Fervoroso cristão', com a ajuda do Papa Damaso I (366-384) em 371 adotou uma política incomum de tolerância religiosa (Em outras palavras, a tolerância com religiões pagãs).

Em 373, irromperam as hostilidades com os Quados. Como os Alamanos, os Quados ficaram indignados com Valentiniano por causa da construção de fortificações no seu território. Eles reclamaram e enviaram delegações que foram ignoradas. Maximino, prefeito pretoriano da Gália queria promover seu filho Marceliano e colocá-lo no comando para terminar o projeto de construção de fortificações. Os protestos dos líderes dos Quados atrasavam o projeto, e Marceliano assassinou ostensivamente o rei Quado Gabinius em um banquete organizado para negociações pacíficas. Isso levou os Quados à guerra, juntamente com seus aliados os Sármatas, danificando grandemente a zona rural desprotegida. Duas legiões foram enviadas, mas foram derrotadas pelos Sármatas. Enquanto isso, outro grupo de Sármatas invadiu a Mésia, mas foi rechaçado pelo filho de Teodósio, o futuro imperador. Valentiniano não teve conhecimento dessas crises até o final de 374. Ele tentou paz com os Sármatas, mas sem saber dos propósitos de traiçoeiros de Marceliano, decidiu punir os Quados. No início do inverno, se retirou para Savária para o seu acampamento. Na primavera de 375, ele decidiu continuar a campanha e se mudou de Savária para Brigetio. Lá chegando, ele recebeu uma delegação dos Quados. Em troca do fornecimento de novos recrutas para o exército romano, Quados estavam permitidos a partir em paz. No entanto, antes dos enviados partirem Valentiniano lhes concedeu uma audiência. Os enviados insistiram que o conflito foi causado pela construção de fortes romanos em suas terras; além disso, bandos individuais de Quados não estavam de acordo com as regras dos chefes que fizeram tratados com os romanos e, portanto, poderiam atacar os romanos a qualquer momento. Com a atitude dos enviados Valentiniano ficou tão enfurecido que ele sofreu o rompimento de um vaso sanguíneo no crânio enquanto gritava com eles com raiva, provocando sua morte em novembro de 375.

2) Flávio Júlio **Valente** Augusto (Flavius Iulius Valens Augustus) – 364-375 (Império Romano do Oriente) com o irmão Valentiniano I (364-375 DC no Império Romano do Ocidente) / 375-378 (Império Romano do Oriente) com seus sobrinhos Graciano e Valentiniano II no Oeste.

Nome de nascimento: Flávio Júlio Valente

Nome como imperador: Flávio Júlio Valente Augusto

Pai: Graciano, o velho. Era oficial do exército, e muito bem sucedido em sua carreira militar.

Irmão: Valentiniano I (Flávio Valentiniano)

Esposa: Albia Dominica, filha de um poderoso e impopular prefeito pretoriano chamado Petrônio, odiado por sua ganância e crueldade. Albia Dominica era Ariana e tentou convencer Valente a seguir a seita também, e ele perseguiu muito os cristãos Nicenos por causa dela.

Filhos: Anastácia e Carosa, e um filho e herdeiro: Flávio Valentiniano Galates ou Gálata (Flavius Valentinianus Galates), que morreu com 4 anos de idade (366-370). Ele ficou doente, e sua mãe achava que isso era punição pelo fato de Valente ter perseguido o bispo cristão ortodoxo, Basílio de Cesaréia, pois Valente era um semi-ariano. Eles pediram ao bispo ortodoxo para orar pela cura do menino, ao que ele lhes respondeu que só oraria se o pai se convertesse ao cristianismo ortodoxo. Valente se recusou e a criança morreu.

Morte: 50 anos, na Batalha de Adrianópolis (378), 13 km ao norte de Adrianópolis (Edirne, na Turquia moderna Européia, perto da fronteira com a Grécia e a Bulgária), na província romana da Trácia.

Valente, irmão de Valentiniano I, recebeu dele a parte oriental do Império, que havia cedido suas possessões na Mesopotâmia e Armênia aos Persas, no tratado feito pelo imperador Joviano com Sapor II. Valente tinha a intenção de avançar para o leste para reaver os territórios. Entretanto, ao chegar à região central de Anatólia (atual Turquia), perto de Capadócia, soube da rebelião do usurpador Procópio, um parente vivo do imperador Juliano, por parte de mãe, que havia se proclamado imperador em Constantinopla. Entretanto, suas chances de vencer haviam diminuído com a deserção da maior parte de suas tropas para o Ocidente. As duas legiões enviadas por Valente a Procópio passaram para o lado deste. Sem apoio do irmão Velentiniano I, Valente não teve forças para resistir a Procópio, que se apossou da diocese da Trácia e da diocese da Ásia. Alguns meses depois, Valente conseguiu reunir um exército para lutar contra o usurpador, derrotando-o em Tiatira; em seguida, houve novo encontro em Nacoléia, onde as tropas de Procópio o abandonaram e ele foi executado. Sua cabeça foi enviada a Valentiniano I em Tréveris.

Tentando reaver a Armênia (à qual Joviano havia renunciado) Valente acabou se envolvendo num conflito desnecessário entre os Armênios e os sassânidas, e que o impediu de atuar no Leste. Assim, seus planos para uma campanha do oriente não se realizaram nunca.

O episódio mais marcante de seu reinado foi a batalha de Adrianópolis (na antiga região da Trácia, atualmente Edirne, na Turquia), em agosto de 378, na qual enfrentou um exército bárbaro confederado que incluía visigodos, ostrogodos, hunos e alanos.

A transferência de tropas para o império do Ocidente em 374 tinha deixado muitas lacunas nas fileiras orientais. Seus conselheiros diziam que era possível recrutar um exército com soldados bárbaros. Mas a entrada de bárbaros no seu exército só piorou a situação. Enquanto isso, os generais de Valente o avisaram, pedindo-lhe para esperar Graciano que vinha da Gália com as suas legiões vitoriosas, coisa que Graciano tenazmente defendia. Entretanto, Valente, com ciúmes do sucesso de seu sobrinho Graciano, queria a vitória para si. Quando em 09 de agosto de 378 (na Batalha de Adrianópolis ou Hadrianópolis) os bárbaros atacaram (um grupo de tribos rebeldes góticas) a cavalaria de Valente sucumbiu. Como conseqüência, a infantaria também foi derrotada. Valente ficou ferido e foi transportado para a sua tenda. As circunstâncias exatas de sua morte são desconhecidas. Em resumo, a batalha foi desastrosa para os romanos, e o próprio Valente morreu nela. Dois terços do exército romano do oriente foram destruídos, no que contemporâneos e historiadores consideraram o princípio do fim da integridade territorial romana. Os godos continuaram a se mover para o leste e atacaram Constantinopla. Porque não havia nenhum imperador a liderar as forças, a imperatriz Dominica foi forçada a organizar um contra-ataque. Dominica pagou os salários dos soldados com o tesouro imperial a quaisquer voluntários civis que estavam dispostos a armar-se contra os invasores. Após a morte de seu marido, ela governou como regente e defendeu Constantinopla contra os atacantes godos até que seu sucessor, Teodósio I chegou e foi nomeado novo imperador do Oriente. O imperador Graciano, com dezenove anos de idade, foi esmagado pelo desastre e não foi capaz de lidar com ele.

Valente e Valentiniano tinham diferentes crenças religiosas: Valente era Ariano e Valentianiano havia aceitado o Cristianismo Niceno. Valente era cristão Ariano e perseguiu os cristãos Nicenos, instigado por sua esposa. Os cristãos Nicenos eram os que, segundo o Concílio de Nicéia em 325, aceitavam a divindade de Jesus Cristo e

reconheciam a Sua unidade com o Pai. Também criam no Espírito Santo. Os cristãos Arianos não criam na Trindade, aceitavam Jesus e Deus Pai, mas um Jesus subordinado a Deus Pai; portanto, sem ser Deus. Em outras palavras, seria Seu filho, mas não o próprio Deus. De qualquer forma, com a morte de Valente o Arianismo chegou ao fim, pois o seu sucessor **Teodósio I** passou a impôr o Credo Niceno em 27 de fevereiro de 380 DC, através do **Édito de Tessalônica** onde se estabeleceu que o Cristianismo tornar-se-ia, exclusivamente, a religião de estado no Império Romano, abolindo todas as práticas politeístas dentro do império e fechando templos.

3) Flávio **Graciano** Augusto (Flavius Gratianus Augustus) – r. 375-383 (Império Romano do Ocidente) / com Valente, seu tio, 375-378 (Império Romano do Oriente) / com Valentiniano II, seu irmão (Oeste – 375-392) / com Teodósio I (379-395 – Império Romano do Oriente)

Nascimento: 359 DC

Nome de nascimento: Flávio Graciano

Nome como imperador: Flávio Graciano Augusto

Pai: Valentiniano I (Flávio Valentiniano Augusto)

Meio-Irmão: Valentiniano II

Esposas:

• Graciano se casou pela primeira vez aos 14 anos de idade com Flávia Máxima Faustina Constância – filha de Constâncio II (irmão de Constantino I) e de Faustina, sua terceira esposa. Flávia Máxima Faustina Constância nasceu em 262, após a morte do pai, e tinha 12 anos quando se casou com Graciano. Ela morreu aos 21 anos de idade.

• Sua segunda esposa foi Laeta, no curto período entre a morte de Constância e a morte de Graciano. Não há informações sobre ela; apenas que ela e sua mãe supriram muitas pessoas com alimento durante o cerco de Roma pelos Visigodos em 408.

Filhos: não teve filhos com suas esposas

Morte: 24 anos (383 DC), assassinado

Flávio Graciano Augusto era filho do Imperador Valentiniano I. Em 367 ele recebeu de seu pai o título de Augusto. Com a morte de Valentiniano I (375), as tropas na Panônia aclamaram Valentiniano II, o filho menor de Valentiniano I e Justina, imperador, com 4 anos de idade. Graciano, então, separou para si a administração das províncias da Gália, e entregou Itália, Illyricum e África para Valentiniano II e sua mãe, a qual fixou a sua residência no Mediolanum (Milão). Apesar desta divisão formal, a autoridade real se manteve nas mãos de Graciano. Em 378, com a morte do seu tio Valente no campo de batalha, Graciano passou a governar também o Império Romano do Oriente, que concedeu em 379 DC a Flávio Teodósio I, pois se sentiu incapaz de suportar as investidas dos bárbaros. Ele favoreceu claramente a religião cristã contra o paganismo, recusando-se a repetir os rituais pagãos dos imperadores anteriores e tirando o Altar da Vitória do senado em 382 DC. O Altar da Vitória era uma estátua de ouro e havia sido colocada na sala do senado em homenagem à deusa Vitória pelo imperador César Augusto em 29 AC para comemorar a derrota de Marco Antônio e Cleópatra na batalha de Actium (Grécia), pois se opuseram a ele. Os senadores romanos não gostaram da retirada da estátua, uma vez que, durante séculos, eles juravam solenemente diante dela, recitavam orações e faziam libações de vinho e queimavam incenso. Também se recusou a usar o título de máximo pontífice, ao contrário dos imperadores que o antecederam.

Durante alguns anos, governou o Império com sucesso e energia, mas caiu gradualmente na indolência, sendo um fantoche mãos de um General Franco, Merobaldo, e de Ambrósio (bispo de Milão). O reinado de Graciano marcou uma época

importante na história eclesiástica, pois durante esse período o Cristianismo Niceno pela primeira vez, tornou-se dominante em todo o Império. O imperador removeu dos sacerdotes pagãos e das vestais todo privilégio. Apesar disso, Graciano ainda foi deificado após sua morte. Foi assassinado por um soldado de suas próprias tropas em 383, quando se preparava para lutar contra o usurpador Magno Máximo (Flavius Magnus Maximus Augustus) ou Maximiano (383-388 DC), proclamado imperador pelas legiões da Britânia; outras versões dizem que quem o assassinou foi um soldado de cavalaria de Máximo.

4) Flávio Valentiniano Augusto ou **Valentiniano II** (Flavius Valentinianus Augustus) – 375-392 (Império Romano do Ocidente) – 17 anos

Nome de nascimento: Flávio Valentiniano

Nome como imperador: Flávio Valentiniano Augusto

Pai: Valentiano I (Flávio Valentiniano Augusto)

Meio-Irmão: Graciano

Meias-Irmãs: Gala, Grata e Justa

Morte: 21 anos, estrangulado

Valentiniano II (375-392 DC), filho do imperador romano Valentiniano I, o sucedeu no poder e dividiu o governo da Ilíria com o irmão Graciano. A mãe de Valentiniano II se chamava Justina, e governou em seu lugar, pois ele tinha apenas quatro anos de idade quando foi feito imperador. Valentiniano I (364-378) professava o Cristianismo Niceno. Justina (viúva do usurpador Magnêncio, da época de Valentiniano I) era uma Ariana. Quem, na verdade, governou no lugar de Justina foi o poderoso general Merobaldo. O meio-irmão de Valentiniano II, Graciano, tinha 16 anos na época. Anos mais tarde, em 384, enquanto Teodósio I a mando de Graciano reinava no oriente, Magno Máximo (Flavius Magnus Maximus Augustus ou Máximo, o usurpador – 383-388 DC) reinava na Britânia e na Gália, tentando negociar com o imperador do oriente Teodósio I. Valentiniano II manteve a Itália, Panônia, Hispânia e a África. Em 387, para ampliar seu império Máximo invadiu a Itália e foi derrotado por Teodósio numa batalha em 388, restaurando o trono do Ocidente a Valentiniano II. A Gália e a Britânia ficaram, teoricamente, sem governante (somente mais tarde foram ocupadas pelo imperador Bizantino, Constantino III, entre 407 e 411). O tutor de Valentiniano II, Arbogasto (Flavius Arbogastes), mestre de cavalaria e general Franco do Império Romano do Ocidente, mandou estrangulá-lo em 392. Seu corpo foi encontrado pendurado em uma árvore, talvez por deixar o Arianismo e aderir à igreja católica. Mediolanum (Milão), naquela época, era uma cidade pastoreada pelo bispo cristão Aurélio Ambrósio (340-397) que, muito provavelmente, influenciou Valentiniano II, e foi o líder religioso a quem Justina se opôs. O reinado deste imperador foi **um prenúncio do quinto século**, quando as crianças ou nulidades, reinando como imperadores, foram controlados por generais e oficiais poderosos.

Interlúdio – dois usurpadores: **Magno Máximo** (Flavius Magnus Maximus Augustus ou Máximo, o usurpador – 383-388 DC) e **Flávio Eugênio** (Flavius Eugenius – 392-394 DC).

• **Magno Máximo** (Flavius Magnus Maximus Augustus ou Máximo, o usurpador) – 383-388 DC (5 anos)

Magno Máximo era um general de Graciano. Máximo começou a estabelecer seu controle sobre uma parte do Império Romano, incluindo Grã-Bretanha, Gália, Hispânia e a Diocese de África. Ele governou de sua capital em Augusta Treverorum (Treves,

Trier) e foi capaz de negociar o seu reconhecimento por Valentiniano II e Teodósio I, a partir de 384. A área de Valentiniano II havia sido efetivamente limitada a Itália, governando a partir de Mediolanum (atual Milão). Em 387 a trégua entre Valentiniano II e Máximo terminou. Este último cruzou os Alpes no Vale do Pó e ameaçou Milão. Valentiniano e sua mãe Justina fugiram da capital para Tessalônica, capital da Prefeitura pretoriana da Ilíria, e na época, a residência escolhida de Teodósio. Gala, também filha de Justina e irmã de Valentiniano II, os acompanhou. Teodósio era, na época, viúvo de sua primeira esposa Élia Flacila, que morreu em 385 ou 386. Teodósio concedeu refúgio aos fugitivos e veio a se casar com Gala.

• **Flávio Eugênio** (Flavius Eugenius) – 392-394 DC (2 anos)

Flávio Eugênio reinou entre 392-394 DC como sucessor de Valentiniano II (Itália, Panônia, Hispânia e África), e se opôs ao imperador Teodósio I ou Teodósio, o Grande. Eugênio foi proclamado Augusto do Oriente após a morte de Valentiniano II em circunstâncias obscuras. Morreu na Batalha do Rio Frígido contra Teodósio I. Representou o último avivamento da tradição pagã contra o Cristianismo, que havia de prevalecer como a única fé do Estado. Embora sendo Cristão, ele foi o último Imperador a apoiar o politeísmo Romano.

XIII) A Dinastia Teodosiana (379-455 DC no Império Romano do Ocidente e 379-457 no Império Romano do Oriente): Teodósio I (379–395 como imperador do Leste) / Arcádio (383-395 junto com o pai; 395-408 como imperador único do Leste) / Honório (393-423 como imperador do Oeste) / Teodósio II (408-450 como imperador do Leste) / Valentiniano III (423-425 como César no Oeste; 425-455 como imperador do Oeste) / Marciano (450-457 como imperador do Leste, com sua esposa Pulquéria 450-453).

Teodósio I

Arcádio

Honório

1) Flávio Teodósio (Flavius Theodosius) ou **Teodósio I, o Grande** – 379-392 como imperador do Leste / 392-395 como único governante do Império, tendo seu filho Arcádio como co-augusto no Leste (383-395). Total de reinado = 16 anos.

Nome de nascimento: Flávio Teodósio (Flavius Theodosius)

Nome como imperador: Flávio Teodósio (Flavius Theodosius Augustus)

Pai: Conde Teodósio ou Teodósio o Velho

Mãe: Termância

Esposas: Élia Flacila (morreu em 385-386 mais ou menos) e Flávia Gala

Filhos: **Com Élia Flacila:** Arcádio, Honório e Élia Pulquéria (385-386 – morreu na infância; esta Élia Pulquéria não deve ser confundida com a neta de Teodósio I com o

mesmo nome, filha de Élia Eudóxia com Arcádio, o filho de Teodósio I). **Com Flávia Gala:**

1) Graciano – nascido em 388 DC e morreu jovem

2) Élia Gala Placidia (Aelia Galla Placidia – 392-450 DC), mãe de Valentiniano III e Justa Grata Honória. Foi regente para o filho Valentiniano III desde 423 até sua maioridade em 437, e uma grande força na política de Roma durante grande parte de sua vida. Foi esposa de Ataúfo, rei dos Visigodos, de 141 até a morte dele em 415, e imperatriz consorte de Constâncio III por um curto período de tempo em 421.

3) João – morreu com a mãe, Gala, durante o parto (394)

Morte: 48 anos, insuficiência cardíaca congestiva.

Teodósio I, o Grande, ou Flávio Teodósio, foi imperador bizantino entre 379 e 395 DC. Nasceu na Hispânia por volta de 346-347 e faleceu em Milão em 395. Foi o filho do conde Teodósio, também conhecido como Teodósio, o Velho. Teodósio foi o último líder de um Império Romano unido. Após a divisão entre os seus herdeiros, o império nunca mais seria governado por apenas um homem. O imperador Graciano nomeou Teodósio I co-imperador do Império Romano do Oriente em 379, após a morte do imperador Valente, morto pelos godos na Batalha de Adrianópolis (378). Depois de algumas campanhas infrutíferas, Teodósio acabou fazendo um tratado através do qual os godos poderiam ser politicamente independentes dentro do Império Romano em troca de serem obrigados a fornecer tropas para o exército imperial. Este tratado foi uma das causas do enfraquecimento militar romano que levaria depois ao saque de Roma pelos mesmos godos em 410. Eles estavam recrutando bárbaros para lutar contra outros bárbaros. Com a morte de Valentiniano II, irmão de Graciano, em 392 DC, Teodósio acabou por tomar o Ocidente do império e governou como imperador único, após derrotar o usurpador Eugênio em 394, na **Batalha do Rio Frígido.** Como co-Augusto do Ocidente, ele nomeou seu filho mais novo em 393.

No âmbito religioso, Teodósio tomou a decisão de fazer do Cristianismo Niceno (Catolicismo) a religião oficial do Império, emitindo o **Édito de Tessalônica** (380 DC), acabando com o apoio do Estado à religião romana tradicional e proibindo a adoração pública dos antigos deuses. O **Massacre de Tessalônica** foi um episódio de perseguição e violência contra os não-cristãos do Império Romano no ano de 388 ou 390, e que resultou na morte centenas ou milhares de pessoas (algumas versões dizem 7000 pessoas mortas), por ordem de Teodósio I. Ele decretou leis proibindo os cultos a deuses gregos, e proibindo a prática de adivinhação sob pena de morte. Muitos filósofos e professores tiveram que partir para o exílio, a fim de evitar a perseguição do imperador. Um dos grandes conflitos entre a nova religião do Império e a tradição pagã dizia respeito à condenação da homossexualidade, que era normal na Grécia antiga e no Império Romano, até entre soldados e imperadores, como Alexandre Magno e seu amante Hefestião; ou o imperador romano Adriano e seu amante Antínoo, a quem erigiu um templo no Egito depois da sua morte. E Nero, com Sporo. Teodósio tinha publicado um decreto que condenava à morte quem praticasse homossexualidade ou pederastia (contato sexual entre um homem e um rapaz bem jovem). Sob a força desta lei, o general godo, Buterico, colocou na prisão em Tessalônica um grego condutor de carros do circo, atleta popular que ganhava muito dinheiro nos jogos, e era pederasta. O povo se revoltou, e os soldados bárbaros, com ódio, mataram o general Buterico. Teodósio I estava em Milão e ordenou um massacre do povo quando estivesse reunido para o circo. Dizem algumas fontes que ele teria revogado a ordem, mas esta chegou tarde e na repressão morreram diversas pessoas. O bispo Ambrósio, recriminou a crueldade do imperador e o impediu de entrar na igreja e receber a hóstia sagrada. Só depois que o

imperador se submeteu à penitência imposta pelo bispo, ele pôde entrar na igreja. Esse foi o primeiro exemplo da submissão de um imperador ao poder espiritual.

Teodósio morreu em Milão em 395 por insuficiência cardíaca congestiva.

Como foi dito acima, Teodósio foi o último líder de um Império Romano unido. Após a divisão entre os seus herdeiros, o império nunca mais seria governado por apenas um homem. Sucessores de Teodósio:

Flávio Arcádio (Flavius Arcadius) – Leste – 395-408 DC

Flávio Honório (Flavius Honorius) – Oeste – 395-423 DC – Imperador César Flávio Honório Pio Feliz Augusto (Imperator Caesar Flavius Honorius Pius Felix Augustus).

2) Flávio **Arcádio** (Flavius Arcadius) – como co-augusto no Leste (383-395), como único governante no leste: 395-408 DC (25 anos)

Nome de nascimento: Flávio Arcádio (Flavius Arcadius)

Nome como imperador: Flávio Arcádio Augusto (Flavius Arcadius Augustus)

Pai: Flávio Teodósio (Flavius Theodosius) ou Teodósio I ou Teodósio, o grande

Mãe: Élia Flacidia (1ª esposa de Teodósio I)

Irmão: Flávio Honório (Flavius Honorius)

Meia-irmã: Élia Gala Placidia (Aelia Galla Placidia – 392-450 DC), mãe de Valentiniano III e Justa Grata Honória. Foi esposa de Ataúfo, rei dos Visigodos, e imperatriz consorte de Constâncio III

Esposa: Élia Eudóxia

Filhos: Flacila (n.397 – natimorta), Élia Pulquéria (399-453; casou com Marciano, mas fez voto de castidade), Arcádia (400–444; assim como a irmã Pulquéria, ela fez voto de castidade, e nunca se casou), Teodósio II (401-450) e Marina (n.404 – natimorta; este parto causou a morte de Eudóxia por hemorragia e infecção)

Morte: 30-31 anos de idade, de causa desconhecida.

Flávio Arcádio (Flavius Arcadius – 395-408 DC) foi um Imperador Romano do Oriente. Arcádio nasceu na Hispânia, o filho mais velho do imperador Teodósio I e Aelia Flacila, e irmão de Honório, que iria se tornar o imperador romano do Ocidente. Seu pai declarou-o um Augusto e co-regente da metade Oriental do império, em janeiro de 383. Seu irmão mais novo também foi declarado Augusto em 393, para a metade Ocidental. Ele foi nomeado cônsul três vezes em 385, 392 e 394. Instruído na religião cristã, acabou por revelar-se um príncipe fraco sob a influência de vários conselheiros ao seu lado. Assim como o irmão Honório, Arcádio esteve sob controle de seus ministros durante todo seu reinado. Élia Eudóxia, a esposa do imperador, foi nomeada Augusta em 400 DC e se tornou o novo poder atrás do trono. Durante o seu domínio, a corte presenciou vários confrontos entre ela e o arcebispo João Crisóstomo, o Patriarca de Constantinopla, patrono do cristianismo primitivo, e que acabou sendo deposto.

A partir de 404 com a morte de Élia Eudóxia, o trono foi governado indiretamente pelo prefeito pretoriano do Oriente Flávio Antêmio, até a morte do imperador em 408 DC. Também continuou regendo durante a minoridade de Teodósio II. Antêmio trabalhou para acabar com abusos governamentais, assim como ampliar a cristianização e a defesa do Oriente contra ataques. Leis contra o paganismo, judaísmo e heresias foram aprovadas e a paz foi selada com o Ocidente, especialmente depois da criação de um consulado conjunto entre Antêmio e Flávio Estilicão em 405; este último foi um general de alta patente no exército romano (magister militum) e conselheiro de Honório, no oeste. Ele era de ascendência mista (Vândala e Romana), além de ser um Ariano. Ele veio a se casar com a sobrinha do imperador Teodósio I. Em 414, Antêmio desapareceu repentinamente dos relatos da História e a regência foi assumida por Pulquéria Augusta

(esposa do imperador Marciano, do Oriente, a segunda filha de Arcádio), enquanto seu posto de prefeito da guarda pretoriana foi assumido por Aureliano (um oficial Bizantino). O destino de Antêmio é desconhecido, embora seja possível que ainda estivesse vivo em 415. A causa da morte de Flávio Arcádio é desconhecida.

3) Flávio **Honório** Augusto (Flavius Honorius Augustus) – 395-423 DC – como Augusto no Oeste (28 anos)

Nome de nascimento: Flávio Honório (Flavius Honorius)

Nome como imperador: Imperator Caesar Flavius Honorius Pius Felix Augustus (Imperador César Flávio Honório Pio Feliz Augusto)

Pai: Flávio Teodósio (Flavius Theodosius) ou Teodósio I ou Teodósio, o grande

Mãe: Élia Flacila (1ª esposa de Teodósio I)

Irmão: Flávio Arcádio (Flavius Arcadius)

Meia-irmã: Élia Gala Placidia (Aelia Galla Placidia – 392-450 DC), mãe de Valentiniano III e Justa Grata Honória. Foi esposa de Ataúfo, rei dos Visigodos, e imperatriz consorte de Constâncio III

Esposas: Maria e Emília Materna Termância ou Termância (Aemilia Materna Thermantia)

Filhos: nenhum

Morte: 38 anos de idade, por insuficiência cardíaca congestiva.

Flávio Honório Augusto foi um imperador do Império Romano do Ocidente, enquanto seu irmão Arcádio assumiu o trono do Oriente (com 10 anos de idade). Foi nomeado Augusto aos oito anos de idade (393 DC). Com a morte de seu pai (395), ficou sob a tutela do mestre militar Flávio Estilicão, um general de origem metade vândala e metade romana, casado com Serena, a sobrinha favorita de Teodósio I. Estilicão governou de fato, devido à fraca personalidade do imperador Honório, e o fez casar com suas filhas Maria e Termância, uma após a outra. Durante o reinado de Flávio Honório foi emitido o édito que acabou com as lutas de gladiadores (404), e a Gália foi ocupada pelos Vândalos, Suevos e Alamanos (406). Estilicão perdeu o favor do povo por demonstrar-se incapaz de conter as invasões bárbaras, e ainda por ser suspeito de que conspirava com os Visigodos para colocar seu filho Euquério como herdeiro do imperador, e acabou executado (408). Durante o reinado de Honório ocorreu ainda o saque de Roma pelos visigodos, sob o comando de Alarico I (24 de agosto de 410), durante o qual o imperador refugiou-se em Ravena (uma região da Itália), um dos eventos mais desastrosos da história de Roma, e que repercutiu da Britânia até a Judéia. A fraqueza e timidez do imperador, aliadas às circunstâncias adversas dos ataques dos vândalos e visigodos, fizeram do seu governo um dos piores que Roma já havia presenciado. Suas ações negativas contribuíram para o enfraquecimento e a queda do império do ocidente. Morreu de insuficiência cardíaca aos 38 anos de idade.

Teodósio II

Valentiniano III

Marciano

Pulquéria

4) Flávio Teodósio Augusto (Flavius Theodosius Iunior) ou **Teodósio II** – 408-450 DC – Imperador do Leste (42 anos)

Nome de nascimento: Flávio Teodósio Júnior (Flavius Theodosius Iunior)

Nome como imperador: Flávio Teodósio Augusto

Pai: Flávio Arcádio (Flavius Arcadius)

Mãe: Élia Eudóxia

Irmãs: Élia Pulquéria (casou com Marciano, mas fez voto de virgindade) e Arcádia (assim como a irmã, ela fez voto de castidade e nunca se casou)

Esposa: Élia Eudócia Augusta (Aelia Eudocia Augusta), descendente de gregos e depois convertida ao Catolicismo Ortodoxo. Foi banida da corte em 443 por suspeita de adultério e morreu em Jerusalém. Era também conhecida como Eustácia.

Filhos: Licínia Eudóxia (casou com o primo Valentiniano III), Flacila (morreu em 431) e Arcádio (morreu na infância)

Morte: 49 anos de idade, após um acidente de equitação.

Flávio Teodósio ou Teodósio II, chamado o calígrafo, foi um imperador bizantino. Quando Arcádio morreu, ele tinha apenas 7 anos de idade e o trono foi governado indiretamente pelo prefeito pretoriano do Oriente Flávio Antêmio, que auxiliara seu pai Arcádio. Flávio Teodósio ou Teodósio II é conhecido principalmente pela promulgação do **Código de Teosósio** ('Codex Theodosianus', uma compilação das leis do Império Romano sob os imperadores cristãos desde 312, e publicada em 438 DC), bem como pelo **Muro de Teodósio.** As Muralhas de Constantinopla são uma série de muralhas de pedra que rodeavam e protegiam a cidade de Constantinopla, atual Istambul na Turquia, desde sua fundação por Constantino. As **Muralhas** receberam outras adições e modificações ao longo de sua história, e se tornaram uma grande fortificação da Antiguidade. Durante seu reinado teve início a construção de uma nova muralha de 1.500 metros a oeste da antiga.

A muralha de Teodósio II

Pulquéria, sua irmã, que o ajudava na regência (408-416) aumentou o interesse de Teodósio pelo Cristianismo, e isso reiniciou uma guerra contra os sassânidas (421-422), que estavam perseguindo os cristãos. Os romanos foram obrigados a aceitar a paz quando os Hunos ameaçaram Constantinopla. O imperador do Ocidente Flávio Augusto Honório, tio de Teodósio II, nos anos finais do seu império contribuiu para o declínio de

Roma. No seu reinado (410) houve o saque de Roma pelos Visigodos. Ele morreu em 423 e João (conhecido como Ioannes, o usurpador, morto em 425 e chefe dos serviços administrativos), começou a reinar no Ocidente em rivalidade com Valentiniano III, filho da meia-irmã de Honório e Arcádio, Élia Gala Placidia (Aelia Galla Placidia). Então, eles pediram auxílio a Teodósio II em Constantinopla, em 424. Teodósio lutou contra João, reinstalando o trono a Valentiniano III em 425 DC, e lhe deu sua filha Licínia Eudóxia por esposa. Em 435 DC Teodósio II ordenou a destruição de todos os templos pagãos remanescentes. Depois disso, houve várias guerras entre bárbaros e africanos de Cartago (Tunísia), onde romanos do ocidente e do oriente foram envolvidos, e Teodósio II, sob influência do bispo de Constantinopla pagou 300 quilos de ouro aos hunos como tributo para que houvesse paz (447 DC). Teodósio II morreu em 450, com 49 anos de idade, após um acidente de equitação. Na luta pelo poder que se seguiu sua irmã Pulquéria que recentemente havia retornado à corte, venceu o eunuco Crisafio (ministro chefe de Teodósio). Ela se casou com o general Marciano (Flavius Marcianus), tornando-o imperador, mas não teve filhos com ele, pois havia feito voto de castidade.

5) Flávio Plácido Valentiniano (Flavius Placidus Valentinianus) ou **Valentiniano III** – 425-455 DC – Imperador do Oeste (30 anos)

Nome de nascimento: Flávio Plácido Valentiniano

César no Oeste: 423–425

Nome como imperador: Flávio Plácido Valentiniano Augusto

Pai: Constâncio III ou Flávio Constâncio (Flavius Constantius; morto em 421 DC. Ele foi o imperador do Império romano do ocidente por sete meses em 421 DC. Ele era um grande general e político, e foi o poder por trás do trono por toda a década de 410 e, em 421 DC, co-imperador com Honório (Flávio Honório – Flavius Honorius Augustus), um dos filhos de Teodósio I.

Mãe: Élia Gala Placidia (Aelia Galla Placidia), filha de Flávio Teodósio ou Teodósio I e Flávia Gala

Irmã: Justa Grata Honória

Primo: Teodósio II

Esposa: Licínia Eudóxia (sua prima)

Filhas: Eudócia e Placídia

Morte: 36 anos de idade, assassinado

Valentiniano III (Flávio Plácido Valentiniano – Flavius Placidus Valentinianus) reinou de 425-455 DC, já na fase da decadência do Império. Ele se manteve na dependência de Teodósio II, imperador do Oriente, e seu primo. Ele perdeu a Britânia e durante o seu reinado, os vândalos e os Hunos (uma tribo proveniente da Ásia e que veio habitar na Germânia) se instalaram no Império. Nada fez de muito relevante. Ele subiu ao trono com 6 anos de idade, por ajuda do seu primo Teodósio II, tendo sua mãe, Élia Gala Placídia por trás do trono como governante, mas em 433 DC o poder foi transferido para Flávio Aécio, comandante do exército. Apesar da intervenção de dois exércitos do Império Romano do Oriente, Valentiniano foi obrigado a permitir que os vândalos se estabelecessem na África, em 442 DC. Valentiniano III em 449 DC sofreu bastante por um ato de traição de sua irmã Honória (Justa Grata Honória – Iusta Grata Honoria), enviando a Átila o Huno um anel e uma carta, pedindo-lhe auxílio e prometendo sua mão em casamento, pois seu noivo Flávio Basso Herculano não era da sua vontade e seu amante, o mordomo Eugênio, fora morto.

Assim, Átila e seus Hunos invadiram o império do Ocidente, e entraram na Itália em 452 DC. Os adversários de Flávio Aécio, o verdadeiro governante por trás do trono,

instigaram Valentiniano III a matá-lo. Aécio foi morto por ordem do imperador em 454, mas sua morte foi vingada por dois dos seus guardas da guarda pretoriana, que mataram Valentiniano III. Este foi sucedido por Petrônio Máximo (reinou de março a abril em 455). Alguns historiadores dizem que o filho de Petrônio era Flávio Anício Olíbrio (Flavius Anicius Olybrius), o marido de Placídia, filha de Valentiniano III. Sabe-se apenas que a imperatriz Licínia Eudóxia, furiosa com Petrônio Máximo, que havia matado Valentiniano III, pediu ajuda a Genserico, o rei vândalo da África. Este veio a Roma, destruindo o que podia, matando Máximo (após seu breve reinado de 77 dias) e levando os senadores sobreviventes e suas mulheres como reféns para Cartago, assim como a imperatriz Eudóxia, sua filha Eudócia, a qual deu por esposa ao seu filho Hunerico, e sua outra filha, Placídia, cujo marido Anísio Olíbrio estava em Constantinopla na época.

Segundo as fontes, Placídia passou seis ou sete anos em cativeiro e o imperador do Oriente Leão I, o Trácio, pagou um resgate por ela, que passou a morar em Constantinopla. Em 472, depois de muitas disputas entre os generais romanos e bárbaros pelo trono do Ocidente, Flávio Anício Olíbrio (Flavius Anicius Olybrius) foi proclamado imperador, mas faleceu seis meses depois de edema pulmonar. Sua esposa Placídia e sua filha permaneceram em Constantinopla.

6) Élia **Pulquéria** Augusta (Aelia Pulcheria) – 450-453 DC – Imperatriz do Leste (3 anos)

Nome de nascimento: Élia Pulquéria (Aelia Pulcheria)

Nome como imperatriz: Élia Pulquéria Augusta (Aelia Pulcheria Augusta)

Pai: Flávio Arcádio, o filho de Teodósio I

Mãe: Élia Eudóxia

Irmãos: Teodósio II e Arcádia (assim como a irmã, Pulquéria, ela fez voto de castidade e nunca se casou)

Marido: Flávio Marciano

Filhos: nenhum

Morte: 54 anos de idade (453 DC), causas naturais.

Quando seu pai Arcádio faleceu em 408, seu irmão Teodósio II aos sete anos de idade foi elevado ao trono no Império Romano do Oriente. Em 4 de julho de 414, Pulquéria, então com quinze anos, foi proclamada regente do irmão, que tinha treze, e se auto-proclamou augusta e imperatriz romana do oriente. Durante o reinado do irmão ela deteve muito poder, assim como era grande a sua influência sobre os assuntos religiosos na igreja, incluindo as políticas contra o paganismo romano, a construção de igrejas e o debate sobre o título de Maria, a mãe de Jesus, pois a corrente ortodoxa a chamava de 'mãe de Deus' (grego, theotókos), e outra corrente (Nestoriana), criada por Nestório, o patriarca de Alexandria, propunha que a chamassem 'A mãe do Messias' (Christotokos). Esse debate conclamou o Concílio de Éfeso em 431. Pulquéria treinou o irmão não apenas nas habilidades imperiais, mas também o ensinou como ser um líder cristão piedoso, mas Teodósio desprezou todos os ensinamentos. Ela e o irmão tinham aversão aos judeus e ambos começaram a proclamar leis contra o judaísmo na cidade de Constantinopla, inclusive destruindo sinagogas e ordenando a execução de alguns judeus na Palestina.

Por causa de ciúmes da cunhada Eudóxia em relação à sua influência sobre Teodósio II, Pulquéria saiu do palácio e foi morar em Hebdomo (hoje Bakırköy), a dez quilômetros de Constantinopla. Eudoxia, por sua vez, partiu para a Terra Santa, abraçando o nestorianismo. Após a morte do irmão em julho 450, Pulquéria reinou sozinha por quatro meses. Em novembro do mesmo ano ela se casou com Marciano, por

pressão do Senado Romano que, embora respeitasse a sua autoridade, não queria ver uma mulher reinar sozinha. Ele e a imperatriz foram proclamados imperador e imperatriz do Império Romano do Oriente. Mas ela manteve o seu voto de castidade. Márcia Eufêmia (Marcia Euphemia) foi a única filha de Marciano com uma mulher de nome desconhecido. O governo dos dois foi marcado por conflitos religiosos entre o nestorianismo e os Concílios de Éfeso (o 1º em 431, ainda no reinado de Teodósio II) e Calcedônia (451 DC). O Nestorianismo colocava em 'cheque' os valores religiosos de Pulquéria, a 'imperatriz virgem'. Nestório foi deposto e acusado de heresia. O Concílio de Calcedônia confirmava a posição do Concílio de Nicéia em relação à Trindade de Deus (Deus era Pai, Filho e Espírito Santo), e afirmava também que Jesus durante a Sua encarnação foi, por todo o tempo, totalmente divino e totalmente humano. Pulquéria mandou construir três igrejas à Virgem Maria. Não se sabe a causa da sua morte; provavelmente por causas naturais. Depois da morte, ela foi canonizada.

7) Flávio **Marciano** Augusto (Flavius Marcianus Augustus) – 450-457 DC – Imperador do Leste (7 anos)

Nome de nascimento: Flávio Marciano (Flavius Marcianus)

Nome como imperador: Flávio Marciano Augusto (Flavius Marcianus Augustus)

Esposa: Élia Pulquéria (Aelia Pulcheria)

Filha: Márcia Eufêmia (Marcia Euphemia), com uma mulher de nome desconhecido

Morte: 65 anos de idade (457 DC), de gangrena

Ele era inicialmente um soldado, e depois de uma guerra contra os sassânidas, já ocupando o posto de tribuno e comandante da sua tropa, ficou doente. Ao se recuperar, foi para Constantinopla, onde atuou por 15 anos como guarda pessoal ou guarda de elite do imperador Teodósio II. Em 431-434 foi preso por vândalos num combate na África, mas liberado pelo chefe bárbaro. Por influência de 2 generais influentes, ele se tornou capitão da guarda e depois elevado à categoria de cônsul. Depois da morte de Teodósio II em 450, sua irmã Pulquéria (que já o havia ajudado a reinar em sua minoridade) se casou com o general Marciano (Flávio Marciano – Flavius Marcianus), tornando-o imperador (na época, ele já tinha 58 anos de idade), mas não teve filhos com ele, pois havia feito voto de castidade. O Imperador Caesar Flavius Marcianus Augustus foi imperador do oriente de 450 até 457 DC. Seu governo marcou a recuperação do Império do Oriente, já que o imperador o protegeu de ameaças externas e reformou-o economicamente. Também interrompeu o pagamento de tributos aos Hunos. Por outro lado, a política de isolamento de Marciano deixou o Império Romano do Ocidente sem ajuda contra os ataques bárbaros, que ocorreram nas campanhas italianas de Átila e no saque vândalo de Roma (455 DC). Morreu provavelmente de gangrena, após uma peregrinação religiosa. Foi socorrido por sua filha Eufêmia (filha de Marciano com sua primeira mulher cujo nome é desconhecido) e por seu genro Antêmio (futuro imperador do Ocidente). Sua esposa Pulquéria ainda vivia. Como não tinha um filho homem para sucedê-lo no trono, o general Áspar ocupou o lugar até ser eleito o imperador militar Leão.

Imperadores Romanos 6

Neste capítulo será abordada a queda do Império Romano do Ocidente e a posterior divisão entre Ocidente e Oriente. Em geral, a expressão queda do Império Romano refere-se ao fim do Império Romano do Ocidente, ocorrido em 476 DC, com a tomada de Roma pelos Hérulos, uma vez que a parte oriental do Império, que posteriormente os historiadores denominariam Império Bizantino, continuou a existir por quase mil anos, até 1453, quando ocorreu a Queda de Constantinopla pelos turcos otomanos. A queda do Império Romano do Ocidente foi causada por uma série de fatores, entre os quais as invasões bárbaras que causaram a derrubada final do Estado. Os Hérulos foram uma tribo germânica, possivelmente originária do sul da Escandinávia (Dinamarca, Suécia e Noruega) e invadiram o Império Romano no século III. Os Hérulos junto com os Godos participaram de várias expedições saqueando o mar Negro e o mar Egeu. Os Vândalos derrotaram os Romanos na Batalha do Cabo Bon. O império Bizantino também não ficou isento de problemas, pois no reinado de Zenão I levantou-se uma grande polêmica religiosa por causa do **Henotikon** (Henótico), um documento por ele emitido, tentando resolver as divergências entre a Ortodoxia Católica e o Monofisismo, uma heresia que já havia sido condenada em Concílios anteriores. Como vimos no capítulo anterior, Teodósio I (379-392 como imperador do Leste; e 392-395 como único governante de todo o Império do Ocidente e Oriente) já havia tomado a decisão de fazer do Cristianismo Niceno, ou Catolicismo, a religião oficial do Império Romano, emitindo o Édito de Tessalônica (380 DC). Entretanto, o Arianismo e o Monofisismo (já considerados como heresias) insistiam em prevalecer.

Neste capítulo, você vai estudar sobre:

• Os últimos imperadores do Império Romano do Ocidente: Petrônio Máximo, Ávito, Majoriano, Líbio Severo, Antêmio, Flávio Olíbrio, Glicério, Júlio Nepos, Rômulo Augusto

• Hérulos e Godos

• Dinastia Leonina (Leão I, o Trácio; Leão II, Zenão I; Basilisco, Anastácio I Dicoro)

XIV) Os últimos imperadores do Império Romano do Ocidente:

Petrônio Máximo

Ávito

Majoriano

Líbio Severo

1) Flávio Anício **Petrônio Máximo** (Flavius Anicius Petronius Maximus) – 455 DC (78 dias)

Enquanto Pulquéria e Marciano reinavam no Leste, Valentiniano III exercia seus últimos anos de reinado (425-455 DC) no Oeste. Valentiniano III (Flávio Plácido Valentiniano – Flavius Placidus Valentinianus) se manteve na dependência de Teodósio

II, imperador do Oriente, e seu primo. No seu reinado, os vândalos e os Hunos (uma tribo proveniente da Ásia e que veio habitar na Germânia) se instalaram no Império. Embora fosse o imperador em 433 DC, o poder estava nas mãos de Flávio Aécio, comandante do exército. Apesar da intervenção de dois exércitos do Império Romano do Oriente, Valentiniano foi obrigado a permitir que os vândalos se estabelecessem na África, em 442 DC. Em 449 DC sua irmã Honória (Justa Grata Honória – Iusta Grata Honoria) enviou a Átila o Huno um anel e uma carta, pedindo-lhe auxílio e prometendo sua mão em casamento, pois seu noivo Flávio Basso Herculano não era da sua vontade e seu amante, o mordomo Eugênio fora morto. Assim, Átila e seus Hunos invadiram o império do Ocidente, e entraram na Itália em 452 DC. Os adversários de Flávio Aécio, o verdadeiro governante por trás do trono, instigaram Valentiniano III a matá-lo. Aécio foi morto por ordem do imperador em 454 (outros dizem que Valentiniano o matou com sua própria espada), mas sua morte foi vingada por dois dos seus guardas da guarda pretoriana, que mataram Valentiniano III.

Este foi sucedido por Flávio Anício Petrônio Máximo (Flavius Anicius Petronius Maximus). Petrônio já havia ocupado o cargo de magistrado, de prefeito urbano duas vezes (420-421 e ainda antes de 433), prefeito pretoriano da Itália duas vezes (435 e 439-441) e duas vezes cônsul (a primeira vez junto com Teodósio II). Provavelmente, participou da morte de Valentiniano III em 455. Casou-se com a viúva do imperador (Licínia Eudóxia), por causa da sua pretensão ao trono (por isso foi considerado um usurpador). Eles tiveram um filho chamado Paládio, que se casou com sua meia-irmã, Eudócia, e mais tarde foi executado. Quando Licínia Eudóxia suspeitou de Petrônio Máximo como mandante da morte de seu marido Valentiniano III, pediu a ajuda a Genserico, o rei vândalo da África, morando em Cartago. Ao saber da aproximação dos exércitos de Genserico, Petrônio Máximo tentou fugir de Roma, mas logo foi feito prisioneiro e acabou linchado (apedrejado) pelo povo. Morreu com 59 anos de idade (após seu breve reinado de 78 dias), assim como seu filho Paládio.

Genserico veio a Roma (455), destruindo o que podia, levando os senadores sobreviventes e suas mulheres como reféns para Cartago, assim como a imperatriz Eudóxia, sua filha Eudócia, a qual deu por esposa ao seu filho Hunerico (como estava inicialmente previsto), e sua outra filha, Placídia, cujo marido, Flávio Anício Olíbrio (Flavius Anicius Olybrius), filho de Petrônio Máximo, estava em Constantinopla na época. Segundo as fontes, Placídia passou seis ou sete anos em cativeiro e o imperador do Oriente Leão I, o Trácio, pagou um resgate por ela, que passou a morar em Constantinopla. Em 472, depois de muitas disputas entre os generais romanos e bárbaros pelo trono do Ocidente, **Flávio Anício Olíbrio** (Flavius Anicius Olybrius) foi proclamado imperador, mas faleceu seis meses depois de edema pulmonar. Sua esposa Placídia e sua filha permaneceram em Constantinopla. Petrônio foi sucedido por **Ávito.**

Placídia, filha de Valentiniano III, foi provavelmente a última imperatriz-consorte romana do ocidente conhecida pelo nome. Glicério e Rômulo Augusto não se casaram. Júlio Nepos casou-se com uma sobrinha de nome desconhecido de Élia Verina e Leão I, o Trácio.

2) Epárquio **Ávito** Augusto (Eparchius Avitus) – Julho 455–Out. 456 DC (1 ano e 3 meses).

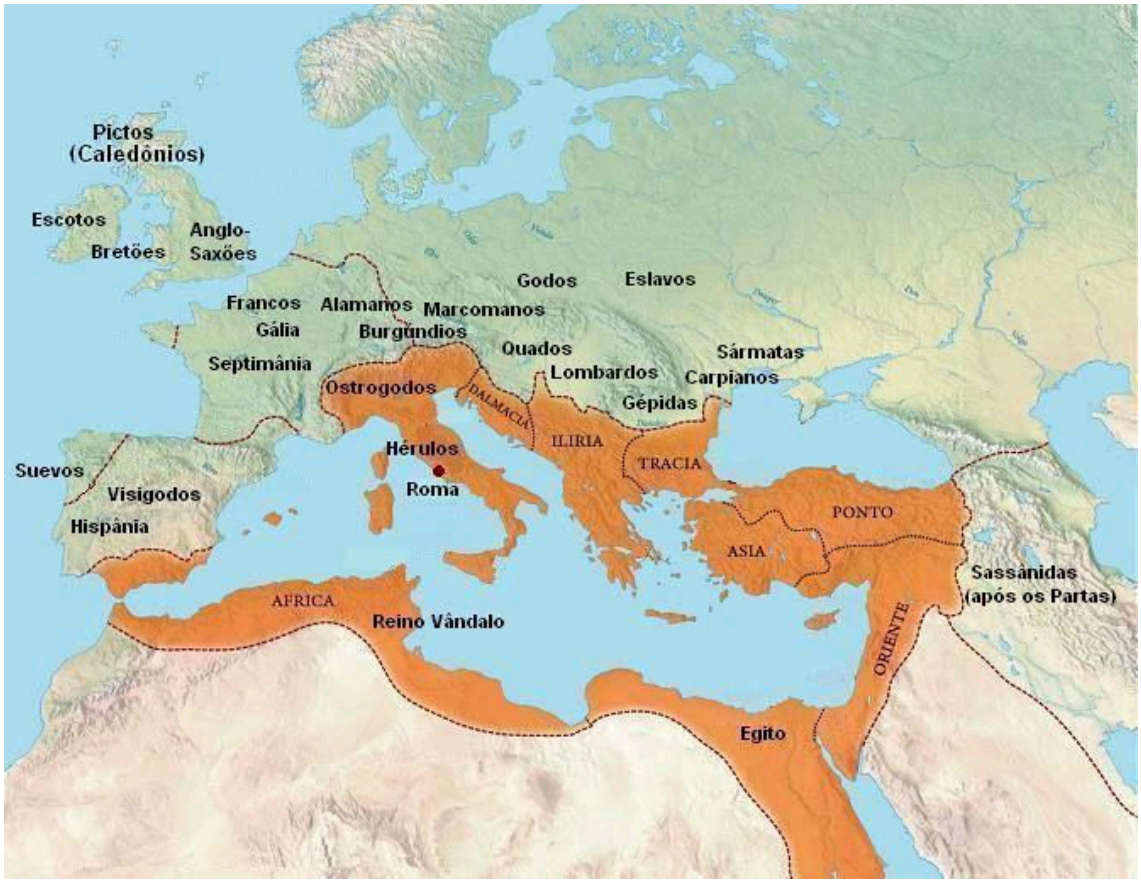
Epárquio Ávito (Eparchius Avitus) foi imperador romano do Ocidente com a designação de 'Nosso Senhor Epárquio Ávito Augusto' (Dominus Noster Eparchius Avitus Augustus), pois era bispo em Piacenza (uma arquidiocese ao Norte da Itália). Ele pertenceu ao grupo dos chamados imperadores 'bizantinos' do ocidente. Reinou por um pouco mais de um ano e negligenciou os deveres de imperador. Morreu com 71 anos de

idade em 456 DC. Ávito era um romano nascido na Gália e seus antecessores haviam sido senadores. No governo de Petrônio Máximo chegou a ser mestre dos soldados, sendo enviado numa missão diplomática para o rei visigodo Teodorico II. Ele lá estava quando soube do saque de Roma por Genserico (455), o rei vândalo de Cartago, e da morte de Petrônio Máximo. Foi Teodorico que o persuadiu a assumir o cargo de imperador, e ele foi aclamado por uma assembléia de senadores galo-romanos. Ávito recebeu a aprovação do Imperador Marciano (do Oriente) e foi proclamado imperador pelos soldados, e entrou em Roma (455). Em 456, ele reconquistou a Panônia e teve uma vitória naval contra os vândalos. O mestre dos soldados que o apoiou foi Flávio Ricímero, fiel ao rei Teodorico II (o visigodo); ele era um general romano de origem visigoda (seu avô foi um rei visigodo). A vitória naval não conseguiu, entretanto, vencer o bloqueio naval dos vândalos contra Roma, pois esses bárbaros ainda tinham o controle marítimo do Mediterrâneo. Roma passava fome e ele teve que abrir mão de sua guarda pessoal de mercenários godos. Para serem pagos, ele destroçou várias estátuas de bronze para lhes pagar seus salários. Usando do descontentamento do povo, Flávio Ricímero se aliou a Majoriano, e ambos iniciaram uma revolta. Ávito fugiu para o distrito francês de Arles, e como seu pedido de ajuda não chegou a Teodorico II (o visigodo), reuniu o melhor exército que pôde e partiu para a Itália. Foi derrotado e capturado em Placência (um distrito da Itália), onde sua vida foi perdoada, mas sendo obrigado a tomar os hábitos sacerdotais, convertendo-se em bispo de Placência em 456. Temendo por sua vida, tentou escapar para a Gália, mas foi morto ali mesmo. Outras fontes afirmam que foi assassinado, estrangulado pelo próprio Flávio Ricímero, o mestre dos soldados, ou apanhado em sua casa e deixado morrer de fome.

3) Flávio Júlio Valério **Majoriano** Augusto (Flavius Iulius Valerius Maiorianus) – 457-461 DC (4 anos)

Flávio Júlio Valério Majoriano (Flavius Iulius Valerius Maiorianus), conhecido como Majoriano, foi proclamado imperador graças ao apoio do general Flávio Ricímero, neto de um antigo rei visigodo e que o havia auxiliado a se livrar de seu

predecessor, Ávito, em 456. Majoriano possuía apenas a Itália, a Dalmácia e alguns territórios ao norte da Gália. Ele lutou bravamente contra os inimigos do império. Vencendo uma batalha contra os vândalos, ele lançou mais uma campanha, agora, contra os visigodos, ao sul da Gália, e venceu o rei Teodorico II, o que também fez os godos retrocederem para seus antigos territórios federados, liberando a Hispânia e a Septimânia, uma província a oeste da Gália. Majoriano atacou também os burgúndios (tribo germânica que habitava na região do Reno) e os venceu. Em 460, seus generais atacaram os suevos, na região da Hispânia que hoje corresponde a Portugal, vencendo-os também. Entretanto, na sua campanha contra os vândalos em 461 para restaurar a África como província romana, ele viu sua frota naval destruída por um ato de traição. Majoriano procurou reformar a administração imperial de maneira a fazê-la mais eficiente e justa. O poderoso general Flávio Ricímero, então, depôs e matou Majoriano, que havia se tornado impopular ao senado romano por causa dessas reformas. Os historiadores dizem que Majoriano foi como um personagem grande e heróico que às vezes surge numa era denegrida para vindicar a honra da espécie humana. Por isso, rompeu relações com seu aliado, o general Flávio Ricímero. Este prendeu Majoriano e o executou em 461 DC. Ele foi decapitado, e tinha 40 anos de idade quando morreu. Foi sucedido por Líbio Severo.



4) Flávio **Líbio Severo** Serpentio (Flavius Libius Severus Serpentius) – 461-465 DC (3 anos e 9 meses)

As fontes o descrevem como um homem religioso e piedoso.

Flávio Líbio Severo Serpentio foi proclamado imperador pelo general Ricímero após o assassinato de Majoriano, e teve de enfrentar vários problemas durante o seu reinado, por causa da presença de Ricímero e porque seu governo não foi reconhecido em várias províncias. Até mesmo o Imperador Oriental Leão I, o Trácio, não reconheceu Líbio Severo.

No início de 460 o Império Romano do Ocidente já não governava mais várias províncias imperiais: a Grã-Bretanha tinha sido abandonada; a África tinha sido conquistada pelos vândalos; a Hispânia foi ocupada pelos suevos e visigodos (que eram '**foederati**' ou 'federados' do Império). '**Foederatus**', em latim, era qualquer uma das várias nações periféricas na Roma antiga, as quais eram providas de benefícios em troca de ajuda militar. O termo também foi usado, especialmente sob o Império Romano, para grupos de mercenários bárbaros de vários tamanhos. Os vândalos continuaram seus ataques durante o reinado de Severo.

No entanto, a área sob controle de Líbio Severo era ainda menor (ele só tinha a Itália), uma vez que os governadores de várias províncias não o reconheceram como imperador; tanto Egídio, na Gália, como Marcelino, governante semi-autônomo sobre a Sicília e Ilíria, e Nepotiano na Hispânia, todos os que tinham apoiado Majoriano. Egídio era amigo de Ricímero e de Majoriano, e formaram uma espécie de triunvirato. Após a morte de Ávito em 457, Egídio foi mandado para a Gália do Norte, com o objetivo de defendê-la dos visigodos, francos e burgúndios. Em 461, com o assassinato de Majoriano, Egídio quis se separar de Ricímero e de Líbio Severo. Este temia que Marcelino, comandante de um exército poderoso, pudesse descer sobre a Itália, e pediu a ajuda de Leão I. O imperador oriental enviou um embaixador a Marcelino e o dissuadiu do ataque. Este episódio também é importante porque marca a passagem da Ilírica do Ocidente para a esfera de influência do Oriente.

Severo combateu Egídio em 461 colocando Agripino no cargo de comandante das tropas na Gália, o qual pediu auxílio para os visigodos para resistir às investidas de Egídio e dos seus aliados francos, liderada pelo rei Childerico I. A participação dos visigodos trouxe mais uma brecha no império já decadente: em troca do seu apoio, Severo lhes deu a cidade de Narbonne, facilitando, assim, o acesso dos bárbaros ao mar Mediterrâneo, e separando Egídio do resto do Império. Em 465, Severo o derrotou. Outras fontes dizem que em 465 ele foi assassinado por um soldado enviado por Ricímero. Após a morte de Egídio, a Gália voltou para a influência de Severo, por curto período de tempo. Houve dificuldade também em manter a ordem no meio da guarda pretoriana, devido a intrigas e atos de traição lá dentro mesmo contra ele.

Morte de Líbio Severo: provavelmente, de causas naturais em 465.

5) Procópio **Antêmio** Augusto (Procopius Anthemius) – 467-472 DC (5 anos)

Esposa: Élia Márcia Eufêmia (Aelia Marcia Euphemia), filha do imperador Bizantino Marciano.

Filhos: Alipia, Antêmiolo, Marciano, Procópio Antêmio e Rômulo

• Alipia: casou com o general Ricímero. Não tiveram filhos. Quando Antêmio foi decapitado por Ricímero, ninguém sabe o que aconteceu com Alípia.

• Antêmiolo: Seu nome significa 'pequeno Antêmio' e provavelmente é um diminutivo de seu nome verdadeiro Antêmio. Ele foi enviado à Gália pelo seu pai para impedir a invasão dos visigodos, levando um poderoso exército e mais três generais. Todos foram derrotados pelo rei visigodo e mortos em 471 DC.

• Marciano: se casou com Leôncia, filha caçula de Leão I, o Trácio com Élia Verina. Ariadne, a irmã mais velha de Leôncia, se casou com o general Zenão, que foi escolhido como cônsul em 469 e 472. Leão I foi sucedido por seu neto Leão II (de 7 anos de idade), o filho de Ariadne e Zenão I, que já reinava em co-regência com o filho. O menino morreu naquele mesmo ano e Zenão I passou a reinar sozinho, mas sem o apoio total do povo. Alguns não estavam do seu lado por causa de sua origem isauriana (A Isáuria fica ao sul da província de Konya na Turquia, na parte norte dos montes Tauro e terras adjacentes). Ele mesmo mudou seu nome original, Tarasicodissa Rousombladadiotes, para o nome grego Zenão. O povo preferia a Marciano porque Leôncia havia se casado com ele quando Leão I já era rei, ao passo que a mais velha se casara quando Leão I era um simples soldado; portanto, no seu ponto de vista, Leôncia era a que 'carregava a púrpura', isto é, a 'porfirogênita', que significa 'nascida na púrpura'. O Império Bizantino tinha vários títulos para os nobres. Para mostrar que era legítima a ascendência de um imperador, e conseqüentemente, o seu direito ao trono, eles acrescentavam o título 'porfirogênito' ou 'porfirogênita'. O título significava que eles tinham nascido na 'Pórfira' (a divisão do palácio imperial onde se davam os partos das imperatrizes e que era revestido com lajes de mármore púrpura) quando o seu pai era um imperador reinante. O poder de Zenão foi desafiado por Basilisco, irmão de Élia Verina (sua sogra), que conseguiu derrubá-lo em 475 e manter o poder por um ano, antes de Zenão tomar-lhe de volta o trono. Em 478-479, Marciano e seus irmãos (Procópio Antêmio e Rômulo), com a participação de Leôncia, lideraram uma revolta contra Zenão. Marciano foi traído por um general também isauriano que facilitou a fuga de Zenão quando os rebeldes entraram em Constantinopla. Marciano, sem ajuda de um general gótico, que não chegou a tempo, foi preso com seus irmãos e a revolta fracassou. Seus irmãos conseguiram fugir, mas Marciano foi preso, e junto com sua esposa, eles acabaram exilados na Isáuria. Depois, Marciano fugiu do exílio e pediu asilo na corte de Odoacro, rei dos hérulos.

• Procópio Antêmio: viveu em Constantinopla enquanto seu pai Antêmio reinava no Ocidente. Durante a revolta fracassada de Marciano contra Zenão, Procópio e Rômulo fugiram para a Trácia e depois para Roma. No governo de Anastácio I Dicoro, Procópio voltou para Constantinopla. Ariadne, depois da morte de Zenão, se casou com Anastácio Dicoro, e pediu a ele que nomeasse Procópio como prefeito pretoriano. Anastácio recusou, mas em 515 DC Procópio ocupou o posto de cônsul.

• Rômulo: também participou da revolta contra Zenão. Não se sabe nada sobre ele, após ter chegado a Roma.

Antêmio descendia de família nobre. Nasceu em Constantinopla em 420 estudou em Alexandria. Em 433 ele se casou com Élia Márcia Eufêmia. O reinado de Antêmio foi caracterizado por uma boa relação diplomática com o império do Oriente. Em 468, seu filho Marciano foi eleito cônsul pelo Ocidente, enquanto Flávio Zenão (mais tarde Zenão I) foi eleito cônsul pelo Oriente. Os laços com o Império do Oriente foram

fortalecidos em 471 através do casamento de Marciano com Leôncia, filha de Leão I, o Trácio.

Antêmio Procópio foi nomeado imperador do Ocidente pelo imperador romano do Oriente Leão I, o Trácio (457-474), com a missão de restaurar o controle sobre as províncias persas, África e Gália, mas falhou. Seu objetivo era reconquistar a Sicília, e também falhou. Em 468, Leão I, Antêmio e Marcelino (governante semi-autônomo sobre a Sicília e Ilíria) organizaram uma grande operação contra o reino Vândalo da África. O comandante-em-chefe era Basilisco (cunhado de Leão I), que se tornaria imperador do oriente sete anos mais tarde. Uma frota aliada de milhares de navios (o número exato de navios é diferente em várias fontes) foi usada para o transporte dos exércitos Ilíricos orientais e ocidentais, assim como uma enorme quantidade de ouro foi gasta nesta empreitada.

Antes de Basilisco ancorar no Promontorium Mercurii, agora Cabo Bon, do lado oposto à Sicília, seus companheiros Marcelino e Heráclio já haviam conquistado a Sardenha e a Líbia. O rei vândalo Genserico pediu a Basilisco cinco dias para pensar sobre o acordo de paz. Mas, durante este tempo de negociações, os vândalos fizeram algo bastante inesperado: eles encheram muitos navios não tripulados com materiais combustíveis e, durante a noite, eles foram direcionados contra a frota romana desprotegida e desavisada. Os comandantes Bizantinos até tentaram salvar alguns navios, mas foram atacados por outros navios vândalos. Basilisco teve tempo para fugir, enquanto seu tenente, Joannes, lutava contra os inimigos, mas acabou morrendo afogado no mar, vestido com sua pesada armadura. O resultado de tudo isso foi que metade da frota romana pereceu na Batalha do Cabo Bon. Heráclio, um dos participantes da expedição fugiu para a Líbia, onde lá ficou por dois anos até ser chamado de volta. Marcelino retirou-se para a Sicília, onde foi alcançado por Basilisco, mas foi assassinado por um dos capitães de Ricímero. Basilisco, então, fugiu para Constantinopla e se refugiou na igreja de Hagia Sophia (Santa Sofia), e só escapou da ira do povo e da vingança do imperador por mediação da imperatriz Aelia Verina, sendo desterrado para Heraclea Sintica, na Trácia.

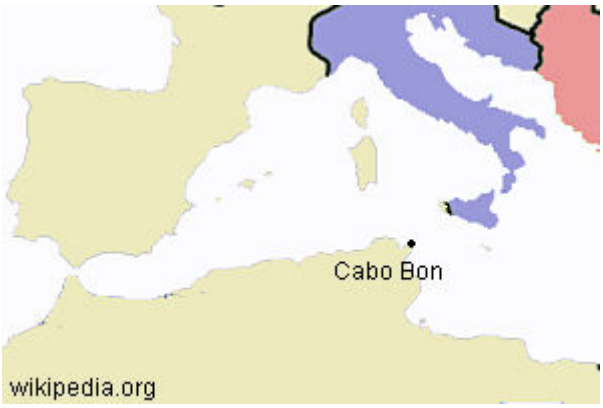
Leão I fez um tratado de paz com Genserico (ou Gaiserico), o rei de Cartago, e assim, Antêmio ficou só, sem apoio, e voltou sua atenção para o Ocidente, para os visigodos que tentavam invadir o Império. Suas tentativas de reconquistar a Gália foram frustradas.

Em 470 houve uma desavença entre Antêmio e o poderoso general Flávio Ricímero por causa de um senador romano, julgado por traição pelo imperador e executado, mas apoiado pelo general. Depois de uma trégua de dois anos, a luta entre eles recomeçou (no início de 472). Antêmio foi forçado a fingir-se de doente e se refugiou na Basílica de São Pedro. Leão I enviou Olíbrio para mediar a questão. Segundo alguns historiadores, Leão I teria enviado uma carta secreta a Antêmio para que ele matasse Olíbrio, mas ela foi interceptada por Ricímero, que a mostrou a Olíbrio. Desse modo, o general depôs Antêmio e colocou Olíbrio no lugar de imperador. A luta entre os dois se transformou numa guerra aberta que durou cinco meses. Ricímero conseguiu separar a porta no rio Tibre na área do Palatino, deixando o imperador e seus seguidores sem comida. O imperador fugiu de novo para a Basílica de São Pedro, mas foi encontrado e decapitado por Ricímero ou por Gundebaldo (rei dos Burgúndios) e sobrinho de Ricímero.

Antêmio tinha 52 anos de idade quando morreu. Flávio Ricímero foi um general romano de origem visigoda que liderou uma parte do exército romano e efetivamente controlou parte do Império Romano do Ocidente, desde o governo de Ávito (um dos imperadores 'fantoches' em suas mãos). Os godos se dividiram em dois povos: os

ostrogodos (ao leste) e os visigodos (a oeste) e que englobaram a antiga tribo dos suevos (ocupantes da Hispânia e Galácia – Gallia, Gallaecia ou Callaecia, também conhecida como Hispania Gallaecia, a região noroeste da Hispânia, hoje em dia: Galiza (Galicia), Norte de Portugal, Astúrias e León, ou seja, a atual península Ibérica. O sucessor de Antêmio foi Flávio Anício Olíbrio, o marido de Placídia, filha de Valentiniano III e Licínia Eudóxia.

O Cabo Bon na moderna Tunísia é o lugar onde a frota romana liderada por Besilisco desembarcou para lançar um ataque sobre a cidade vândala de Cartago.



6) Flávio Anício **Olíbrio** Augusto (Flavius Anicius Olybrius) – 472 DC (seis meses)

Olíbrio era filho de Petrônio Máximo, que sucedeu Valentiniano III. Foi outro imperador fantoche colocado no trono pelo general Flávio Ricímero, já que Olíbrio era um membro da aristocracia senatorial de Roma. Ele era marido de Placidia, filha de Valentiniano III e Licínia Eudóxia. Olíbrio teve uma filha chamada Anícia Juliana. Olíbrio teve o apoio do rei Vândalo Genserico nos anos anteriores porque seu filho Hunerico também havia se casado com uma filha de Licínia Eudóxia, e com ele no

trono, Genserico poderia exercer uma grande influência no Império Romano do Ocidente. Entretanto, só assumiu o poder em 472, após a morte de Antêmio. Logo depois disso, o general Ricímero também morreu, e seu sobrinho bárbaro Gundebaldo (rei dos Burgúndios) foi feito Magister Militum (mestre dos soldados) em seu lugar. Não há muita coisa a ser dita sobre o governo de Olíbrio. Ele era visto como um homem piedoso e que agiu em conformidade com a sua crença. Ao que parece, ele tinha pouco interesse em assuntos militares. Ele faleceu em novembro do mesmo ano, seis ou sete meses depois da posse, de edema pulmonar.

7) Flávio **Glicério** (Flavius Glycerius) – 473-474 DC (1 ano)

Flávio Glicério foi proclamado imperador em Ravena, no final de uma guerra civil, pelo comandante do exército da Itália, o general germânico Gundebaldo (por isso, Glicério foi considerado um usurpador). Glicério era um conde dos domésticos ('comes domesticorum'), quando se tornou imperador. Um doméstico era um membro de uma unidade de guarda de elite ou corpo de guarda-costas do imperador que ficava permanentemente no palácio imperial. Apesar de apoiado pelo general Gundebaldo (o sobrinho do general Ricímero), Glicério foi rejeitado pela corte em Constantinopla e deposto por Júlio Nepos, comandante militar da Dalmácia e um dos últimos imperadores romanos do Ocidente, logo após Júlio ter desviado uma invasão de ostrogodos da Itália para a Gália (474). Júlio dominou Óstia na sua volta para a Itália e Glicério lhe entregou o poder sem resistência. Mais tarde, ele serviu como bispo de Salona, na Dalmácia (atual Croácia) na Igreja Católica primitiva. Como bispo, foi confessor do próprio Nepos, que seria assassinado em 480 (data aproximada). Glicério morreu aos 60 anos de idade em Salona e adotara como religião, o Cristianismo Calcedônico.

8) Flávio **Júlio Nepos** (Flauius Iulius Nepos) – 474-480 DC (6 anos), mesmo estando exilado de Roma depois de 475 DC.

Pai: provavelmente Nepociano, governante na Hispânia no reinado de Majoriano e Líbio Severo.

Mãe: nome desconhecido, irmã de Marcelino, governante semi-autônomo sobre a Sicília e Ilíria durante o reinado de Majoriano e Líbio Severo.

Flávio Júlio Nepos foi o último imperador romano do Ocidente considerado legítimo. Nepos era o marido da sobrinha da esposa de Leão I, imperador romano do Oriente, por isso o apelido Nepos ('sobrinho', em latim). Sua esposa, Élia Verina, veio a casar suas duas filhas Ariadne e Leôncia, respectivamente, com Zenão I ou Flávio Zenão (imperador Bizantino) e com Marciano (um usurpador), filho de Antêmio Procópio (ex-imperador do Ocidente) e Márcia Eufêmia, filha do imperador Bizantino Marciano. Júlio Nepos governou inicialmente a província da Dalmácia (atual Croácia); depois foi nomeado imperador do Ocidente por Leão I, o Trácio em 474, encerrando o reinado do usurpador Glicério. Como imperador, Nepos buscou consolidar o que restava do Império Romano do Ocidente (a Itália e algumas terras na Gália setentrional e meridional), tentando negociar com um rei visigodo a província de Provença (localizada hoje na França), reavendo o controle romano sobre ela.

Quanto ao domínio naval no Mar Mediterrâneo, falhou nas suas negociações com o rei vândalo Genserico, o qual exercia pirataria. Nepos, embora sendo um dos mais capazes dentre os últimos imperadores do Ocidente, era impopular com o Senado, devido a seus laços com o oriente. Júlio Nepos cometeu o erro de nomear Flávio Orestes (de origem bárbara, nascido na Panônia) para o cargo de mestre dos soldados, e isso tirou todo o seu apoio no Império do Ocidente. Em 475 foi deposto pelo próprio

Flávio Orestes (Flavius Orestes) e fugiu para a Dalmácia (A Dalmácia é uma região que abrange territórios da Croácia, Bósnia e Herzegovina e Montenegro, na costa leste do mar Adriático). Como Orestes era de origem bárbara, nascido na Panônia, não podia assumir o manto imperial, mas indicou seu filho Rômulo, cuja mãe era romana, como imperador (Augusto). Apesar disso, Júlio Nepos continuou a governar na Dalmácia como imperador legítimo, reconhecido como tal na Gália e na corte de Constantinopla. Quando Odoacro (um príncipe Hérulo) capturou Ravena em **476 DC,** ele matou Orestes o usurpador e depôs Rômulo Augusto, proclamando a si mesmo o governante da Itália e pleiteou junto ao imperador oriental Zenão I que fosse nomeado patrício do Império Romano e vice-rei da Itália. Flávio Zenão consentiu desde que Odoacro reconhecesse Júlio Nepos como imperador do Ocidente, razão pela qual Odoacro chegou a cunhar moedas com o nome de Nepos. Este foi assassinado aos 50 anos de idade, em 480 DC, em Salona, provavelmente por seus próprios soldados. Odoacro aproveitou a oportunidade e imediatamente invadiu a Dalmácia e anexou-a ao seu reino. Por isso, a entrada de Odoacro na Itália (na Região de Ravena), e a deposição de Rômulo Augusto marcaram a data da **queda do Império Romano do Ocidente.**

Depois da morte de Nepos, o imperador Zenão I aboliu formalmente a divisão do Império.

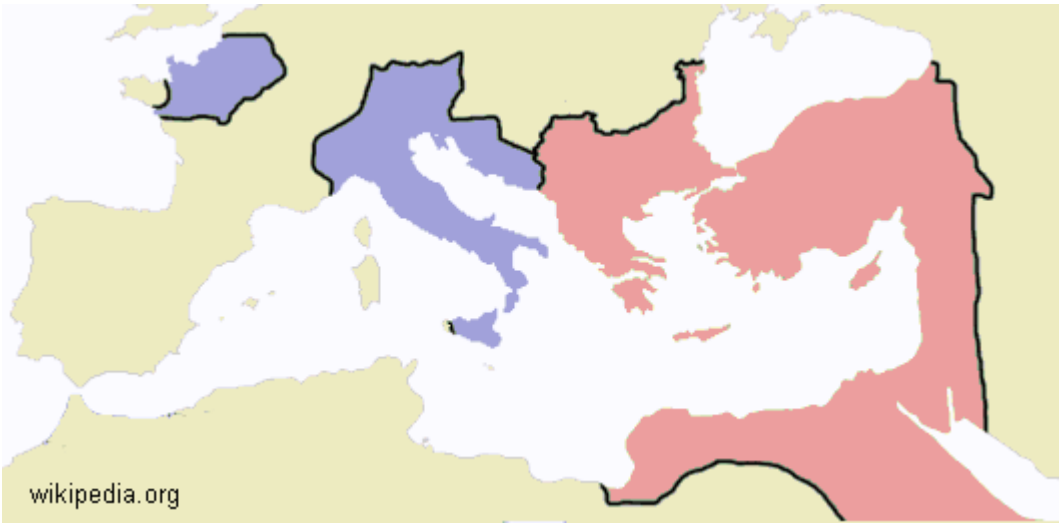
9) Rômulo Augusto (Flavius Romulus Augustus) – 475-476 DC (10 meses)

Rômulo Augusto é considerado o último imperador romano do Ocidente. Com a idade entre 15-18 anos ele foi coroado imperador por seu pai, o general Flávio Orestes, de origem bárbara (tendo servido a Átila, o Huno) e que havia deposto Júlio Nepos. Sob a pressão do seu pai, Rômulo Augusto viu-se impotente frente a um império em crise, e passou a ser conhecido pelo título depreciativo de 'Rômulo Augústulo' ('pequeno Augusto'). Em todo o século V, Roma e a península Itálica (praticamente o que restava do Império do Ocidente) viram-se várias vezes assoladas por incursões bárbaras (visigodos, hunos e vândalos), mas ainda conseguia reagir e sobreviver. Ao depor o imperador Rômulo Augusto, em 476, **Odoacro** (rei dos Hérulos) pôs fim ao Império Romano do Ocidente e se tornou o primeiro dos reis bárbaros de Roma. Esta data é tradicionalmente conhecida como **o fim do Império Romano do Ocidente,** o fim da Idade Antiga e o começo da Idade Média. Alguns historiadores dizem que o destino de Rômulo é desconhecido. Outros dizem que Rômulo Augusto terminou sua vida no exílio, na Campânia.

A história é que Odoacro entrou em Ravena, depôs o imperador Rômulo Augusto, mas, com pena por ele ser jovem, poupou a sua vida, e, por causa de sua beleza, deu-lhe uma pensão de seis mil peças de ouro, enviando-o para a Campânia, para viver como um homem livre com seus parentes. O senado romano não aceitou Odoacro, mas reconheceu Zenão I como governante do Oriente e do Ocidente. Na verdade, Odoacro (Filho de Edecão, príncipe da corte de Átila rei dos Hunos) nunca chegou a ser considerado imperador do Ocidente, mas apenas rei da Itália, sob o comando do Imperador Romano do Oriente. A Itália sofreria muito maior devastação no próximo século, quando o imperador bizantino Justiniano I a reconquistou. A administração de Odoacro se baseou numa política conservadora, deixando aos romanos a possibilidade de manter o exercício de cargos menores e o livre exercício do Cristianismo, mantendo assim substancialmente intacta a estrutura organizacional precedente. Desta maneira assegurou a fidelidade da aristocracia, do Senado e da Igreja. Depois de uma campanha militar contra os vândalos (476-477) que ocupavam a Sicília e a anexação da Dalmácia, Zenão I, preocupado com os recentes sucessos do rei germânico Odoacro, estimulou Teodorico, o Grande, rei dos ostrogodos, a invadir a Península Itálica. Teodorico

derrotou Odoacro em Verona (489) e, depois de um longo cerco em Ravena, o obrigou a capitular (493), para depois julgá-lo por traição. Quanto a Rômulo Augusto, presume-se que ainda estava vivo em 507 DC.

Região de Ravena na Itália / A abdicação de Rômulo perante Odoacro



Império Romano do Ocidente e Oriente por volta de 476 DC

[1] Hérulos – Os hérulos foram um povo germânico, possivelmente originários do sul da Escandinávia (Dinamarca, Suécia e Noruega) e invadiram o Império Romano no século III. Os hérulos junto com os godos participaram de várias expedições saqueando o mar Negro e o mar Egeu. Os hérulos participaram de uma coalisão com outros povos bárbaros (268-269), como os carpianos (ou karpianoí, carpiani ou carpi – nas porções orientais da atual Romênia), as pequenas tribos germânicas, os gépidas (ou Gepidae, na região da Dácia, uma subdivisão dos Godos) e, sobretudo, os godos. Fixaram-se na costa do mar Negro, onde foram dominados pelos ostrogodos e pelos hunos nos séculos III e IV (Hunos = uma tribo proveniente da Ásia e que veio habitar na Germânia).

Alguns de seus integrantes migraram para a Escandinávia e outros se engajaram como mercenários do exército do Império Romano do Oriente. Após a morte de Átila, rei dos hunos em 453, os hérulos em 454 se separaram dos hunos e constituíram um forte reino em torno de Brno (Morávia meridional – que constitui atualmente a parte oriental da República Checa) e Viena. Em 476, os hérulos liderados por Odoacro invadiram a Itália e depuseram Rômulo Augusto, o último soberano do Império Romano do Ocidente.

Atual localização de Brno

[2] Godos – Os godos eram um povo germânico originário das regiões ao sul da Escandinávia (Dinamarca, Suécia e Noruega). Esta longa migração poderia ter-se iniciado no Báltico por volta de 1490 AC, e é possível que os godos tenham se desenvolvido como um povo distinto dos demais bárbaros nas fronteiras do Império Romano. Os godos usavam escudos redondos e espadas curtas. A região de origem dos godos foi, provavelmente, a ilha de Scandza (talvez a atual Suécia ou a Gotlândia). Nos séculos I e II os Godos ocupavam a região da atual Polônia, se deslocando em pequenos grupos para as margens do Mar Negro, hoje Romênia, Moldávia e Ucrânia. Alguns povos como os vândalos e os gépidas tinham parentesco com os godos. A partir de 370 DC o reino unificado dos godos da região meridional da Escandinávia foi invadido pelos hunos, e o seu povo foi dividido entre visigodos (que significa 'godos do oeste') e ostrogodos (que significa 'godos do leste'). Nos séculos seguintes, os visigodos tiveram uma participação importante nas regiões da península Ibérica, em especial parte da Espanha.

Os povos bárbaros que ocuparam a Terra após a queda do Império Romano do Ocidente (476 DC) são: Alamanos (Alemanha); Francos (França); Burgúndios (Suíça); Anglo-Saxões (Inglaterra); Visigodos (Espanha); Suevos (Portugal); Lombardos (Rússia e divisões); Vândalos (África do Norte; Mediterrâneo); Hérulos (Itália); Ostrogodos (Áustria).

Embora o termo '**Império Bizantino'** só possa ser usado de fato para o Império Romano após 476 DC (a queda do império romano do ocidente), algumas classificações já começam a usar o nome 'Império Bizantino' já na época de Constantino, o Grande, quando ele mudou a capital do Império para Constantinopla.

O **Império Bizantino** foi uma continuação do Império Romano durante a Antiguidade Tardia e Idade Média. Sua capital foi Constantinopla (moderna Istambul), originalmente conhecida como Bizâncio. Inicialmente parte oriental do Império Romano (freqüentemente chamada de Império Romano do Oriente), sobreviveu à fragmentação e ao colapso do Império Romano do Ocidente no século V e continuou a prosperar, existindo por mais de mil anos até sua queda diante da expansão dos turcos Otomanos em 1453. O Império Bizantino foi conhecido simplesmente como Império Romano (em grego: Basileia Rhōmaiōn; em latim: Imperium Romanum) ou Romênia (em grego: Rhōmanía) por seus habitantes e vizinhos.

Vários eventos do século IV ao século VI marcaram o período de transição durante o qual as metades oriental e ocidental do Império Romano se dividiram:

• Em 285, o imperador **Diocleciano** (r. 284–305) dividiu a administração imperial em duas metades.

• Entre 324 e 330, **Constantino** (r. 306–337) transferiu a capital principal de Roma para **Bizâncio,** conhecida mais tarde como Constantinopla ('Cidade de Constantino').

• Sob **Teodósio I** (r. 379–395), o **Cristianismo tornou-se a religião oficial do império** e, após a sua morte, o Império Romano dividiu-se definitivamente em duas metades, cada qual controlada por um de seus filhos.

• Finalmente, sob o reinado de **Heráclio** (610–641 DC), a administração e as forças armadas do Império foram reestruturadas e a língua grega foi adotada em lugar do latim.

Em suma, Bizâncio se distingue da Roma Antiga na medida em que foi orientado para a cultura grega em vez da latina.

XV) Dinastia Leonina (457-518 DC): Leão I, o Trácio – 457-474 / Leão II – 474 DC / Zenão I – 474-475 / Basilisco – 475-476 / Zenão I – 476-491 / Anastácio I Dicoro – 491-518. A Casa de Leão governou o Império Romano do Oriente (457–518) e várias partes do Império Romano do Ocidente (474-480).

Leão I, o Trácio

Leão II

Zenão I

Flávio Marciano Augusto (Flavius Marcianus Augustus), o imperador anterior (da Dinastia Teodosiana) morreu provavelmente de gangrena, após uma peregrinação religiosa. Foi socorrido por sua filha Eufêmia (filha de Marciano com sua primeira mulher cujo nome é desconhecido) e por seu genro Antêmio (futuro imperador do Ocidente). Como não tinha um filho homem para sucedê-lo no trono, o general Flávio Ardabúrio Áspar (mestre dos soldados) ocupou o lugar até ser eleito o imperador militar Leão. Áspar não podia ocupar o trono porque era um Alano (uma tribo bárbara iraniana, pertencente à Samártia) e também um cristão Ariano (não cria na divindade de Jesus Cristo), enquanto a maioria da classe reinante havia aceitado o Cristianismo Niceno (acreditavam na Trindade e na divindade de Jesus Cristo). Assim, a Dinastia Leonina subiu ao trono.

1) Flávio Valério Leão Augusto ou Leão I, ou **Leão, o Trácio** – r. 457-474 DC (17 anos) – Imperador do Leste

Nome de nascimento: Leão Marcelo (Leo Marcellus)

Nome como imperador: Flávio Valério Leão Augusto (Flavius Valerius Leo Augustus)

Esposa: Élia Verina, irmã de Basilisco

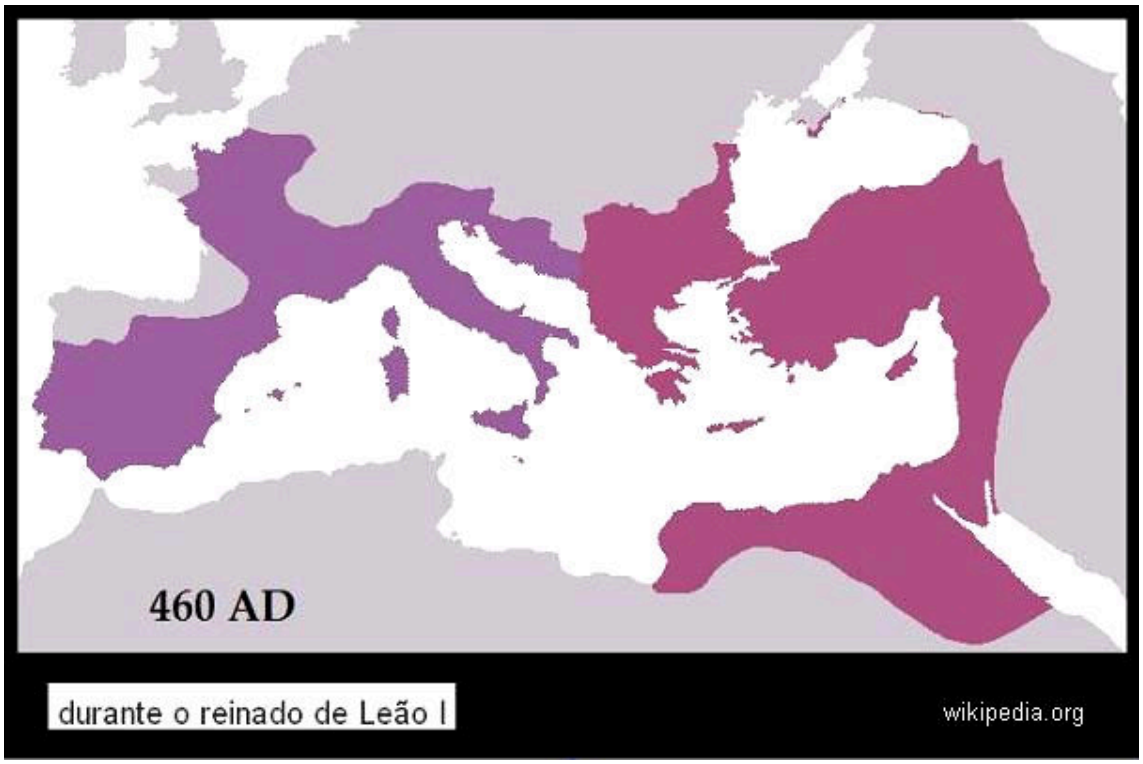
Filhas: Ariadne e Leôncia. Ariadne foi a mãe de Leão II e esposa de Flávio Zenão. Mais tarde, ela se casou com Anastácio I Dicoro. Leôncia casou com Marciano, filho de Élia Márcia Eufêmia (Aelia Marcia Euphemia), filha do imperador Bizantino Marciano. Leão I teve um filho em 463, que morreu com 5 meses de vida.

Morte: 73 anos de idade, de disenteria.

Religião: Cristão ortodoxo.

Leão I nasceu na Trácia ou na Dácia Aureliana (na antiga região da Mésia Superior) e era um oficial Trácio-Romano do Império do Oriente; ele foi aclamado imperador pelo general Flávio Ardabúrio Áspar (Flavius Ardabur Aspar), o mestre dos soldados. Leão I era cristão ortodoxo. Ele foi conhecido como Magnus Thrax (o 'Grande Trácio') por seus adeptos, e 'Macelles' ('o Algoz' ou 'o carniceiro') por seus inimigos. Leão I ganhou o apelido de 'Macelles' (o algoz) pela forma das mortes. Ele se mostrou um governante capaz, supervisionando muitos e grandes planos políticos e militares, destinados principalmente ao auxilio do Império do Ocidente já enfraquecido para

recuperar seus ex-territórios. Ele ajudou na nomeação de Procópio Antêmio como imperador do Ocidente. Ele foi o primeiro imperador do Oriente a legislar em grego ao invés de latim. Em 468, para selar uma aliança com Tarasicodissa Rousombladadiotes, um oficial Isauriano, Leão I lhe deu sua filha mais velha, Ariadne, em casamento. Posteriormente, Tarasicodissa alterou seu próprio nome para Zenão, para se tornar mais agradável à população de língua grega de Constantinopla. A Isáuria fica ao sul da província de Konya na Turquia, na parte norte dos montes Tauro e terras adjacentes. Em 469 DC, Áspar tentou assassinar Zenão, no entanto, seu golpe foi frustrado. Posteriormente Leão I, por influência de Áspar, procurou casar sua filha mais nova, Leôncia, com Júlio Patrício (filho do general Áspar), mas diversas revoltas religiosas eclodiram em Constantinopla, pois Júlio Patrício e seu pai eram Arianos, e os bispos da cidade não aceitaram a união, a menos que se convertessem ao Cristianismo Ortodoxo. Além disso, por revoltas dos soldados, Leão I ordenou a execução do soldado que organizou a rebelião (Ardabúrio, o filho de Áspar), assim como do próprio Áspar por volta de 471 DC. Júlio Patrício foi morto depois, no governo de Basilisco. Em outubro de 473 o neto de Leão, Leão II, foi proclamado 'César' e efetivamente tornou-se o herdeiro legítimo do trono, em virtude de ser o parente mais próximo de Leão. Em fevereiro de 474, aos 73 anos, Leão I morreu de disenteria.



2) Flávio Leão Júnior ou **Leão II** – 474 DC (r. 10 meses) – Imperador do Leste
Nome de nascimento: Flávio Leão Júnior (Flavius Leo Junior)
Nome como César (473): César Flávio Leão Júnior
Neto de Leão I e Verina, e filho de Zenão e Ariadne
Morte: 7 anos de idade, por doença

Leão II (Flavius Leo Junior – reinou em 474 DC) foi Imperador Romano do Oriente, reinando apenas 10 meses. Era filho de Zenão I (antes chamado Tarasicodissa) e Ariadne (filha de Leão I e Verina). Em outubro de 473, Leão II foi proclamado 'César', por ser o varão mais próximo do imperador. Subiu ao trono quando seu avô

morreu, sendo, todavia, um menino de sete anos de idade. Seu pai atuou como regente durante seu reinado. Nos 10 meses iniciais de seu reinado, Leão II morreu de uma enfermidade desconhecida e foi sucedido por seu pai, Zenão I. Provavelmente foi envenenado por ordem de alguém que gostaria de ver Zenão no trono, ao invés de Leão II.

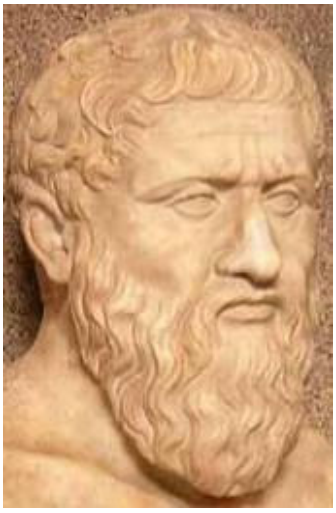
3) César Flávio Zenão Augusto ou **Zenão I** – 474-475 e 476-491 DC (r. 17 anos e 2 meses) – Imperador do Leste. Depois da morte de Nepos (480), o imperador Zenão I aboliu formalmente a divisão do Império.

Nome de nascimento: Tarasis ou Tarasicodissa ou Tarasis Kodisa Rousombladadiotes, um Isauriano

Nome como imperador: César Flávio Zenão Augusto (Caesar Flavius Zeno Augustus)

Esposa: Ariadne

Morte: 66 anos de idade, de disenteria ou epilepsia.

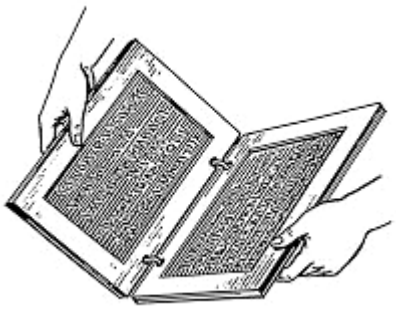


Zenão nasceu na Isáuria, o nome antigo ao sul da Ásia Menor, cobrindo grande parte da área sul da província de Konya (ou Icônio, descrito na bíblia) e Listra, na Turquia, na parte norte dos Montes Tauro e terras adjacentes. Os Isauros (Isaurianos) eram considerados bárbaros pelos romanos, embora cidadãos romanos desde o século III. Como general, ele foi escolhido como cônsul em 469 e 472. Em 468, para selar uma aliança com ele, Leão I lhe deu sua filha mais velha, Ariadne, em casamento. Leão I foi sucedido por seu neto Leão II (de 7 anos de idade), o filho de Ariadne e Zenão I, que já reinava em co-regência com o filho. O menino morreu naquele mesmo ano e Zenão I passou a reinar sozinho, mas sem o apoio total do povo. Alguns não estavam do seu lado por causa de sua origem isauriana. Ele mesmo mudou seu nome original, Tarasicodissa, para o nome grego Zenão. O povo preferia a Marciano porque Leôncia havia se casado com ele quando Leão I já era rei, ao passo que a mais velha se casara quando Leão I era um simples soldado; portanto, no seu ponto de vista, Leôncia era a que 'carregava púrpura', isto é, a 'porfirogênita', que significa 'nascida na púrpura'. O Império Bizantino tinha vários títulos para os nobres. Para mostrar que era legítima a ascendência de um imperador, e conseqüentemente, o seu direito ao trono, eles acrescentavam o título 'porfirogênito' (Porphyrogennetos) ou 'porfirogênita'. O título significava que eles tinham nascido na 'Pórfira' (a divisão do palácio imperial onde se

davam os partos das imperatrizes e que era revestido com lajes de mármore púrpura) quando o seu pai era um imperador reinante.

Flávio Zenão foi um dos mais proeminentes dentre os primeiros imperadores bizantinos. Revoltas internas e dissensões religiosas marcaram seu reinado. Viu o fim do Império Romano do Ocidente sob Júlio Nepos e Rômulo Augusto, mas ele contribuiu muito para a estabilização do império oriental. Na história eclesiástica, Zenão é associado com a promulgação do **Henotikon** ('ato de união'), assinado por todos os bispos orientais, um documento que tentava resolver a controvérsia monofisista, ou seja, a que defende a idéia de que Jesus tinha apenas a natureza divina, e não a humana unida em Sua carne. Este documento tinha por base as decisões adotadas no Primeiro Concílio de Nicéia em 325 (O estabelecimento da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo) e no Primeiro Concílio de Constantinopla (381 DC), ou seja, o credo Niceno-Constantinopolitano: uma 'remodelação' do que foi discutido no Concílio de Nicéia, dando ênfase à Trindade, à eternidade de Jesus Cristo, por meio do qual todas as coisas foram feitas, e que, por meio do Espírito Santo encarnou no seio da Virgem Maria, padeceu e ressuscitou ao terceiro dia, e um dia virá em glória para julgar os vivos e os mortos, terminando o texto com a afirmação do dever de se crer numa igreja, una, santa, católica e apostólica.

O documento (Henotikon) foi compilado pelo Patriarca de Constantinopla, Acácio (471-489). Em outras palavras, o **Henotikon** proibia discussões teológicas que não utilizassem os critérios definidos no primeiro Concílio de Nicéia e no primeiro concílio de Constantinopla (**o Henotikon desprezava o concílio de Calcedônia** de 451 DC, que já havia repudiado o monofisismo, declarando o caráter divino e humano de Jesus, a segunda pessoa da Trindade; Deus encarnado, Deus feito homem), evitando qualquer menção às duas naturezas de Cristo, e se utilizava de uma fórmula ambígua com o objetivo de reconciliar os monofisitas com a ortodoxia. Apesar de seus esforços, o Henotikon acabou desagradando tanto aos monofisitas quanto aos ortodoxos. Porém, Acácio de Constantinopla, Pedro Mongo de Alexandria [Mongo ou Mongus = bispo Pedro III de Alexandria, também conhecido como Mongos, do grego: μογγός, mongos, 'o gago'], Martírio, o bispo de Jerusalém, e Pedro, o Pisoeiro ('Peter the Fuller'), em Antioquia assinaram o documento, mesmo sabendo da desaprovação do Papa Felix III de Roma. 'Pisoeiro' pode ser explicado da seguinte forma: pisar, dobrar ou caminhar, era uma das etapas do preparo do tecido de lã, que envolvia sua limpeza para eliminar os óleos, a sujeira e outras impurezas, e tornando-a mais espessa. O trabalhador que faz o trabalho é um pisoeiro, pisão ou andador. O Papa Felix III de Roma (483-492) condenou o decreto do imperador, depôs e excomungou Acácio, Pedro Mongo e Pedro, o Pisoeiro.



Díptico

Acácio retirou seu nome dos dípticos (listas oficiais dos vivos e dos mortos, em duas folhas, considerando os bispos em comunhão com o díptico ou em remoção, o que indicava um cisma ou excomunhão). Além disso, Acácio perseguiu os ortodoxos em Constantinopla, levando a um cisma de 35 anos, o 'cisma Acaciano'. Acácio morreu em 489, não se sabe como.

O poder de Zenão foi desafiado por Basilisco, irmão de Élia Verina (sua sogra), que foi proclamado Augusto pelo senado e pelos ministros do palácio em janeiro de 475. Zenão foi forçado a fugir de Constantinopla. Basilisco mandou executar Júlio Patrício (o outro filho do general Flávio Ardabúrio Áspar, e agora, o amante de Verina), para que não usurpasse o trono. Um ano depois, Zenão conseguiu voltar e recuperar o trono. Em 478-479, Marciano e seus irmãos (Procópio Antêmio e Rômulo), junto com Leôncia, lideraram uma revolta contra Zenão. Marciano foi traído por um general também isauriano que facilitou a fuga de Zenão, quando os rebeldes entraram em Constantinopla. Marciano, sem ajuda de um general gótico, que não chegou a tempo, foi preso com seus irmãos e revolta fracassou. Seus irmãos conseguiram fugir, mas Marciano foi preso e, junto com sua esposa, eles acabaram exilados na Isáuria. Depois, Marciano fugiu do exílio e pediu asilo na corte de Odoacro, rei dos hérulos. Depois da revolta de Marciano, Zenão também teve que suprimir a revolta de Illo, o mesmo general que o apoiou na revolta de Marciano e o ajudou a fugir de Basilisco. Mais uma vez, Zenão teve vitória e manteve o trono. Há relatos também de conflitos com os Samaritanos (484 DC) durante o seu governo, resultando em muitas mortes, tanto de judeus quanto de cristãos. Na verdade, ninguém sabe até hoje quem começou o conflito: se judeus (samaritanos) ou Zenão. A moeda romana (o Tremissis) que foi cunhada na sua época mostrava um desenho que celebrava as vitórias de Zenão, e foram emitidas durante o seu segundo reinado. A luta entre Basilisco e Zenão impediu a intervenção do Império Bizantino na queda do Império Romano do Ocidente, iniciada mais ou menos em setembro de 476. Odoacro, o líder dos hérulos, enviou as insígnias do imperador do Ocidente para Constantinopla. Zenão tinha acabado de recuperar seu trono, e teve que nomear Odoacro vice-rei da Itália. Depois da morte de Nepos (480), o imperador Zenão I aboliu formalmente a divisão do Império. Zenão foi sucedido por Anastásio I Dicoro (Flavius Anastasius Augustus) – 491-518 DC.

Basilisco Anastásio I Dicoro

4) Flávio **Basilisco** Augusto – 475-476 DC (20 meses) – Imperador do Leste (usurpador)

Nome de nascimento: Flávio Basilisco (Flavius Basiliscus)

Nome como imperador: Flávio Basilisco Augusto (Flavius Basiliscus Augustus)

Irmã: Élia Verina, esposa de Leão I

Esposa: Elia Zenonis

Filho: Marcos (Flavius Marcus Augustus)

Morte: não se sabe quantos anos ele tinha quando morreu, mas ele, sua esposa e seu filho morreram no exílio na Capadócia.

Basilisco foi nomeado por Leão I em 468 o comandante em chefe para a expedição militar contra os vândalos no norte da África e seu rei Genserico, pelo saque de Roma em 455. Sardenha e Líbia já haviam sido conquistadas por Marcelino e Heráclio, quando Basilisco chegou no Promontório dos Mercúrios, hoje chamado Cabo Bon, a cerca de sessenta e quatro quilômetros de Cartago. Genserico, o rei dos Vândalos, pediu cinco dias para poder elaborar as condições de uma paz. Durante este tempo, no entanto, ele reuniu seus navios e de repente atacou a frota romana, à noite, com navios carregados de materiais combustíveis. Os comandantes bizantinos tentaram resgatar alguns navios da destruição, porém suas tentativas foram bloqueadas pelo ataque de outros navios vândalos. Resultado: a expedição foi um fracasso, a força aliada de Leão I, Antêmio (imperador do Ocidente) e Marcelino, o general que governava a Sicília e a Ilíria, teve que se retirar, e Basilisco fugiu no meio da batalha levando muita gente com ele. Metade da frota romana foi queimada, afundada ou capturada. Voltando a Constantinopla, Basilisco se escondeu na Basílica de Santa Sofia para escapar da ira do povo e da vingança do imperador. Pela influência de Verina sobre Leão I, ele foi perdoado, e enviado ao exílio na Trácia.

Por causa de uma conspiração planejada por Élia Verina junto com uns generais bizantinos e bárbaros Zenão foi deposto, sendo obrigado a fugir, deixando o caminho livre para Basilisco, que subiu ao poder e foi proclamado Augusto pelo senado e pelos ministros do palácio em janeiro de 475. Basilisco tentou nomear aqueles que eram fiéis a ele para ocupar cargos importantes, e isso o tornou impopular entre as pessoas influentes da corte imperial, inclusive sua irmã Élia Verina. Como governante, foi um mau administrador, perdendo a confiança dos seus partidários. Por causa de tanto dinheiro gasto com a expedição frustrada contra os vândalos, Basilisco foi obrigado a aumentar os impostos para suprir o cofre imperial. Chegou ao ponto de extorquir dinheiro da Igreja. Isso foi ruim para ele.

No começo de seu reinado, Constantinopla sofreu um enorme incêndio, que destruiu casas, igrejas, e queimou completamente a grande biblioteca construída pelo imperador Juliano, o Apóstata (r. 360–363). O fogo foi visto como um mal presságio para o governo de Basilisco.

Na corte, ele perdeu apoio de muitos, inclusive de sua irmã Élia Verina, que fizera do filho de Áspar, Júlio Patrício, seu amante. Ele foi executado por Basilisco, pois seu intuito era usurpar o trono também. Basilisco, sua esposa (Elia Zenonis) e seu filho, Marcos (Flavius Marcus Augustus) foram perseguidos por Zenão, quando este recuperou o poder no final de agosto de 476. Eles se refugiaram numa igreja. Zenão os exilou para uma fortaleza na Capadócia (na região central da Turquia), onde o imperador ordenou que fossem confinados numa cisterna seca para que morressem de fome e sede.

5) Anastácio I Dicoro (Flavius Anastasius Augustus) – 491-518 DC (27 anos) – Imperador do Leste

Nome de nascimento: Flávio Anastácio (Flavius Anastasius)

Nome como imperador: Flávio Anastácio Augusto (Flavius Anastasius Augustus)

Pai: Pompeu, um nobre

Mãe: Anastácia Constantina. Por parte de mãe, Anastácio I Dicoro era trineto do imperador Flávio Cláudio Constâncio Galo (César – 351-354 DC) com Constantina (prima de Galo e filha de Constantino).

Esposa: Ariadne. Anastácio era genro de Leão I e foi colocado no trono por escolha de Ariadne, a viúva de Zenão.

Filhos: nenhum

Descendentes: muitos sobrinhos (nomes na maioria das vezes, desconhecidos). Outros nomes sem comprovação.

Morte: 88 anos de idade.

Anastácio nasceu na cidade de Dirráquio, moderna Durrës na Albânia, a mais antiga e uma das mais importantes cidades da Albânia (na Ilíria). Anastácio ganhou a alcunha de Dicoro (Dicorus) porque tinha um olho negro e outro azul. Dicorus, em grego, significa: 'duas-pupilas'. Anastásio I Dicoro era um oficial do palácio de Zenão I e, com sua morte, Ariadne, viúva do imperador o colocou no trono. Eles se casaram logo após sua ascensão em 491. Seu reinado foi marcado por guerras externas (contra os sassânidas – 502-505) e a guerra Isáurica (492-497, na Turquia), guerras internas e conflitos religiosos. Apesar disso, ganhou a confiança e o apoio popular reduzindo os impostos, mostrando grande vigor e energia na administração dos assuntos imperiais. Foi o responsável pelas reformas monetárias de 498 DC, passando a adotar o sistema de numeração grego para o império bizantino. Durante o seu reinado, a fronteira oriental romana foi extensivamente fortificada, incluindo a construção de Dara, logo após a batalha contra os sassânidas em 502-505, e que é uma fortaleza que pode ser comparada à fortaleza de Nísibis (na província de Mardin, na Turquia, que havia sido Império Persa da Dinastia Aquemênida, depois passando para os sassânidas e depois de maneira definitiva para os turcos otomanos, que puseram fim ao Império Bizantino, ou Império Romano do Oriente). No reinado de Anastásio I algumas províncias balcânicas foram deixadas sem tropas e acabaram sendo devastadas por invasões de eslavos e búlgaros. Para proteger Constantinopla e suas redondezas contra eles, o imperador construiu a 'Muralha de Anastácio' ou as 'Longas Muralhas da Trácia', que se estendia do mar de Mármara (é um mar interior que separa o mar Negro do mar Egeu e, assim, a parte asiática da Turquia da sua parte européia) até o Ponto Euxino (o mar Negro).

Localização da muralha de Anastácio

O imperador era um miafisita, ou seja, defendia o ponto religioso do Miafisismo, que ensinava 'uma natureza encarnada de Cristo' numa união sem divisões das

naturezas humana e divina, ao contrário do pregava o Concílio de Calcedônia e o Papa, ou seja, o diofisismo: Jesus preservou em si as duas naturezas, a divina e a humana, enquanto um ser encarnado (Jo 1: 1; 14; Jo 2: 24-25; Jo 6: 33-35; Jo 6: 46-59; Jo 10: 30; Jo 14: 9-11; Rm 8: 3-4; 2 Co 5: 21; Hb 2: 17-18; Hb 4: 15; 1 Jo 4: 2 – observação minha). Entretanto, Anastácio guardava a idéia para si sem demonstrá-la abertamente. A população Bizantina, já revoltada com as divisões religiosas, o obrigou em 512 DC a adotar diretamente um programa miafisista, o que gerou sua impopularidade nas províncias européias, e Vitaliano, um general ambicioso, aproveitou-se dessa situação para organizar uma perigosa revolta contra Anastácio. Entretanto, ele foi ajudado pelo exército Huno (514-515). A revolta de Vitaliano foi finalmente suprimida numa vitória naval em Constantinopla liderada por Marino, um de seus leais conselheiros, apoiando sua política religiosa. Marino sobreviveu até o reinado de Justino I (518–527), quando assumiu pela segunda vez como prefeito pretoriano, mas logo foi afastado do poder. Anastácio morreu sem filhos em Constantinopla 518. Ele foi sucedido por Justino, o chefe de sua guarda.

Ruínas de um edifício em Dara

Imperadores Romanos 7

Vamos falar agora das dinastias do Império Bizantino, em especial a Dinastia Justiniana. Podemos dizer que o imperador Justiniano foi o último imperador a tentar recuperar o território perdido pelo Império Romano para os bárbaros. Mas o destino do Império já estava traçado. Ele falhou, e os bárbaros tomaram conta dos antigos territórios. Depois da descrição do último imperador deste estudo será colocada uma lista com os imperadores do Ocidente desde César Augusto até a queda do Império Romano do Ocidente (476 DC) e os imperadores Bizantinos até 1453, a data considerada como a queda do Império Romano do Oriente. Também será colocada uma explicação mais detalhada sobre a diferença entre a Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Ortodoxa.

Neste capítulo você vai estudar sobre os imperadores Bizantinos (Oriente):

• Dinastia Justiniana (Justino I, Justiniano o Grande I junto com Teodora I, Justino II, Tibério II Constantino, Maurício I Tibério)

• Lista dos imperadores Bizantinos (após Constantino, o Grande) e os imperadores do Ocidente desde César Augusto

• Igreja Católica Apostólica Romana e Igreja Ortodoxa

XVI) Dinastia Justiniana (518-602 DC): Justino I (518-527); Justiniano o Grande I (527-565; junto com Teodora I – 527-548); Justino II (565–578); Tibério II Constantino (574–582); Maurício I Tibério (582-602)

O sucessor de Anastácio Dicoros foi Justino, o chefe de sua guarda, depois de 27 anos de reinado. O imperador Justino I (518-527) deu origem à Dinastia Justiniana. Depois, outras dinastias se seguiram até a tomada do Império pelos Turcos Otomanos (1453).

Justino I — Justiniano I — Justino II

1) Flávio Justino Augusto ou **Justino I** – 518-527 DC (r. 9 anos) – Imperador do Leste

Nome de nascimento: Istok

Nome como imperador: Flávio Justino Augusto (Flavius Justinus Augustus)

Esposa: Eufêmia (nasceu com o nome de Lupicínia), não-romana, e ex-escrava, e que alguns historiadores acabaram por denegrir sua imagem, dizendo que ela era uma

prostituta. Recebeu o nome Eufêmia, por causa de uma mártir no governo de Diocleciano.

Irmã: Vigilância, que se casou com Sabácio e teve um filho: Pedro Sabácio (Petrus Sabbatius), depois chamado de Justiniano, e uma filha, também chamada Vigilância

Filho adotivo: Justiniano (seu sobrinho)

Morte: 77 anos de idade, por causas naturais

Nasceu num casebre na Trácia e era um camponês. Seu nome de nascimento era Istok. Quando adolescente, ele fugiu de uma invasão bárbara na Ilíria (seu local de nascimento) e se refugiou em Constantinopla, se alistando no exército do Império do Oriente. Flávio Justino iniciou sua carreira um soldado bizantino e, posteriormente, general e comandante da guarda palaciana em Constantinopla durante o reinado de Anastácio I Dicoro. Apesar de ser analfabeto e já ter quase 70 anos de idade, Justino foi feito imperador. Para que governasse corretamente, ele teve conselheiros de confiança, como seu sobrinho Flávio Pedro Sabácio, que ele adotou como filho e lhe acrescentou o nome de Justiniano (reinaria mais tarde com o nome de Justiniano I). No seu reinado, João II ou João da Capadócia, o patriarca de Constantinopla (518–520), e o bispo romano Hormisda, depois Papa (514-523), selaram a paz entre a igreja do ocidente e do oriente, acabando com o 'cisma Acaciano' (ver capítulo 6, governo de Zenão). Seu reinado fundou uma dinastia e criou leis que reduziram a influência da antiga nobreza bizantina.

2) Flávio Pedro Sabácio Justiniano ou **Justiniano I** ou Justiniano o Grande – 527-565 DC (r. 38 anos 3 meses e 15 dias), junto com Teodora I, sua esposa (527-548 DC) – Imperador do Leste

Nome de nascimento: Pedro Sabácio (Petrus Sabbatius)

Nome como imperador: Flávio Pedro Sabácio Justiniano (Flavius Petrus Sabbatius Iustinianus)

Pai: Sabácio

Mãe: Vigilância

Irmã: Vigilância se casou com Dulcíssimo, e tiveram um filho (Justino II), que se casou com Sofia, a sobrinha da imperatriz Teodora

Esposa: Teodora (morreu em 548, possivelmente de câncer)

Filhos: um filho natimorto com Teodora

Morte: 83 anos de idade, causas naturais

Religião: Cristianismo Calcedônico

Flávio Pedro Sabácio Justiniano ou Justiniano I foi coroado junto com sua esposa, Teodora, em 527. Nasceu numa família de origem humilde da Macedônia (cidade de Tauresium) e foi nomeado cônsul por seu tio Justino I, sucedendo-o após sua morte. Ele era culto, ambicioso e inteligente e, durante o seu governo, o império Bizantino prosperou. Infelizmente, Teodora, sua esposa, teve no passado uma vida desregrada como atriz, dançarina e prostituta; e isso traria futuramente muitas influências ruins na política e na religião. As pessoas diretamente ligadas a ele eram: Triboniano (um jurista), Belisário (general responsável pelas expansões do Império Bizantino), João da Capadócia (oficial que exerceu a função de prefeito pretoriano do Oriente) e Narses (um armênio, braço direito do general Belisário nos tempos de Justiniano). Com a avidez com que perseguia seus ousados objetivos, Justiniano acabou por provocar revoltas, como a sedição de Nika em 532 em Constantinopla, causada pelo descontentamento com os altos impostos e a miséria.

Nika (nikos, em grego, significa: vitória) é o nome de um cavalo. **A revolta de Nika** (ou motim de Nika) aconteceu Hipódromo de Constantinopla, e começou por causa de uma dúvida a respeito de qual cavalo havia vencido a corrida: Nika, o cavalo pelo qual a população torcia, ou o cavalo do time do imperador, e que chegaram quase empatados. Sendo consultado, o imperador disse que o cavalo vencedor era o dele. O povo, já enfurecido, se rebelou, provocando uma discussão entre as classes sociais. Na verdade, o cavalo foi só o estopim para uma revolução, pois o motivo real era o descontentamento dos cidadãos com o que estava ocorrendo há muitos anos: fome, a falta de moradia e, sobretudo, os altos impostos. Havia organizações esportivas definidas por cores no hipódromo, refletindo as diferentes classes sociais, políticas e religiosas. Esses grupos se transformaram em partidos políticos. Os azuis representavam os grandes proprietários rurais e os ortodoxos da igreja. Os verdes apoiavam a democracia pura ou anárquica, e eram representados pelos altos funcionários das províncias orientais, comerciantes, artesãos e os adeptos do monofisismo, contestado pelo Concílio de Calcedônia. Não se sabe exatamente qual o símbolo das outras duas cores: os brancos e os vermelhos. Justiniano se recusou a tomar partido, o que provocou a união dos verdes e dos azuis, que se rebelaram. A propagação da rebelião atingiu toda a capital e cresceu. O povo queria diminuição nos impostos. Eles começaram a gritar 'Nika!', massacraram a guarda imperial e dominaram a cidade, proclamando um novo imperador e destruindo edifícios e incendiando igrejas. Justiniano ameaçou deixar o trono, mas pela atitude altiva de sua esposa Teodora, que se recusava fugir e a abandonar a realeza, ele deu ordens ao general Belisário para conter o tumulto que já durava uma semana. O general reprimiu rapidamente a revolta com o seu exército, degolando quase trinta mil pessoas. Terminada a revolta, Justiniano passou a governar como um autocrata, à semelhança de Diocleciano. **Autocracia** ['Autos', em grego, significa: 'por si próprio'; e Kratos = poder] é uma forma de governo, no qual existe um só detentor do poder político do Estado, seja ele um governante, um líder, um comitê, um partido ou assembléia. Em resumo, o governante tem um controle absoluto de todos os níveis do estado. É praticamente sinônimo de ditadura.

Em seu governo, entre os anos de 529 e 534 DC, foi redigido o **Código Justiniano** (the Codex Iustinianus), um sistema de leis básico que afirmava o poder ilimitado do imperador e, ao mesmo tempo, garantia a submissão dos escravos e colonos a seus senhores. Funcionários públicos, dependentes e obedientes ao imperador, vigiavam e controlavam todos os aspectos da vida dos habitantes do Império, ajudando, assim, na parte burocrática. Justiniano também se destacou como construtor: fortificações em torno de todas as fronteiras, estradas, pontes, templos e edifícios públicos foram algumas de suas obras. Quanto ao que se refere à política interna, os maiores problemas enfrentados foram os senhores locais e as heresias, que quebravam a unidade da Igreja de Constantinopla e, em geral, surgiam em províncias do Império, adquirindo, assim, um caráter de luta pela autonomia do poder central.

Justiniano tinha o grande objetivo de unir o Oriente com o Ocidente por meio da religião. Por isso, procurou solidificar o monofisismo, que se tornou forte na Síria e no Egito (apesar de ele mesmo ser um cristão Calcedônico, portanto, deveria apoiar o Concílio de Calcedônia que condenou o monofisismo). Teodora era uma partidária desta doutrina, se opondo ao diofosimo (doutrina segundo a qual Jesus preservou em si as duas naturezas, a humana e a divina). Em seu autoritarismo, Justiniano combateu e perseguiu judeus em 540 DC, os pagãos (fechou a academia de Platão em 529 DC) e os heréticos, intervindo em todos os negócios da Igreja, a fim de mantê-la como sustentáculo do Império e sob seu controle. Construiu as catedrais dos Santos Apóstolos e de Santa Sofia para evidenciar o poder imperial.

Quanto ao que se refere à política externa, Justiniano tentou a reconstrução do fragmentado Império Romano do Ocidente, que desde 450 era vítima dos ataques dos bárbaros germânicos e que havia sucumbido em 476. Seu primeiro objetivo foi acabar com os vândalos, no norte da África (533-534), onde surgira recentemente a **doutrina de Santo Agostinho**. O general Belisário dirigiu as campanhas, conquistando Cartago, a Sicília e as ilhas Baleares (um arquipélago no Mar Mediterrâneo pertencente à Espanha). Também conquistou Roma em 539, livrando-a dos ostrogodos. No ano seguinte conquistou Ravena.

Santo Agostinho (354-430) nasceu na cidade de Tagaste no norte da África (na Província Romana da Numídia, atualmente Argélia), e sua mãe, Mônica, era católica devota. Seu pai Patrício era um pagão que se converteu ao cristianismo em seu leito de morte. Quando jovem (aos 17 anos), estudou retórica com um dos oradores mais famosos de Cartago e tornou-se um advogado muito eloqüente, mas dissoluto. Ele foi um dos importantes padres da Igreja do séc. IV-V e Bispo de Hipona ou Hippo (atual Annaba, Argélia). Antes de se tornar bispo de Hipona, Agostinho converteu-se ao maniqueísmo (hoje, uma religião já extinta) onde os homens estavam isentos de culpa, independentemente das injustiças que praticavam (a matéria era má por natureza, mas o espírito era bom; seus 'eleitos' conseguiam a purificação através de uma rigorosa vida ascética), além de ser influenciado pelo neoplatonismo. O neoplatonismo é direcionado para os aspectos espirituais e cosmológicos do pensamento platônico, sintetizando o platonismo com a teologia egípcia e judaica, o que influenciou o misticismo cristão. O neoplatonismo é um sistema filosófico e religioso desenvolvido pelos seguidores de Plotino no século III DC. Platão era um filósofo grego do século V AC (429-347 AC) que fundou uma doutrina caracterizada principalmente pela teoria das idéias e pela preocupação com os temas éticos, onde toda meditação filosófica visava ao conhecimento do bem, conhecimento este que se supõe suficiente para a implantação da justiça entre os estados e entre os homens. Em Cartago, Agostinho teve um relacionamento de concubinato com uma jovem cartaginesa por treze ou quinze anos, e um filho decorrente dessa união: Adeodato (372-388), que significa 'Presente de Deus'. Por isso, não chegou a se tornar 'um eleito' no maniqueísmo.

Como maniqueísta, foi chamado a Mediolano (moderna Milão) para se opor ao bispo cristão Aurélio Ambrósio (340-397). Mas quando a imperatriz Justina [mãe e co-regente de seu filho pequeno Valentiniano II (371-392; r. 375-392)] envia os guardas imperiais para tomarem a basílica onde Ambrósio prega, e onde a mãe de Agostinho estava orando, acontece um massacre de pessoas inocentes, que move o coração dele e o leva à conversão ao catolicismo (ao ler a epístola de Paulo, Rm 13: 13-14). Isso aconteceu em 386. Ele e seu filho foram batizados por Ambrósio em 387. O imperador romano Teodósio I havia emitido um decreto de morte para todos os monges maniqueístas em 382 e declarou o cristianismo como a única religião legítima para o Império Romano em 27 de fevereiro de 380 pelo Édito de Tessalônica (380). Assim, em 388, após seu batismo, Agostinho decidiu voltar para a África, mas sua mãe Mônica morreu em Óstia, na Itália, enquanto se preparavam para embarcar. Logo depois, Adeodato também morreu. Em Hipona, foi ordenado sacerdote em 391. Em 395, foi feito bispo coadjutor de Hipona e bispo pleno pouco depois; e ele deu sua propriedade para a igreja de Tagaste. Em 429, os vândalos entraram no norte da África. Na cidade de Hipona, ele também mediou os assuntos militares entre Roma e o rei vândalo Genserico (que reinou de 428 a 477), que a sitiou em 430 DC. Agostinho se ofereceu como refém aos vândalos, em troca do povo que ele havia aprisionado. O rei vândalo libertou os reféns, inclusive Agostinho, e faz um acordo de paz, contanto que o governador romano da cidade desistisse do ataque aos bárbaros e aceitasse a entrada pacífica deles na

cidade. Seria uma forma de terminar o cerco. Mas o general resistiu. Agostinho, que já estava doente na ocasião, e de partida para Roma por chamado do Papa, acabou por abrir mão dessa chance de resgate e ficou na cidade com seu povo, morrendo ali. Pouco tempo depois, os vândalos a incendiaram. Destruíram tudo, menos a catedral e a biblioteca de Agostinho. Agostinho aceitava o batismo cristão, a graça de Jesus Cristo como indispensável à liberdade humana, a Santíssima Trindade, mas mantinha as teorias cristológicas das indulgências da Igreja Católica, o purgatório e a maternidade de Maria sobre Jesus ('Maria é a mãe de Deus'). Desenvolveu o conceito de 'igreja católica' como 'uma cidade de Deus' espiritual, distinta da cidade terrena e material, Jerusalém. Defendia a idéia de que bispos e padres da igreja são sucessores dos apóstolos e que sua autoridade é conferida por Deus.

Voltando ao nosso estudo sobre os imperadores romanos, no ano de 542 a peste bubônica atacou numa grande proporção as populosas cidades do Mediterrâneo Oriental. Dizem que até Justiniano contraiu a doença, mas sobreviveu. E em 551, houve um terremoto no leste do Mediterrâneo, com tremores de Antioquia a Alexandria, o qual desencadeou um tsunami.

Roma sofreu importantes ataques dos ostrogodos, mas conseguiu resistir de 544 a 549 DC, sendo finalmente conquistada e destruída pelo inimigo. Em 551, Justiniano substituiu Belisário por outro general: Narses, que eliminou os exércitos ostrogodos. O rei bárbaro abandonou Roma, levando consigo 300 jovens reféns escolhidos entre as famílias mais importantes da cidade. Em 552, Narses os derrotou na Batalha de Tagina. Totila, o rei ostrogodo, morreu em batalha ou durante a fuga, e o último rei ostrogodo na Itália, Téia, matou os 300 jovens reféns de Totila, assim como todos os prisioneiros e as famílias dos senadores. Entretanto, os ostrogodos perderam a maior parte da cavalaria, tendo que deixar a Itália. As guerras duraram 20 anos.

Em 554 DC, Justiniano I ocupou um amplo setor do sul da Espanha, e o Mediterrâneo voltou a ficar sob o controle dos romanos do Império do Oriente. O Império alcançou sua máxima extensão; só foi menor que o de Trajano (98-117). Ele deixou um pouco de lado o Império do Ocidente para dar atenção à necessidade de

fortalecer as fronteiras orientais contra os persas, em especial os sassânidas, talvez instigado por Teodora. Os Sassânidas (persas) atacavam constantemente, com o propósito de ocupar a Armênia, a Mesopotâmia e a Síria. Para comprar a paz com seus vizinhos, Justiniano foi obrigado a dispor de imensas quantidades de ouro, impostos tirados do povo.

Justiniano morreu em 565 em Constantinopla, de causas naturais. A data da sua morte é tradicionalmente considerada o termo final do direito romano.

3) Flávio Justino Júnior Augusto ou **Justino II** – r. 565–578 DC (13 anos) – Imperador do Leste

Nome de nascimento: Flávio Justino Júnior

Nome como imperador: Flávio Justino Júnior Augusto (Flavius Iustinus Iunior Augustus)

Pai: Dulcíssimo

Mãe: Vigilância

Esposa: Élia Sofia (sobrinha da imperatriz Teodora)

Filhos: Tibério II Constantino (adotivo); Justo e Arábia, que se casou com um aristocrata bizantino de nome Baduário, e teve uma filha chamada Firmina.

Morte: 58 anos de idade, de demência

Nos primeiros dias de seu reinado Justino II pagou as dívidas deixadas por seu tio, administrou justiça pessoalmente e proclamou uma tolerância religiosa universal, mas não conseguiu efetuar mais reformas contra uma aristocracia e governadores provinciais rebeldes. Durante o seu reinado, a Itália foi invadida pelos Lombardos, um povo bárbaro do norte da Germânia, em 568. Ele também teve que combater os ávaros ao norte (também chamados de avares ou abares), um povo nômade eurásico (ou euro-asiático), antes habitante da Ásia Ocidental e que migrou para a Europa Central e oriental no século VI. Eles dominaram a Panônia (na região dos Bálcãs). Não obteve muito sucesso contra os ávaros e lhes recusou tributo, pois no reinado de Justiniano eles receberam dinheiro do imperador para que o Império Bizantino fosse poupado, e assim, se deslocaram para o norte, para a Germânia. Em 572 ele se viu em guerra contra os Sassânidas, que invadiram a Síria. Ele teve que comprar a paz, pagando um tributo anual.

Justino II também teve problemas de saúde, como, por exemplo, ataques temporários de insanidade. Por isso, elevou o general Tibério ao posto de César em dezembro de 574, por sugestão de sua esposa Sofia, e retirou-se da vida pública. Tibério e Sofia reinaram conjuntamente por quatro anos, enquanto Justino perdia progressivamente a lucidez. Morreu em 578.

Tibério II Constantino Maurício I Tibério

4) Flávio Tibério Constantino Augusto ou **Tibério II Constantino** – r. 574–582 DC (8 anos) – Imperador do Leste

Nome como imperador: Flávio Tibério Constantino Augusto (Flavius Tiberius Constantinus Augustus)

Esposa: Ino (mais tarde chamada de Élia Anastácia)

Filhas: Constantina (que se casou com Maurício I) e Cárito (que se casou com Germano, um patrício e governador da prefeitura pretoriana da África).

Morte: 62 anos de idade, não se sabe se foi envenenado.

Tibério II Constantino era amigo de Justino II, que o nomeou comandante dos excubitores, ou seja, sentinelas (Em latim: Excubitores ou Excubiti; literalmente: 'aqueles fora da cama', ou seja, 'sentinelas'), uma unidade de guardas imperiais dos imperadores bizantinos, fundada por Leão I, o Trácio, em 460. Tibério II assumiu o controle do Império quando Justino enlouqueceu em 574 e enviou o general armênio Maurício para derrotar os persas na Armênia. Assumiu o reinado plenamente com a morte de Justino II em 578 e iniciou ações militares no território do antigo Império Romano do Ocidente, negociando a paz com os visigodos na Hispânia, e derrotando os mouros no norte da África [Outras fontes falam 'os bérberes' (povos ao Norte da África, de línguas afro-asiáticas, portanto, língua não grega, que chamavam a si mesmos, 'homens livres')]. Em 579 os eslavos (povos indo-europeus que vivem principalmente na Europa central e oriental, e que no século VI começaram a habitar as regiões dos Bálcãs) começaram a migrar para os Bálcãs, mas o Império Bizantino não pôde impedir, pois estava ocupado com os persas.

Sua esposa, Ino (mais tarde chamada de Élia Anastácia) nasceu provavelmente na costa da Bitínia no Mar Negro. Ela já tinha uma filha (nome desconhecido) do seu primeiro casamento com João (Ioannes, um oficial de baixo escalão que servia o centurião como tenente). Como João e sua filha morreram, Ino se casou com Tibério. Eles tiveram duas filhas: Constantina e Cárito. As fontes relatam mais uma filha (ou filho), que morreu antes da nomeação de Tibério II como César. Como Ino era desprezada por Sofia, a esposa de Justino II, ela partiu com suas duas filhas de volta para sua cidade natal em Dafnúdio (possivelmente, a ilha de Daphnousia ao largo da costa da Bitínia no Mar Negro). Mas depois da morte de Justino II, elas vieram morar no palácio de novo.

Em 582, Tibério adoeceu e Maurício foi nomeado seu herdeiro. Maurício era um general que havia sido prometido a Constantina, filha de Tibério II. Tibério morreu em agosto de 582, entre rumores de envenenamento. Seus netos foram massacrados após a deposição de Maurício I, exceto uma neta, Maria ou Miriam, que escapou para a Pérsia e se tornou esposa de Cosroes II da Armênia. Ninguém realmente sabe se ela realmente existiu ou se ela é apenas uma personagem lendária.

5) Flávio Maurício Tibério Augusto ou **Maurício I** – r. 582-602 DC (20 anos) – Imperador do Leste

Nome como imperador: Flávio Maurício Tibério Augusto (Flavius Mauricius Tiberius Augustus)

Irmãos: Pedro, Teoctista e Gordia

Esposa: Constantina

Filhos: Teodósio (se casou com uma filha de Germano), Tibério, Pedro, Paulo, Justino, Justiniano, Anastácia, Teoctista, Cleópatra

Morte: 63 anos de idade, decapitado.

Flávio Maurício Tibério Augusto ou Maurício I tornou-se imperador com a morte de seu sogro, uma semana após o casamento. Durante seu reinado, Maurício teve que lidar com guerras intermináveis em todas as fronteiras e apesar de suas qualidades como governante só conseguiu adiar a desintegração do grande império de Justiniano I. Em 590 Maurício ajudou na mediação de uma guerra civil persa para escolher um governante. Um dos pretendentes foi escolhido e, a Mesopotâmia e a Armênia voltaram para o controle do Império Bizantino. Os Bálcãs estavam com suas províncias devastadas pelos eslavos, e somente séculos mais tarde foram recuperadas. Maurício teve que fazer um esforço para conter o avanço dos eslavos no Peloponeso (a península ao sul da Grécia, separada do continente pelo istmo de Corinto). No ocidente, Maurício escolheu representantes militares (como embaixadores hoje em dia) para governar os territórios bizantinos ameaçados na Itália e na África.

Em 602, com problemas financeiros, ele deixou que o exército passasse o inverno além do Danúbio, mas não parece ter sido uma boa decisão. As tropas exaustas se amotinaram e proclamaram Focas como seu líder, exigindo que Maurício abdicasse em favor do seu filho Teodósio, ou do general Germano, casado com Cárito, irmã de sua esposa Constantina. Germano tinha uma filha de nome desconhecido que havia se casado com Teodósio, o filho de Maurício. Muita confusão foi criada em torno disso, acusando Teodósio e Germano de traição. Maurício e sua família tiveram que se refugiar em Nicomédia (hoje, Izmit, na Turquia na costa do Mar de Mármara). Teodósio fugiu para a Pérsia. Focas entrou em Constantinopla e foi coroado imperador. Maurício e sua família foram capturados. Ele e seus filhos varões (Tibério, Pedro, Paulo, Justino e Justiniano) foram executados. Teodósio morreu depois dos irmãos, capturado mais tarde por Focas. A imperatriz Constantina e suas três filhas foram poupadas e enviadas para um mosteiro, e depois de mais ou menos três anos, foram executadas na Calcedônia. Germano e sua filha também foram executados na ilha de Prote (no Mar de Mármara, na Turquia). As fontes dizem que todos foram decapitados. Maurício é venerado como um santo da Igreja Ortodoxa.

Depois da morte de Maurício, Focas o tirano (Flávio Focas Augusto – Flavius Phocas Augustus) foi aclamado imperador (602-610 DC), mas ele não fazia parte da dinastia Justiniana. Ele foi derrubado por Heráclio, da Dinastia Heracliana. O Império Bizantino continuou a existir até 1453, quando foi tomado pelos turcos otomanos.

Focas

Lista dos imperadores romanos do Ocidente

Dinastia Júlio-Claudiana

César Augusto – 29 AC-14 DC
Tibério – 14-37 DC
Calígula – 37-41
Cláudio – 41-54
Nero – 54-68

Ano dos quatro imperadores (68-69)
Galba, Oto, Vitélio e Vespasiano (o fundador da dinastia Flaviana)

Dinastia Flaviana
Vespasiano – 69-79
Tito – 79-81
Domiciano – 81-96

Dinastia Nerva-Antonina
Nerva – 96-98
Trajano – 98-117
Adriano – 117-138
Antonino Pio – 138-161
Marco Aurélio – 161-169
Lúcio Vero – 161-180
Cômodo – 180-192

Ano dos cinco imperadores (193)
Pertinax, Dídio Juliano, Pescênio Níger, Clódio Albino, Septímio Severo (fundador da dinastia dos Severos)

Dinastia Severa
Septímio Severo – 193-211
Públio Sétimo Geta – 209-211
Lúcio Septímio Bassiano (Caracala) – 198-211 em co-regência com o pai; 211-217 como único governante
Marco Opélio Macrino – 217-218
Marco Aurélio Antonino (Heliogábalo ou Elagábalo) – 218-222
Severo Alexandre – 222-235

Crise do terceiro século (235-284)

Dinastia Gordiana
Maximino Trácio ou Maximino I – 235-238
Gordiano I – 238
Gordiano II – 238
Pupieno e Balbino – 238
Gordiano III – 238-244

Quatro imperadores
Filipe, o Árabe – 244-249
Décio – 249-251
Treboniano Galo – 251-253
Emiliano – 253

Dinastia Valeriana
Valeriano I – 253-260
Galiano – 253-260 em co-regência com o pai, Valeriano; 260-268 como único governante

Seqüência do declínio do Império Romano (até 284 DC)
Cláudio, o Gótico – 268-270
Quintilo – 270
Aureliano – 270-275
Tácito – 275-276
Floriano – 276
Probo – 276-282
Caro – 282-283
Numeriano – 282-283 (em co-regência com seu pai Caro); Julho 283-Novembro 284, junto com Carino
Carino – 282-283 (em co-regência com seu pai Caro); 283-284 DC junto com Numeriano; 284-285 em competição com Diocleciano

A tetrarquia de Diocleciano
Diocleciano – 285-305
Maximiano – 285-305
Constâncio Cloro – 305–306
Galério – 305-311

Outros imperadores da tetrarquia
Flávio Severo – 305-307
Magêncio ou Maxêncio – 306-312
Maximino Daia ou Maximino II – 308-313
Licínio – 308-324

Dinastia Constantiniana
Constantino, o Grande – 306-337 (Constantinopla) / 324-337 (como único imperador do leste e do oeste)
Constantino II (Hispânia, Gália e Britânia) – 337-340
Constante ou Constante I (Itália, Ilíria, África) – 337-350
Constâncio II – 337-350 (Ásia e Egito); 350-361 (como único imperador)
Juliano – 360-363

Não-dinástica
Joviano – 363-364

Dinastia Valentiniana
Valentiniano I – 364-375 (Imperador no Ocidente)
Valente – 364-378 (Imperador no Oriente)
Graciano – 375-383 (378-379 governou o império do Oriente e do Ocidente)
Valentiniano II – 375-392 (Imperador no Ocidente)

Dinastia Teodosiana (a dinastia reinou no Leste, exceto Honório e Valentiniano III que, embora Bizantinos, reinaram no Oeste)
Teodósio I – 379-395

Arcádio – 395-408
Honório – 393–423 (imperador do Oeste)
Teodósio II – 408-450
Valentiniano III – 423–455 (imperador do Oeste)
Pulquéria – 450-453
Marciano – 450-457

Os últimos imperadores do Império Romano do Ocidente
Petrônio Máximo – 455
Ávito – Julho 455 – Outubro de 456
Majoriano – 457-461
Líbio Severo – 461-465
Antêmio – 467-472
Flávio Olíbrio – 472
Glicério – 473-474
Júlio Nepos – 474-480, mesmo estando exilado de Roma depois de 475
Rômulo Augusto – 475-476

Lista dos imperadores Bizantinos (Império Romano do Oriente)

Embora o termo '**Império Bizantino**' só possa ser usado de fato para o Império Romano após 476 DC (a queda do império romano do ocidente), algumas classificações já começam a usar o nome 'Império Bizantino' já na época de Constantino, o Grande, quando ele mudou a capital do Império para Constantinopla (moderna Istambul) originalmente conhecida como Bizâncio (A fundação de Constantinopla foi em 330 DC). Inicialmente parte oriental do Império Romano (freqüentemente chamada de Império Romano do Oriente), sobreviveu à fragmentação e ao colapso do Império Romano do Ocidente no século V e continuou a prosperar, existindo por mais de mil anos até sua queda diante da expansão dos turcos Otomanos em 1453. O Império Bizantino foi conhecido simplesmente como Império Romano (em grego: Basileia Rhōmaiōn; em latim: Imperium Romanum) ou Romênia (em grego: Rhōmanía) por seus habitantes e vizinhos.

Dinastia Constantiniana
Constantino, o Grande – 306-337 (Constantinopla) / 324-337 (como único imperador do leste e do oeste)
Constantino II (Hispânia, Gália e Britânia) – 337-340
Constante ou Constante I (Itália, Ilíria, África) – 337-350
Constâncio II – 337-350 (Ásia e Egito); 350-361 (como único imperador)
Juliano – 360-363

Não-dinástica
Joviano – 363-364

Dinastia Valentiniana
Valentiniano I – 364-375 (Imperador do Ocidente)
Valente – 364-378 (Imperador no Oriente)
Graciano – 375-383 (378-379 governou o império do Oriente e do Ocidente)
Valentiniano II – 375-392 (Imperador do Ocidente)

Dinastia Teodosiana (a dinastia reinou no Leste, exceto Honório e Valentiniano III que, embora Bizantinos, reinaram no Oeste)
Teodósio I – 379-395
Arcádio – 395-408
Honório – 393–423 (imperador do Oeste)
Teodósio II – 408-450
Valentiniano III – 423–455 (imperador do Oeste)
Pulquéria – 450-453
Marciano – 450-457

Dinastia Leonina
Leão I, o Trácio (Flavius Valerius Leo) – 457-474
Leão II (Flavius Leo Junior) – 474
Zenão I (Flávio Zenão) – 474-475
Basilisco – 475-476
Zenão I (Flávio Zenão) – 476-491
Anastácio I Dicoro – 491-518

Dinastia Justiniana
Justino I – 518-527
Justiniano o Grande I – 527-565, junto com Teodora I – 527-548
Justino II – 565-578
Tibério II – 578-582
Maurício I Tibério – 582-602

Sem dinastia
Focas o tirano – 602-610

Dinastia Heracliana
Heráclio 610-641 – como alguns de seus antecessores, fez do grego a língua oficial, em lugar do latim. De qualquer modo, os próprios bizantinos continuaram a considerar o seu império como romano durante mais de um milênio.
Constantino III – 641 (reinou apenas 3 meses)
Heraclonas 641 – 7 meses
Constante II – 641-668
Constantino IV Pogonato (o barbudo) – 668-685
Justiniano II Rinotmeto (o nariz cortado) – 685-695

Anarquia de vinte anos
Leôncio – 695-698
Tibério III Apsímaro – 698-705
Justiniano II Rinotmeto – 705-711
Filípico Bardanes – 711-713
Anastásio II – 713-715
Teodósio III – 715-717

Dinastia Isauriana
Leão III, o Isáurio – 717-741
Constantino V Coprônimo (ele supostamente defecou durante seu batismo) – 741-775
Artabasdo – 742-743

Leão IV, o Cazar – 775-780
Constantino VI (o cego) – 780-797
Irene de Atenas (a ateniense) – 797-802

Dinastia Niceforiana
Nicéforo I, o Logóteta ou Genikos (em grego: 'o Vitorioso'; nikos = vitória) – 802-811. O Logóteta geral, freqüentemente chamado genikos logothetēs ou simplesmente ho genikos foi um título e ofício atribuído ao responsável pelo 'ministério das finanças', o logotésio geral (genikon logothesion) do Império Bizantino médio.
Estaurácio – 811 – reinou 3 meses
Miguel I – 811-813

Sem dinastia
Leão V, o Armênio – 813-820

Dinastia Amoriana
Miguel II, o Amoriano – 820-829
Teófilo – 829-842
Teodora II – 842-855 Regente de Miguel III
Miguel III, o Ébrio – 842-867

Dinastia Macedônica
Basílio I o Macedônico – 867-886
Leão VI o sábio – 886-912
Alexandre – 912-913
Constantino VII Porfirogênito – 908-959
Romano I Lecapeno – 920-944 Co-imperador com Constantino VII
Romano II Porfirogênito – 959-963
Nicéforo II Focas – 963-969
João I Tzimisces – 969-976
Basílio II Bulgaróctone ('matador de búlgaros') – 976-1025
Constantino VIII Porfirogênito – 1025-1028
Zoé Porfirogênita – 1028-1050
Romano III Argiro – 1028-1034 Primeiro esposo de Zoé
Miguel IV Paflagônio – 1034-1041 Segundo esposo de Zoé
Miguel V, o Calafate – 1041-1042
Teodora III – 1042. Irmã de Zoé. Governa pela primeira vez
Constantino IX Monômaco – 1042-1055 Terceiro esposo de Zoé
Teodora III – 1055-1056. Governa pela segunda vez

Sem dinastia
Miguel VI o Estratiótico ('o militar', 'o guerreiro', o 'belicoso') ou Gerontas ('o Velho') – 1056-1057

Dinastia Comnena
Isaac I Comneno – 1057-1059

Dinastia Ducas
Constantino X Ducas – 1059-1067
Miguel VII Ducas – 1067-1078

Romano IV Diógenes (O Armênio) – 1067-1071 Co-Imperador e padrasto de Miguel VII.
Nicéforo III Botaneiates – 1078-1081

Dinastia Comnena
Aleixo I Comneno – 1081-1118
João II Comneno – 1118-1143
Manuel I Comneno – 1143-1180
Aleixo II Comneno – 1180-1183
Andrônico I Comneno – 1183-1185

Dinastia Ângelo
Isaac II Ângelo – 1185-1195
Aleixo III Ângelo – 1195-1203
Isaac II Ângelo – 1203-1204
Aleixo IV Ângelo – 1023-1024 Co-Imperador com o pai, Isaac II.
Nicolau I Canabos – 1024 (1 mês)
Aleixo V Ducas – 1024 (2 meses)

Dinastia Lascarina
Teodoro I Láscaris – 1204-1221
João III Ducas Vatatzes – 1221-1254
Teodoro II Láscaris – 1254-1258
João IV Láscaris – 1258-1261

Dinastia Paleóloga
Império Bizantino restaurado em Constantinopla, e unificado
Miguel VIII Paleólogo – 1261-1282
Andrônico II Paleólogo –1282-1328
Miguel IX Paleólogo – 1294-1320 – Filho primogênito de Andrônico II, faleceu 8 anos antes do pai, pelo que o seu filho Andrônico III passou a ocupar o primeiro lugar na linha de sucessão.
Andrônico III Paleólogo – 1328-1341
João V Paleólogo – 1341-1347 Governa pela primeira vez
João VI Cantacuzeno – 1347-1354
João V Paleólogo – 1354-1376 Governa pela segunda vez
Andrônico IV Paleólogo – 1376-1379
João V Paleólogo – 1379-1390 Governa pela terceira vez
João VII Paleólogo – 1390 (5 meses)
João V Paleólogo – 1390-1391 Governa pela quarta vez
Manuel II Paleólogo – 1391-1425
João VIII Paleólogo – 1425-1448
Constantino XI Paleólogo – 1448-1453

Constantino XI Paleólogo foi o último imperador romano reinante. Um membro da dinastia Paleóloga, ele governou o debilitado remanescente do Império Romano do Oriente a partir de 1449 até a sua morte em 1453, defendendo sua capital, Constantinopla.

Igreja Católica Apostólica Romana e Igreja Ortodoxa

Igreja Ortodoxa ou Igreja Católica Ortodoxa é a igreja cristã que tem um bispo como cabeça de cada uma de suas igrejas, e que foi resultante da igreja cristã do Império Bizantino. A Igreja Ortodoxa dá honra a um bispo de maior experiência, porém não o reconhece como líder supremo de todos como é o Papa para a Igreja Ocidental (Desde o Grande Cisma entre o Oriente e o Ocidente em 1054). Ela se diz descendente da Igreja fundada por Jesus, considerando seus líderes como sucessores dos apóstolos e não aceita os dogmas proclamados pela Igreja Católica Romana nos últimos séculos, como a Imaculada Conceição e a infalibilidade papal. As igrejas do Oriente e do Ocidente deixaram de ter a mesma liderança desde que o Império foi dividido após a morte de Teodósio I ou Teodósio, o Grande, em 395; ainda mais com a queda do Império Romano do Ocidente em 476 DC e o fracasso de Justiniano I (527-565) de unificar o Império em 535. Em 1453 com a queda do Império Bizantino ou Império Romano do Oriente e a ascensão do Islã (Império Otomano), além do comércio marítimo mais difícil entre Oriente e Ocidente (com línguas gregas e latinas respectivamente), a unidade cultural deixou de existir.

A igreja Ortodoxa ainda preserva alguns rituais da Igreja Católica: os sete sacramentos, o respeito a ícones e vestes litúrgicas nos seus cultos. Sacramento é o sinal sagrado instituído por Jesus Cristo (segundo a doutrina católica) para conceder a salvação divina àqueles que, ao recebê-lO, fazem uma profissão de fé (confissão pública de uma crença). São sete: o batismo, a crisma (confirmação do batismo), a eucaristia, a penitência ou confissão, a ordem (confere o poder de exercer funções eclesiásticas), o matrimônio e a extrema unção. As igrejas ortodoxas mais importantes são a Grega e a Russa. Em Inglês há duas palavras usadas para diferenciar as igrejas orientais que aceitam o Concílio de Calcedônia (que apóia o diofisismo) e as que não o aceitam (ou seja, aceitam o monofisismo). As primeiras são chamadas de 'Eastern Orthodox Churches' e as últimas, de 'Oriental Orthodox Churches'. Nas línguas latinas, as que não aceitam o Concílio de Calcedônia são chamadas de Igrejas Ortodoxas Orientais, e as que o aceitam, Igrejas Ortodoxas Bizantinas ou Calcedonianas.

No Concílio de Nicéia (325 DC) ficou estabelecido um bispo como líder da capital de cada província, reconhecendo-se a autoridade dos bispos de Roma, Alexandria e

Antioquia (Entretanto, considerava-se que Roma possuía uma autoridade especial devido à sua ligação com São Pedro). O bispo de Jerusalém teria direito a honra especial, mas não a autoridade sobre outros bispos. Em 330 DC, quando Constantino transferiu a capital do Império para Constantinopla, o Bispo de Roma perdeu influência nas igrejas orientais, que passaram a ser dirigidas pelo Bispo de Constantinopla. Muitas divisões doutrinárias e disputas de poder levaram à separação em 1054, chamada o 'Grande Cisma do Oriente' ou 'Cisma do Oriente e do Ocidente'. Desde a quarta Cruzada (1202-1204) a relação só deteriorou entre a igreja católica do Oriente e do Ocidente, mas piorou com a queda de Constantinopla em 1453, pois cederam ao islamismo. A ortodoxia permaneceu forte na Rússia até o século XVII e XVIII, quando a igreja passou a ser uma instituição estatal. Com o ateísmo de Estado das nações comunistas, a igreja sofreu ainda mais.

As igrejas ortodoxas que não aceitam o Concílio de Calcedônia e constituíram o que se chama Igreja Ortodoxa Oriental são:

Igreja Ortodoxa Copta
Igreja Ortodoxa Etíope
Igreja Ortodoxa Eritréia (a leste da África)
Igreja Ortodoxa Síria (Jacobita)
Igreja Apostólica Armênia
Igreja Síria Malankara (Igreja Ortodoxa Indiana).

Conclusão sobre Roma e imperadores

O que podemos ver em todos os governantes foram as características mais marcantes de Roma desde a época da sua fundação até o dia da sua queda (tanto o império do Oriente quanto o do Ocidente): vaidade, pompa, arrogância, violência, crueldade, sede de conquista, ganância, ostentação de poder e uma ambição sem limites. Acima de tudo isso, havia uma idolatria tão grande que parecia impossível ter um espaço para Deus agir com libertação ali dentro, pois debaixo da ação de Principados e Potestades, até os imperadores com boa intenção mais cedo ou mais tarde eram levados a fazer coisas danosas para eles mesmos e para todos os cidadãos do Império. Este estudo nos dá uma idéia de como estas altas castas de demônios manipulam e oprimem nações, pois o pecado coletivo dá a eles a legalidade de agir com todo tipo de destruição: opressão emocional, mental e espiritual, crueldade de pessoas contra os seus semelhantes, muitas vezes até sem motivo, quer seja com guerras entre nações, quer com extermínio de certos grupos sociais por causa de diferenças religiosas.

Nós também vemos que naquela época o período de vida das pessoas era curto em relação ao de hoje, com uma alta taxa de mortalidade infantil e abuso demasiado de crianças, seja por causa de perversão sexual dos poderosos (pederastia), seja por causa da influência dos próprios pais que, como governantes, faziam seus filhos de sete a dez anos de idade irem à guerra junto com eles, não só causando um amadurecimento precoce, como também moldando seu caráter de forma a aceitarem aquele tipo de vida como um padrão normal a ser seguido. Quando não era a guerra, eram casamentos pré-escolhidos, prometendo uma filha ainda criança a algum imperador com o interesse de selar pactos políticos. Meninos se tornavam fantoches nas mãos de generais ambiciosos, sendo empossados como imperadores (césares) com meses de vida ou com quatro anos de idade. E depois morriam assassinados com 17 anos de idade por inveja da guarda pretoriana. Em outras palavras, a maioria das crianças e adolescentes não tinham escolha e, muitas vezes, cresciam com graves deformidades de caráter. É o exemplo de Calígula, que com três anos de idade já vestia uniforme de soldado e ia junto com o pai em suas batalhas. Quando cresceu, nós sabemos no que ele se tornou. É o caso de Heliogábalo que, com dois anos de idade foi nomeado sacerdote de El-Gabal (Elagabalus, em Latim; ou Heliogabalus em Grego, que era o 'Deus-Sol' sírio, chamado El-Gabal, em aramaico). O seu governo, mais tarde, foi um dos piores que Roma já enfrentou.

Os horrores da guerra e a crueldade das mortes e das execuções, muitas vezes, nos fazem ver até que ponto um ser humano pode se corromper. Isso não acontecia somente em relação a Roma, mas também por parte dos bárbaros habitantes das nações ao redor. A disputa de poder por trás do trono, muitas vezes, levava a execuções em massa de toda uma família por causa de um único membro com este tipo de deformação de caráter. Entre os imperadores mais cruéis do Império nós podemos citar: Tibério César, Calígula, Nero, Domiciano, Tito, Cômodo, Caracala, Diocleciano, Maximiano, Maximino Daia, Constante (o filho mais novo de Constantino I, principalmente no final do seu reinado), Constâncio II (o segundo filho de Constantino I que conspirou com a guarda pretoriana para exterminar a família após a morte do pai, justamente para não ter competidores ao trono), Constâncio Galo (primo de Constâncio II), Leão I [Leão, o Trácio, conhecido como Magnus Thrax (o 'Grande Trácio') por seus adeptos, e 'Macelles' ('o Algoz' ou 'o carniceiro') por seus inimigos. Leão I ganhou o apelido de 'Macelles' (o algoz) pela forma das mortes]; e muitos outros imperadores.

Outras características do império romano: 1) divórcio, adultério, separação, poligamia, casamentos por interesse, inclusive apoiados por líderes religiosos. 2) hipocrisia e religiosidade, por exemplo, Trajano: um ótimo imperador para o povo romano e péssimo para os cristãos. Antonino Pio foi denominado 'Pio' pelo fato de ter insistido na deificação de seu pai adotivo Adriano. Pulquéria, rainha do oriente, que se casou só por pressão do senado romano, mas fez voto de castidade para ser chamada de 'a imperatriz virgem', e assim mostrar a todos a sua devoção à Virgem Maria, a quem ela ergueu três igrejas. 3) perversões sexuais (sodomia, pederastia): Nero e Otão, os dois com Esporo como amante; Heliogábalo com Hiérocles, seu cocheiro; Adriano e seu amante Antínoo, a quem erigiu um templo no Egito depois da sua morte. Cômodo, bem como vários generais romanos, com outros amantes masculinos; alguns historiadores fazem menção à tendência homossexual de Constante (filho de Constantino, o grande). Houve heranças gregas influenciando Roma também: Alexandre Magno e seu amante Hefestião.

Mais do que foi falado até aqui, podemos notar:

• Lá atrás também havia inflação, desvalorização financeira e desigualdade social por causa de altos impostos, construções faraônicas, esbanjamento de dinheiro (como Calígula com suas festas palacianas, Nero com a casa dourada e o Colosso de Nero, Adriano construindo uma cidade helenística sobre as ruínas de Jerusalém, Caracala com suas termas, Cômodo com suas fantasias, e muitos outros imperadores com campanhas militares desnecessárias ou jogos ridículos nas arenas) e até leilão para se conseguir o título de imperador e para se comprar a lealdade da guarda pretoriana (Tito Flávio Cláudio Sulpiciano, Dídio Juliano e Marco Aurélio).

• Quando estudamos sobre o Império Selêucida e as revelações de Daniel capítulo 11, falamos sobre Antíoco IV como uma figura do Anticristo (sacrificou um porco – animal imundo – sobre o altar do templo e instalou uma estátua de Zeus lá dentro). Depois deste estudo sobre Roma, podemos descobrir mais alguns personagens: Calígula e Nero, se fazendo passar por deuses (Calígula pôs uma estátua de si mesmo no templo de Jerusalém), Tito (com a violência que destruiu Jerusalém e o templo e fez sacrifícios ali aos deuses romanos), Adriano (colocou no monte do templo – monte Sião – um santuário dedicado a Júpiter, Zeus para os gregos; e junto ao Gólgota (onde Jesus foi crucificado) ergueu-se um templo à deusa grega Afrodite, Vênus para os romanos), e mais uns dois ou três, com suas extravagâncias e manias de grandeza, almejando ser deuses.

Nós podemos perguntar:

— Por que Deus permitiu tudo isso?

— Eu não sei dizer a você o que se passa na mente de Deus e os Seus propósitos eternos, mas posso afirmar com certeza que Ele estava no controle de tudo e já naquela época fazia a justiça de uma maneira ou de outra. Podemos perceber que em Ap 17: 6 está escrito: "Então, vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus; e, quando a vi, admirei-me com grande espanto". Os servos de Deus na terra oravam e os mortos faziam a mesma pergunta: "Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram" (Ap 6: 9-11).

O altar ao qual a bíblia estava se referindo era o altar de bronze, onde eram realizados os sacrifícios de ofertas queimadas, ou seja, os holocaustos. Wesley explica a primeira parte do versículo como sendo os mártires mortos sob a Roma pagã, e os seguintes, os mártires mortos sob a Roma Papal. Em Ap 18: 21-24, Deus faz Sua justiça destruindo a cidade, à qual a bíblia chama de Babilônia: "Então, um anjo forte levantou uma pedra como grande pedra de moinho e arrojou-a para dentro do mar, dizendo: Assim, com ímpeto, será arrojada Babilônia, a grande cidade, e nunca jamais será achada. E voz de harpistas, de músicos, de tocadores de flautas e de clarins jamais em ti se ouvirá, nem artífice algum de qualquer arte jamais em ti se achará, e nunca jamais em ti se ouvirá o ruído de pedra de moinho. Também jamais em ti brilhará luz de candeia; nem voz de noivo ou de noiva jamais em ti se ouvirá, pois os teus mercadores foram os grandes da terra, porque todas as nações foram seduzidas pela tua feitiçaria. E nela se achou sangue de profetas, de santos e de todos os que foram mortos sobre a terra". No versículo 23b, a bíblia é bem clara: "porque todas as nações foram seduzidas pela tua feitiçaria".

Em Ap 19: 1-3, o lamento e o clamor são transformados em júbilo por causa da justiça de Deus: "Depois destas coisas, ouvi no céu uma como grande voz de numerosa multidão, dizendo: Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus, porquanto verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande meretriz que corrompia a terra com a sua prostituição e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos. Segunda vez disseram: Aleluia! E a sua fumaça sobe pelos séculos dos séculos".

Quanto às atrocidades cometidas pela Roma pagã, ao lermos as histórias de todos esses imperadores nós podemos ver que justamente aqueles que mais perseguiram os cristãos foram os que mais morreram de mortes violentas ou enfrentaram no seu reinado alguns desastres naturais, além das guerras contra povos bárbaros. Por exemplo:

• Tito Flávio Vespasiano Augusto (r. 79-81), que entrou em Jerusalém e destruiu o templo em 70 DC, e também é considerado como uma figura do Anticristo, enfrentou grandes desastres durante o seu período de reinado: a erupção do Vesúvio em 79 DC atingindo as cidades de Herculano, Pompéia, Oplontis e Estábia, e o incêndio de Roma de 80 DC.

• Valeriano I (r. 253-260), mesmo tendo sido preso pelos Sassânidas (persas) enviou duas cartas ao Senado Romano ordenando medidas contra os cristãos. Resultado: houve uma cruenta perseguição aos cristãos, mas a morte desse imperador como prisioneiro na Pérsia foi horrível: diz-se que foi esfolado e transformado num banquinho para os pés. Valeriano reinou durante o período conhecido como 'Crise do terceiro século' (235-284), quando Roma enfrentou uma pandemia de varíola ou sarampo, que também atingiu a Etiópia e Alexandria (Egito) e foi chamada de 'Peste de Cipriano', o bispo de Cartago (atual Tunísia) que a identificou. Neste período histórico, pode-se dizer que o Império enfrentou 50 anos de guerras civis, invasão estrangeira e um colapso na economia.

• No reinado de Teodósio II (Imperador do Leste – 408-450 DC), houve o saque de Roma pelos Visigodos em 410 DC.

• No reinado de Valentiniano III no Ocidente (425-455), Átila e seus hunos entraram na Itália em 452 DC. Mal Roma se viu livre deste ataque, em 455, Genserico, o rei vândalo da África, veio a cidade e matou muitas pessoas, levando como reféns para Cartago não apenas senadores e suas mulheres, como também a imperatriz Eudóxia e suas duas filhas: Eudócia e Placídia.

• Em 476, no reinado de Rômulo Augusto, Odoacro (rei dos Hérulos) pôs fim ao Império Romano do Ocidente e se tornou o primeiro dos reis bárbaros de Roma.

• No reinado de Basilisco (um usurpador reinando no leste – 475-476), Constantinopla sofreu um enorme incêndio, que destruiu casas, igrejas, e queimou completamente a grande biblioteca construída pelo imperador Juliano, o Apóstata (r. 360–363).

• No reinado de Justiniano I ou Justiniano o Grande (Imperador do leste – 527-565), tentando recuperar o Império do Ocidente que havia sido derrotado pelos bárbaros, foi frustrado na sua grande ambição e na avidez com que perseguia seus objetivos. No ano de 542 DC a peste bubônica atacou numa grande proporção as populosas cidades do Mediterrâneo Oriental. Dizem que até Justiniano contraiu a doença, mas sobreviveu. E em 551 DC, houve um terremoto no leste do Mediterrâneo, com tremores de Antioquia a Alexandria, o qual desencadeou um tsunami.

— O que são todos esses saques, guerras e desastres da natureza? Coincidência ou a mão de Deus fazendo justiça aos seus servos?

Se tudo isso ocorreu como uma explicação para Ap 6: 9 ("Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam"), por que Deus não fará justiça em relação à morte dos santos durante o período papal, como está descrito nos próximos versículos? ("Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram" – Ap 6: 10-11).

Este estudo foi feito para que as pessoas entendessem porque Deus chama Roma de meretriz. Porque, mais importante do que todas as abominações comentadas acima, existe uma insuportável para Deus, e se chama idolatria.

Desde a morte do apóstolo João (o último apóstolo de Jesus, que faleceu em 98 ou 100 DC), o Cristianismo original praticamente deixou de existir. Quando se despediu dos presbíteros de Éfeso (At 20: 17-35), Paulo os avisou que depois da sua partida penetrariam lobos vorazes entre eles, que destruiriam o rebanho, e dentre eles mesmos surgiriam (se levantariam) homens com heresias para roubar a fé dos discípulos e levá-los com eles (At 20: 29-30).

Era costume dos imperadores romanos se considerarem deuses, construindo templos para si ou deificando os imperadores ou imperatrizes que os antecederam:

• Caio Júlio César (49-44 AC)
• César Augusto (29 AC-14 DC)
• Tibério (14-37 DC)
• Calígula (37-41 DC)
• Vespasiano (69-79 DC)
• Nero (54-68 DC)
• Domiciano (81-96 DC)
• Plotina mulher de Trajano (98-117 DC)
• Ânia Galéria Faustina ou Faustina Maior, mulher de Antonino Pio (138-161 DC) foi deificada após sua morte (a dela).
• Antonino Pio (138-161 DC)
• Lúcio Vero (161-169 DC).
• Cômodo (180-192 DC)
• Septímio Severo (193-211 DC) fomentou o sincretismo religioso
• Cecília Paulina ou Diva Cecília Paulina Pia, esposa de Maximino Trácio (235-238 DC) foi deificada após sua morte (a dela).

• Gordiano I e II (238 DC)
• Valeriano (253-260 DC)
• Cláudio, o Gótico (268-270 DC) ergueu um templo ao Deus Sol (Sol Invictus, o deus dos soldados)
• Aureliano (270-275 DC)
• Diocleciano (284-305 DC)
• Prisca e Galeria Valéria, mulher e filha de Diocleciano (284-305 DC). Ambas foram canonizadas como santas cristãs.
• Maximiano (285-305 DC)
• Constantino I (324-337 DC)
• Constantina (também chamada de Constância e Constantiana), filha de Constantino I (324-337 DC) foi venerada como uma santa, Santa Constância (em italiano, Santa Constanza)
• Constâncio II (337-361 DC)
• Juliano o apóstata (361-363) favoreceu o paganismo (o Cristianismo já era uma das religiões oficiais do Estado)
• Graciano (375-383 DC)
• Flávio Eugênio (392-394), embora sendo cristão, ele foi o último Imperador a apoiar o politeísmo Romano (o Cristianismo já era uma das religiões oficiais do Estado)
• Elia Pulquéria (450-453 DC) foi canonizada.
• Maurício I (582-602 DC) foi canonizado pela Igreja Ortodoxa

O Cristianismo criado por Roma continuou a fazer a mesma coisa que se repetiu por séculos no Império Romano: deificação do imperador, idolatria humana (canonizando 'santos'), continuando a erguer estátuas de 'santos' da mesma maneira que os deuses greco-romanos eram esculpidos e colocados em lugares estratégicos para serem adorados; a vender indulgências (em palavras mais claras, conceder ao pecador os meios para se livrar das conseqüências dos seus pecados aqui na terra, antes que vá para o purgatório ou para o inferno); a ministrar os sacramentos para se conseguir a salvação (era a mesma coisa que se fazia no culto politeísta romano), ao invés de se firmar na única e mais simples maneira de conseguir isso: aceitando Jesus através da fé, como o único Deus e Senhor (Rm 10: 9-10).

No Novo Testamento não há menção a respeito de Papas, de adoração a Maria, de sua assunção, ou de Maria como co-redentora e mediadora; não há menção a respeito de canonização de ninguém como santo, tampouco menciona petição de bênçãos aos chamados santos; não faz menção à sucessão apostólica, às ordenanças da Igreja funcionando como sacramentos, ao batismo de bebês, à confissão de pecados a um sacerdote num confessionário dentro da igreja (cf. Tg 5: 16 – 'confessai os vossos pecados uns aos outros' pode se referir qualquer irmão em Cristo ungido com o Espírito Santo e com quem nós temos intimidade de abrir o nosso coração e orar junto); não fala sobre o purgatório, as indulgências ou a autoridade igual da tradição da Igreja e da Escritura. Idem para todas as festas que ela comemora como: o dia de cada 'santo', Corpus Christi etc.

Ações relacionadas ao principado 'Rainha dos Céus', e adorado pelo Catolicismo como Maria ou Nossa Senhora:
• Enfermidades.
• Prostituição física e espiritual (ecumenismo e aceitação de outros credos idólatras misturados com as verdades bíblicas); corrupção moral, material e espiritual.
• Rebeldia à autoridade e disputa de poder (invertendo as coisas e tomando para si a autoridade que pertence a Deus).
• Miséria, dor e sofrimento (martírio).

• Falsa profecia.
• Confusão.
• Religiosidade.
• Medo da morte.
• Descontrole emocional [influência da Potestade chamada Jezabel, em referência à esposa do rei Acabe, de Israel, mulher idólatra que adorava o mesmo principado acima descrito (Poste-ídolo – 1 Rs 18: 19; 1 Rs 16: 31-33), e cujos demônios sob sua autoridade são enviados para atormentar emocionalmente os homens]. É símbolo de imoralidade, carnalidade, lascívia, falsa profecia e todo o tipo de descontrole emocional.

A palavra "Babilônia", em Sumeriano, é escrito como kà-dingir-ra, que significa "porta de Deus"; e em hebraico é escrito como Bãbhel (Strong #894; Gn 10: 10; Gn 11: 9 – a torre de Babel), que provém da raiz hebraica bãlal (Strong #1101), significando "confusão" ou "mistura". A antiga Babilônia na Mesopotâmia era o centro político, comercial e religioso de um império mundial. Era conhecido por seu luxo e decadência moral.

Hoje, mais do que a antiga cidade de Babilônia na Caldéia com as suas prostituições espirituais, ou a cidade de Roma vista pelo apóstolo João como o símbolo de tudo o que representava uma força contrária aos ensinamentos de Cristo, nós podemos dizer que Babilônia representa esta força anticristã, o sistema mundial confuso, perverso e profano, antagônico ao Reino de Deus, usando não apenas a religião (a igreja apóstata, prostituída com as abominações mundanas, isto é, o sistema religioso do Anticristo), mas também os poderes seculares (como o sistema monetário mundial, o comércio e a política) para oprimir e tentar roubar a fé na palavra de Deus pregada por Jesus. Como no passado a Babilônia trouxe opressão e confusão sobre as pessoas, inclusive sobre o povo de Deus, ela traz hoje a mesma coisa, tentando oprimir e desviar os crentes do caminho que Deus traçou para eles. Os Principados e Potestades são os instrumentos do diabo para fazer isso. Muitos teólogos e historiadores resumem essa definição de Babilônia como: todo o sistema político, econômico e religioso do mundo em geral sob o domínio do Anticristo.

Apesar de todas as coisas ruins que mencionamos há algo bom a ser dito: a longanimidade de Deus existe. Quem mais esperaria tantos milênios para que uma humanidade se arrependesse e se voltasse para a verdadeira luz? A justiça de Deus existe, ontem, hoje e sempre, pois Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre (Hb 13: 8).

"Estarei sempre contigo para que tu leves minha presença e meu perfume aos carentes de vida e luz. Fala do meu amor, sobretudo, transpira o meu amor para que outros saibam que sou real. A linguagem do coração é mais sábia que a linguagem da mente. Achega-te mais a mim e te revelarei os segredos do meu coração".

Volumes 1 e 2 deste livro:
https://www.searaagape.com.br/deusestapresentenahistoria1.pdf
https://www.searaagape.com.br/deusestapresentenahistoria2.pdf